

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS
KAROLLINE CRISTINE REIS GARCES**

**“PANTEÕES”, “CULTURA” E “HISTÓRIA” EM UM DOMÍNIO DE ATUAÇÃO DA
“ELITE MARANHENSE”: A REVISTA IHGM**

São Luís - MA
2020

KAROLLINE CRISTINE REIS GARCES

**“PANTEÕES”, “CULTURA” E “HISTÓRIA” EM UM DOMÍNIO DE ATUAÇÃO DA
“ELITE MARANHENSE”: A REVISTA IHGM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Igor Gastal Grill.

São Luís - MA
2020

KAROLLINE CRISTINE REIS GARCES

**“PANTEÕES”, “CULTURA” E “HISTÓRIA” EM UM DOMÍNIO DE ATUAÇÃO DA
“ELITE MARANHENSE”: A REVISTA IHGM**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Maranhão para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

Orientador: Prof. Dr. Igor Gastal Grill.

Aprovado em: ____ / ____ / ____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Igor Gastal Grill (Orientador)
Universidade Federal do Maranhão

Jorge Luiz Feitoza Machado
Universidade Federal do Maranhão

Eliana Tavares dos Reis
Universidade Federal do Maranhão

RESUMO

“Panteões”, “cultura” e “história” em um domínio de atuação da “elite maranhense”: a Revista IHGM

A presente dissertação está inscrita em agenda de pesquisa desenvolvida no âmbito do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC) sobre intérpretes da “cultura” e da “história” maranhenses. Para tanto, toma como fonte uma publicação do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, a Revista IHGM. Foi analisado um conjunto de 45 números publicados e, com base nisso, localizados os agentes que se destacaram por assinarem um número significativo de artigos e identificadas as temáticas privilegiadas no periódico. Buscou-se apreender, assim, as mudanças ocorridas ao longo das diferentes fases do veículo, no que tange tanto aos perfis sociais, culturais e políticos dos principais colaboradores como aos conteúdos abordados pelos autores de textos.

Palavras-chave: Elites. Intérpretes. Política. Cultura. Revista IHGM.

ABSTRACT

“Pantheons”, “culture” and “history” in a field of action of the “elite of Maranhão”: the IHGM Magazine

This dissertation is part of a research agenda developed within the scope of the Laboratory of Studies on Political and Cultural Elites (LEEPOC) on the interpreters of Maranhão's "culture" and "history". To this end, it takes as source a publication from the Historical and Geographic Institute of Maranhão: the IHGM Magazine. A set of 45 issues published were analyzed and, based on this, the agents who stood out for signing a significant number of articles and identifying the privileged themes in the journal were located. We sought to understand, thus, the changes that occurred during the different phases of the publication, with regard to the social, cultural and political profiles of the main collaborators, as well as the subjects addressed by the authors of the texts.

Keywords: Elites. Interpreters. Policy. Culture. IHGM Magazine.

RÉSUMÉ

“Panthéons”, “culture” et “histoire” dans un champ d'action de “l'élite du Maranhão”: la revue IHGM

Ce mémoire de maîtrise fait partie d'un programme de recherche développé dans le cadre du Laboratoire d'études des élites politiques et culturelles (LEEPOC) sur les interprètes de la culture et de l'histoire du Maranhão. À cette fin, il prend comme source une publication de l'Institut historique et géographique de Maranhão, la revue IHGM. Un ensemble de 45 numéros publiés a été analysé et, sur cette base, les agents qui se sont démarqués pour avoir signé un nombre important d'articles et identifier les thèmes privilégiés de la revue ont été localisés. Nous avons cherché à appréhender, ainsi, les changements survenus au cours des différentes phases de sa véhiculation, tant au niveau des profils sociaux, culturels et politiques des principaux collaborateurs que des contenus abordés par les auteurs des textes.

Mots-clés: élites. Interprètes. Politique. Culture. Revue IHGM.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. FORMAÇÕES ACADÊMICAS DOS FUNDADORES.....	24
Quadro 2. CIDADES NATAIS DOS FUNDADORES	24
Quadro 3. CARGOS OCUPADOS PELOS FUNDADORES	24
Quadro 4. PROSOPOGRAFIA DOS SÓCIOS-FUNDADORES.....	30
Quadro 5. ARTIGOS REVISTA Nº 1 (1926).....	38
Quadro 6. ARTIGOS REVISTA Nº 2 (1948).....	40
Quadro 7. ARTIGOS DA REVISTA Nº 3 (1951)	42
Quadro 8. ARTIGOS DA REVISTA Nº 4 (1952)	42
Quadro 9. ARTIGOS DA REVISTA Nº 5 (1953)	44
Quadro 10. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1926 – 1953).....	48
Quadro 11. PROTAGONISTAS QUE SE DESTACARAM NO PERIÓDICO E OS SEUS ARTIGOS PUBLICADOS (1926-1953)	51
Quadro 12. ARTIGOS DA REVISTA Nº 7 (1984).....	58
Quadro 13. ARTIGOS REVISTA Nº 8 (1985).....	58
Quadro 14. ARTIGOS DA REVISTA Nº 11 (1986).....	59
Quadro 15. ARTIGOS DA REVISTA Nº 12 (1986).....	60
Quadro 16. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1984 – 1987).....	62
Quadro 17. ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO (1984 – 1987)	64
Quadro 18. ARTIGOS DA REVISTA Nº 15 (1992).....	69
Quadro 19. ARTIGOS DA REVISTA Nº 17 (1996).....	70
Quadro 20. ARTIGOS DA REVISTA Nº 18 (1997).....	72
Quadro 21. ARTIGOS DA REVISTA Nº 22 (1999).....	74
Quadro 22. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1992-1999).....	76
Quadro 23. ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO (1992 – 1999)	77
Quadro 24. REVISTAS PUBLICADAS ENTRE 2008 E 2013	84
Quadro 25. INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DOS PROTAGONISTAS DA REVISTA IHGM.....	88
Quadro 26. PRINCIPAIS PROTAGONISTAS NO SÉCULO XXI E SEUS ARTIGOS PUBLICADOS.....	92
Quadro 27. TEMÁTICAS E QUANTIDADES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO.....	95
Quadro 28. INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DAS PROTAGONISTAS DA REVISTA IHGM.....	98
Quadro 29. PRINCIPAIS PROTAGONISTAS NO SÉCULO XXI E SEUS ARTIGOS PUBLICADOS.....	102
Quadro 30. TEMÁTICAS E QUANTIDADES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO.....	104

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

IHGM - Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão

IHGB - Instituto Histórico Geográfico Brasileiro

AML - Academia Maranhense de Letras

ALL - Academia Ludovicense de Letras

ABL - Academia Brasileira de Letras

BPBL - Biblioteca Pública Benedito Leite

CPDOC - Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil

OAB - Ordem dos Advogados no Maranhão

SIOGE - Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado

UFMA – Universidade Federal do Maranhão

UEMA – Universidade Estadual do Maranhão

DERMA - Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Estado do Maranhão

DTSUL - Departamento de Transportes Urbanos de São Luís

ADESG - Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra

SECTI - Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Maranhão

IEMA - Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão

UNB - Universidade de Brasília

AMM - Academia Maranhense de Medicina

FACAM - Faculdade do Maranhão

UNDB - Ensino Superior Dom Bosco

UNICEUMA - Universidade Ceuma

FEBEM - Fundação do Bem-Estar Social do Estado do Maranhão

PT - Partido dos Trabalhadores

CRM/MA - Conselho Regional de Medicina

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos que apoiaram a realização deste percurso acadêmico e profissional. Destaco a relevância do Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da UFMA e a todo o corpo docente pela grandeza na condução do curso de mestrado e maestria das reflexões e discussões em sala de aula. Aprendi muito com os professores e colegas de turma que fizeram sempre debates de alto nível e contribuíram para o alcance de novos horizontes de aprendizado. Igualmente, agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pela bolsa de mestrado que viabilizou a dedicação integral ao mestrado, pois, sem esse auxílio seria inviável a minha permanência no curso.

Acrescento a relevância do Laboratório de Estudos sobre Elites Políticas e Culturais (LEEPOC) que contribuiu intensamente para o meu avanço e desenvolvimento sobre os estudos em Ciências Sociais. E favoreceu as discussões, o espírito crítico e o aprimoramento profissional nessa jornada. Em especial, desejo manifestar meu profundo agradecimento ao orientador desta dissertação, o professor Igor Gastal Grill, com a sua excelência e rigor acadêmico, que exerceu um papel fundamental na condução desse processo, se dedicou a comentar todos os detalhes dessa produção e ler sucessivas vezes as diversas versões do trabalho. Nas trilhas afiadas da pesquisa, das análises e da escrita científica, compreendi que o aprendizado é uma jornada e não um destino. E o crescimento é diário e permanente. Certamente o professor Igor é uma inspiração para mim, pois, tive a honra de aprender com um dos grandes profissionais da Ciência Política ao longo desses anos. Sentirei muitas saudades de todos.

Enfatizo neste agradecimento que este percurso não seria possível sem o apoio e amor da minha mãe, irmão e melhores amigos, que são o sustentáculo do meu caminhar pelo mundo. Apesar de todos os percalços e contratempos que surgiram nessa jornada acadêmica, encontrei a delicadeza e a fé nas entrelinhas para seguir adiante. Gratidão aos envolvidos que tornaram esse projeto possível.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	11
CAPÍTULO I – O HISTÓRICO DA REVISTA IHGM	21
1.1 OS FUNDADORES DA ENTIDADE E DA REVISTA IHGM.....	22
1.2 A REVISTA DA ENTIDADE DURANTE O PERÍODO DE 1926-1953....	36
1.3 OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DA REVISTA ENTRE OS ANOS 1926 E 1953.....	46
CAPÍTULO II – A REVISTA DA ENTIDADE ENTRE OS ANOS 1984 E 1999.....	53
2.1 OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DA REVISTA DE 1984 A 1987 ...	61
2.2 A REVISTA DA ENTIDADE ENTRE OS ANOS DE 1992 E 1999.....	66
2.3 OS PROTAGONISTAS DA REVISTA DE 1992 A 1999	74
CAPÍTULO III – A REVISTA IHGM NO SÉCULO XXI E OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS	80
3.1 – BREVE HISTÓRICO DO PERÍODO RECENTE.....	81
3.2 – OS ARTIGOS PUBLICADOS DOS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DO SÉCULO XXI	87
CAPÍTULO IV – AS ENTREVISTAS COM OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DO SÉCULO XXI (INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS)	109
4.1 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE ANTÔNIO JOSÉ NOBERTO DA SILVA	109
4.2 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE LEOPOLDO GIL DULCIO VAZ.....	122
4.3 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE JOSÉ MÁRCIO SOARES LEITE	134
CAPÍTULO V – ONDE AS PRÁTICAS ACONTECEM: A DINÂMICA DO IHGM E O PERIÓDICO DE BAIXA CIRCULAÇÃO SOCIAL	146
CONSIDERAÇÕES FINAIS	167
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	173

INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho é investigar o perfil da revista vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, entidade cultural de destaque no estado, cuja existência remonta ao início do século XX, e se constituiu em *domínio* de atuação da “elite maranhense”. Para tanto, foi analisado um conjunto de 45 números publicados e, com base nisso, localizados os agentes que se destacaram por assinarem um número significativo de artigos, e identificadas as temáticas privilegiadas no periódico. Buscou-se apreender, assim, as mudanças ocorridas ao longo das diferentes fases do veículo, no que tange tanto aos perfis sociais, culturais e políticos dos principais colaboradores como aos conteúdos abordados pelos autores de textos.

O interesse em analisar o perfil dessa instância de atuação está vinculado à composição de agentes que estão envolvidos no empreendimento desde sua fundação, uma vez que esse grupo de “vultos” – situado no rol de porta-vozes da “memória maranhense” –, tem contribuído para continuidade da Revista IHGM, na medida em que participa da definição e difusão de ideias sobre os “panteões”, a “cultura”, a “história” e a “geografia” do estado. Nesse espaço, ao mesmo tempo, os membros são consagrados e consagram interpretações/leituras sobre o estado.

Nesse viés, destaca-se a relevância de dialogar com estudos consolidados acerca das elites políticas e culturais que nos fornecem melhores condições de compreender o universo empírico investigado, sobretudo, acerca dos processos de construção do periódico em pauta, dos principais protagonistas envolvidos com a manutenção da revista, das lógicas de atuação desses agentes atuantes também em diferentes domínios sociais e comprometidos com outras instâncias de consagração. Além disso, o referencial analítico evidenciado nesta dissertação nos auxilia na reflexão dos mecanismos de consagração desses intérpretes regionais autorizados.

Desse modo, a adoção da abordagem teórica de Pierre Bourdieu neste trabalho se justifica em razão das suas contribuições teórico-metodológicas, fornecendo as ferramentas sociológicas necessárias para refletir acerca das relações de interdependência entre os condicionantes materiais e simbólicos intervenientes no universo empírico investigado. Portanto, servindo de arcabouço analítico para a compreensão das bases da autoridade de pessoas e discursos.

Nesse sentido, é importante destacar que há rituais sociais que legitimam o protagonismo de agentes, tendo em vista que os ritos institucionais exercem eficácia simbólica. Assim, modificando a conduta desses agentes, em virtude da investidura recebida, bem como o reconhecimento que os demais agentes lhe conferem (BOURDIEU, 1996). Destaca-se, ainda, que a entrada nesses lugares impõe uma definição social, uma identidade:

Assim, o ato de instituição é um ato de comunicação de uma espécie particular: ele notifica a alguém sua identidade, quer no sentido de que ele a exprime e a impõe perante todos ("kategoresthai" significa, originariamente, acusar publicamente), quer notificando-lhe assim com autoridade o que esse alguém é e o que deve ser (BOURDIEU, 1996, p. 101).

Compreende-se que a *magia social* advinda dos ritos institucionais “consegue fazer crer aos indivíduos consagrados [...] que sua existência serve para alguma coisa” (BOURDIEU, 1996, p.106). Igualmente, o ato da magia social também é verificado nas delimitações sobre a “região”. Destacamos que os agentes autorizados por essas instâncias culturais possuem uma forte tendência de fabricar definições da “região”, pois são construtores da identidade regional. Nessa trilha, Bourdieu (1996) indica que a força da representação social se constitui mediante os interesses de agentes que investem nas estratégias de manipulação de bases objetivas e subjetivas de pertencimento e disputam as representações sociais. Isso está ligado à edificação de estruturas simbólicas relativas à *origem e à história*, além da busca desses agentes pelo monopólio do poder de nomeação:

O móvel de todas essas lutas é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de di-visão que, tão logo se impõem ao conjunto de um grupo, estabelecem o sentido e o consenso sobre o sentido, em particular sobre a identidade e a unidade do grupo (BOURDIEU, 1996, p. 108).

Do mesmo modo, no bojo dessas lutas, a memória nacional e regional ganha destaque, pois, segundo Pollack (2012), a memória deve ser concebida como um fenômeno coletivo e social, não somente como um fenômeno individual. Ela advém de estruturas do jogo político e representa um objeto de disputas importantes.

Além de um fenômeno construído social e individualmente, a memória é um elemento que integra a identidade, a compõe. Portanto, a dimensão identitária é fundamental para o sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou

coletividade. Algo também importante a lembrar, como pontua Pollack (2012), é que a memória assim como a identidade são valores disputados no mundo social:

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros. Vale dizer que a memória e a identidade podem perfeitamente ser negociadas, e não são fenômenos que devam ser compreendidos como essências de uma pessoa ou grupo. Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos (POLLACK, 1992, p. 204-205).

Bourdieu (1996) demonstra a importância de compreender a ação dos personagens dotados de notoriedade para participar desses embates de construção e identificação, tendo em vista que os porta-vozes e mediadores possuem o discurso oficial e legítimo, e são capazes de exercer efeitos específicos mediante a “fala” autorizada. O êxito de rituais sociais ou de discursos performáticos depende de fatores interdependentes, entre eles: o “poder” que o locutor possui, ou seja, o reconhecimento que é conferido a ele. Levando isso em consideração, podemos compreender a eficácia simbólica de um discurso ou definição regional, pois os agentes autorizados a fazê-lo possuem as devidas competências, as condições e os recursos para tal e são recebidos como porta-vozes legítimos da “causa” (BOURDIEU, 1996).

Isso é verificado nos espaços autorizados da cultura, definidos por Reis (2010) como lugares conflagrados de disputas por autoridade legítima. Os agentes, nesses domínios sociais, buscam definir categorias sociais, como a “cultura regional”. E, visando compreender as práticas, os recursos detidos e as representações construídas por porta-vozes da “cultura”, segundo a autora, torna-se necessário dispor de uma perspectiva relacional e examinar os repertórios de mobilização, os espaços de inserção e os perfis sociais dos agentes, assim como seus investimentos e estratégias visando conquistar posições privilegiadas nos domínios de produção cultural e de intervenção política.

Compreende-se que os processos e investimentos na construção de uma realidade nacional ou regional, de “projetos” e concepção de “sociedade”, é efetivada por intelectuais que, pelas características da configuração histórica da qual são o resultado, podem assumir determinados lugares de liderança. Eles se tornam um

segmento autorizado para conduzi-la, com habilidades reconhecidas e aptidões legítimas, construindo inclusive a produção dos mitos e enredos da “nação” ou “região”, como indicou Pécaut (1990).

Alguns trabalhos já salientaram como instâncias culturais e científicas se constituem em espaços de concorrências e disputas por notoriedade/autoridade/reconhecimento para interpretar a vida social e perpetuar imagens e “vultos”.

Quintella (1984) é referência importante para nosso estudo, pois a autora produziu o mapeamento de instituições culturais mais antigas e mais recentes (Conselho Federal de Cultura, Academia Brasileira de Letras e Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro), que trabalham no sentido de salvaguardar a “cultura” e também de exercer o papel de sua divulgação. Em seu estudo, ela examina o funcionamento das organizações; do grupo dirigente envolvido nessas instituições; e da legitimidade dos membros que o compõem. Com o intuito de compreender as lógicas de seleção, de estruturação dessas entidades e de fabricação da identidade da elite cultural no Brasil, Quintella efetua a análise dos dirigentes envolvidos nessas instâncias culturais. Exercício semelhante ao empreendido nessa dissertação.

Outro estudo importante e inspirador é o realizado por Coradini (2005) sobre a Academia Nacional de Medicina, no Brasil, importada de centros europeus, no qual ele estuda a trajetória da organização e de seus membros, a constituição da medicina brasileira e as suas relações com outros segmentos da vida social, assim como as mudanças, adaptações e a constituição de novos significados e funções em dinâmicas culturais distintas dos grandes centros europeus. O autor demonstra como relações pessoais, distinções culturais personificadas e posições políticas se sobrepõem à atividade profissional como critério de seleção nesse domínio.

Nesse segmento, destacamos o estudo efetivado por Almeida (2008) que propõe um esquema analítico acerca da representação dos produtores intelectuais consagrados e a sua eficácia. De certa forma esse estudo se mostra relevante para este trabalho, pois nos permite refletir acerca dos notáveis que construíram determinadas categorias sobre o Maranhão mediante o prisma da decadência da lavoura e instituíram interpretações oficiais sobre a região.

Destaca-se, nesse universo de pesquisas tomadas como referências, as reflexões que já vêm sendo realizadas no LEEPOC, ao longo dos últimos anos,

referentes às lógicas e aos princípios que estruturam os *domínios de atuação das elites* (GRILL e REIS, 2018), e que estão na base do desenvolvimento deste trabalho.

A ideia de *domínios* foi proposta por Grill e Reis (2018) como uma alternativa viável à aplicação direta da noção de *campo*. Tendo em vista que o conceito bourdieusiano, em primeiro lugar, implica na existência de fatores destoantes de dinâmicas sociais como a brasileiras, com características configuracionais distintas das europeias, e, em segundo lugar, ele não contempla determinadas dimensões analíticas referentes aos diferentes e conectados segmentos de elites. Dessa forma, a noção de *domínios* permite refletir acerca das configurações diferenciadas e da compreensão da pluralidade dos agentes que estão em trânsito constante em diferentes *domínios*:

Assim, a ideia de *domínio* parece mais adequada à pretensão de postular reenquadramentos nas estratégias de construção de objetos e de formulação de problemáticas acerca de múltiplos e versáteis segmentos de elites. E de investigar os perfis heterogêneos e a multiplicidade de recursos, lógicas, práticas, posições e posicionamentos que condicionam o trânsito, a decadência ou a ascensão dos seus “notáveis”. (GRILL e REIS, 2018, p.196.).

Esses domínios, caracterizados como de justaposição de lógicas e princípios, são marcados por *multidimensionalidades*, *multiposicionalidades* e *multinotabilidades* (GRILL e REIS, 2016), que são três níveis de análise necessários para a melhor compreensão do objeto a ser investigado. A *multidimensionalidade* faz referência às lógicas de ação e às práticas sociais dos agentes desenvolvidas em domínios distintos; a *multiposicionalidade* às posições concentradas pelos agentes nas tantas inscrições em instâncias ou lugares variados decorrentes do acúmulo de trunfos pelos agentes; e a *multinotabilidade* aos reconhecimentos por eles desfrutados a partir desses pertencimentos a variados domínios sociais, garantindo-lhes prestígio e estima individual.

No âmbito dessa agenda coletiva constituída no âmbito do LEEPOC, a partir do artigo pioneiro de Grill e Reis (2017) e de Reis (2014), uma série de trabalhos têm dado continuidade à análise dos porta-vozes da cultura no Maranhão, em conexão com distintos domínios sociais, como as teses de Machado (2019) e Matos (2020) e na dissertação de Barroso (2017). Os/as autores/as investigam a produção de memórias, da identidade regional e a edificação de “panteões” no Maranhão, a partir de domínios culturais, científicos, políticos e religiosos, visando compreender as

lógicas e os recursos mobilizados por esses agentes, bem como o funcionamento das dinâmicas sociais de diferentes instituições maranhenses.

A importância desses estudos para o trabalho em pauta reside na operacionalização do esquema analítico voltado à caracterização dos perfis de protagonistas desses domínios específicos e do trabalho de construção da memória regional. Parâmetros que serão considerados nesta dissertação.

Grill e Reis (2017) abordaram a construção de “panteões” da “cultura” através da análise dos perfis de membros da Academia Maranhense de Letras e de porta-vozes da cultura popular no Maranhão reunidos em dois livros hagiográficos. Os pesquisadores investigaram: as posições sociais e políticas dos agentes; as estratégias de estruturação das “obras” laudatórias; as classificações atribuídas aos personagens; e os conteúdos e definições presentes nessas publicações. Isso com o intuito de compreender os condicionantes de afirmação, as lógicas de atuação e os mecanismos de consagração mobilizados por agentes que se constituem como intérpretes autorizados da “cultura” e da “memória” regionais.

Seguindo a mesma agenda, Machado (2019) investigou as lógicas e estratégias de consagração social da “memória” e da identidade Franciscana no Maranhão, com vistas a apreender os mecanismos de funcionamento de um domínio social igualmente perpassado por lógicas de hierarquização, estratégias de afirmação coletiva e individual e princípios de concorrência. Do mesmo modo, Matos (2019; 2020), com o intuito de apreender a complexidade da dinâmica de fabricação de “memórias” no Maranhão, examinou os perfis sociais de intérpretes da “cultura popular”, por intermédio da coleção intitulada “Memórias de Velhos”, considerada como lugar e estratégia de edificação de identidades regionais empreendida por agentes ligados por redes de relações e instituições. Por fim, Barroso (2017) analisou a configuração da Academia Maranhense de Ciências (AMC) mediante o exame dos perfis sociais de notáveis da ciência no Maranhão biografados em livro lançado no momento de fundação da entidade. A autora buscou revelar quais as qualidades sociais que pesam para o recrutamento dos membros da entidade.

Nossa fonte primordial não são livros, como nos trabalhos acima citados, e sim uma revista. Por isso, outro estudo importante para esta dissertação é o realizado por Parpet (2019), que abordou a criação e a produção da revista *Economie Rurale*. A autora examinou os artigos produzidos, seus enunciados, a identidade social dos

autores, entre outros elementos pertinentes à compreensão das dimensões de estruturação de um segmento social, conforme evidencia:

Mais precisamente, desejamos ver, através do filtro constituído pela revista, o papel das instituições de pesquisas e dos cientistas que contribuíram para a mudança radial vivenciada pela França rural [...] (PARPET, 2019, p. 56).

Dessa forma, a importância da investigação de Parpet para nosso estudo está ligada à operacionalização efetivada pela autora, que realiza a caracterização do espaço social no qual surge a revista. Da mesma forma, ela examina o conteúdo publicado e ressalta as transformações ocorridas no veículo. Trilha que buscamos percorrer nessa dissertação.

Parpet (2019) discorre acerca da origem da *Economie Rurale*, inicialmente ligada à *Société Française d'Economie Rurale*, criada em 1814, que possuía uma diretriz específica e utilizava a revista como forma de expressão dos debates acerca da economia rural francesa, que ocorriam entre os sócios pertencentes à associação. A autora também destaca, em sua investigação, as mudanças ocorridas desde o conteúdo do primeiro número da revista até o perfil de cientificidade que o periódico assumiu ao longo de sua existência, bem como o perfil de protagonistas que a produziram. Desse modo, ela averiguou em que medida a revista impõe determinados tipos de modelos e parâmetros ligados às práticas e às atividades econômicas da sociedade francesa. Logo, o estudo de Parpet (2019) nos inspira por também tratar um empreendimento editorial secular que possui diferentes fases de protagonistas e, conseqüentemente, variações em seu conteúdo.

Nesse sentido, alguns instrumentos de análise foram mobilizados, como técnicas de coleta/sistematização de dados, neste trabalho, entres os quais estão: o uso do método da prosopografia coletiva (CHARLE, 2006); a observação realizada *in loco*; e entrevistas.

Destacamos a utilização, como principal fonte de dados e objeto de análise, os números da revista publicados de 1926 a 2017, totalizando 45 números, com a finalidade de apreender o conteúdo presente na revista e os agentes que assinaram os artigos publicados; fatores importantes para a caracterização do universo ora analisado. Além disso, duas revistas serviram como fontes de dados biográficos dos agentes examinados, as Revistas eletrônicas intituladas: “Perfil dos sócios –

ocupantes de cadeiras”, volume I, e “Perfil dos sócios-patronos”, volume II, ambas publicadas em 2013 e disponíveis na plataforma *online* issuu.

Ademais, como complemento à coleta de dados biográficos, foi importante acessar o *site* do Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) e alguns *sites* de academias maranhenses, como, por exemplo, a Academia Maranhense de Letras (AML), entre outras.

Desse modo, a operacionalização da investigação desdobrou-se em várias etapas. Inicialmente foi preciso realizar visitas ao prédio do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), onde se encontra o acervo documental da entidade, disponível para pesquisadores (as), com o intuito de acessar os números do periódico. Também foi importante acessar o *Arquivo Público do Estado do Maranhão* (APEM) para obter informações sobre alguns números do veículo. A partir desse acesso, em ambos os lugares, mas principalmente no prédio do IHGM, conseguimos reunir boa parte do material essencial, a exceção da Revista nº 6, que não foi encontrada em nenhum dos acervos visitados.

Na sequência, de posse do material recolhido, foi construído um banco de dados com o intuito de mapear todos os artigos publicados na revista IHGM e seus respectivos autores ao longo das décadas de existência do periódico. Depois, conseguimos organizar um segundo banco de dados no qual revelamos quantos e quais agentes se destacaram em cada década a partir da quantidade de artigos publicados na revista e quais os temas são predominantes nos textos.

Mais adiante, por intermédio da organização do segundo banco de dados e, também, com base nos dados biográficos recolhidos nas fontes já mencionadas, construímos os quadros prosopográficos dos protagonistas de cada década, com a finalidade de compreender seus perfis sociais, culturais e políticos. Verificando, assim, em que medida os temas prevaletentes possuem ligação com os títulos, inscrições culturais e pertencimentos que acumularam, bem como com as ocupações que exerceram. Salienta-se que nos quadros prosopográficos priorizamos as variáveis necessárias para compreender os condicionantes sociais desses agentes, entre as quais estão: origem social, local e data de nascimento, ascendentes pelo lado paterno e materno com destaque nos domínios políticos e culturais, formação escolar e acadêmica e as ocupações exercidas em diferentes domínios sociais.

E, por fim, foram realizadas seis entrevistas com os protagonistas do século XXI, durante o ano de 2019. Para as quais construímos um roteiro dividido em eixos

que contemplaram: a origem familiar, a escolaridade, as atuações diversas, os vínculos com outras entidades culturais, o ingresso no IHGM, os artigos publicados na Revista IHGM, os livros publicados, etc.

No que se refere à composição da dissertação, está organizada em cinco capítulos.

O primeiro capítulo trata da edificação e da manutenção do periódico no século XX, no qual examinamos as primeiras gerações que conduziram a entidade e publicaram os primeiros artigos na revista. Tratamos de compreender os artigos prevaletentes publicados no periódico de 1926 a 1953. Verificou-se que o grupo fundador priorizava conteúdos, sobretudo, ligados à “história maranhense”. O segundo grupo, por sua vez, que apareceu em meados dos anos 1950, dá início a temáticas mais específicas, como: a área médica, as práticas culturais, o estudo da etnografia, etc. E no que se refere à geografia, o conteúdo passa a ser mais específico da área.

No segundo capítulo evidenciamos o período da revista de 1984 a 1999, no qual são apresentados os principais protagonistas e a constatação de um rol de temáticas diferentes daquelas dos protagonistas das “gerações” anteriores. Nesse contexto, entre os anos de 1984 a 1987, notamos que os agentes priorizavam temáticas ligadas às figuras ilustres da “cultura”, da “política” e da “história”, sobretudo do Maranhão, não verificadas no período anterior. A ênfase passa a ser, então, a construção de “panteões”. Do mesmo modo, de 1992 a 1999 notamos que o conteúdo, embora com certa variedade de temas (história maranhense; educação; família; ciências jurídicas, etc.), mantém uma tendência semelhante ao período passado (1984-1987) no que se refere à exaltação dos “ícones maranhenses”, em forma de homenagens e consagrações.

Já no terceiro capítulo tratamos das mudanças ocorridas no século XX e destacamos os principais protagonistas desse período. São quatro agentes do sexo feminino e seis agentes do sexo masculino, que compartilham a publicação de vários artigos: Joseth Coutinho Martins de Freitas, Eneida Vieira Ostría de Canedo, Dilercy Aragão Adler, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo, Edomir Martins de Oliveira, Osvaldo Pereira Rocha, Aymore de Castro Alvim, Antônio Noberto, José Márcio Soares Leite e, por fim, Leopoldo Gil Dulcio Vaz.

Por meio dos dados biográficos, foram retratadas as principais diferenças entre os agentes do sexo masculino e feminino e, também, como as mulheres, mesmo em

minoria, ergueram um novo perfil social e de conteúdo dos artigos com a sua entrada na entidade. Neste contexto, percebemos, entre os homens, a preferência por temáticas sobre história do Maranhão e do Brasil, além de temas relacionados à área médica e jurídica, bem como os artigos de homenagens às “figuras célebres” do Maranhão. Já entre as mulheres, as temáticas prevaletentes são educação e literatura, distintas dos agentes masculinos; sem descuidarem-se de artigos honoríficos, pois também homenageiam os “ilustres maranhenses”.

Quanto ao quarto capítulo, nele apresentamos, de acordo com os dados recolhidos em entrevista, os perfis dos principais protagonistas do século XXI. É importante esclarecer que as justificativas iniciais à escolha dos entrevistados estavam vinculadas à análise dos personagens do periódico que se destacaram quanto às publicações nos anos 2000. No entanto, nem todos os agentes foram acessíveis. E, por esse motivo, novas estratégias foram adotadas em relação aos caminhos da pesquisa. Conseguimos que alguns concedessem as entrevistas, entre os quais estão: Leopoldo Gil Dulcio Vaz, Antonio Noberto e José Márcio Soares Leite, que são casos apresentados nesta dissertação e que concederam entrevistas gravadas. Com Dilercy Aragão Adler não foi possível fazer uma entrevista gravada, pois ela não permitiu o registro. Todavia, tivemos uma conversa informal e ela compartilhou o seu material biográfico por *e-mail*. As demais entrevistas concedidas – Raimundo Palhano e Ruy Palhano – não foram utilizadas para a reconstituição dos seus perfis, mas foram igualmente úteis na análise do universo. Portanto, contou-se com 6 depoimentos no total para explorar o funcionamento da entidade, o lugar da revista e a relação dos agentes tanto com a instituição como com o periódico.

E, finalmente, no quinto capítulo evidenciaremos a dinâmica do grupo em destaque, por intermédio das observações e anotações realizadas *in loco*, durante as visitas ao prédio da entidade, as solenidades e palestras acompanhadas, entre outros eventos organizados pelo IHGM. A partir disso, permitiu-se compreender as lógicas e práticas dos agentes envolvidos na condução da entidade e da revista em questão.

CAPÍTULO I – O HISTÓRICO DA REVISTA IHGM

O objetivo deste capítulo é evidenciar e compreender as lógicas de investimento no desenvolvimento do periódico vinculado ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) a partir das primeiras gerações de agentes que o produziram. Nesse sentido, procedeu-se à sistematização dos dados referentes a esses protagonistas. Entre as variáveis trabalhadas, estão: as inscrições sociais, culturais e políticas e as múltiplas ocupações exercidas em diversos domínios da vida social.

Seguindo este caminho, são expostas as análises referentes às revistas publicadas entre os anos de 1926 e 1953. Além disso, mediante as informações já mencionadas, no referido período, compreendeu-se, de forma mais sistematizada, quais são os perfis dos agentes envolvidos na sua existência; as temáticas prevaletentes; e as mudanças que ocorreram no trajeto da publicação examinada.

A seguir estão as capas de alguns dos exemplares pesquisados:



Imagem 1. Revista IHGM nº46, 2017

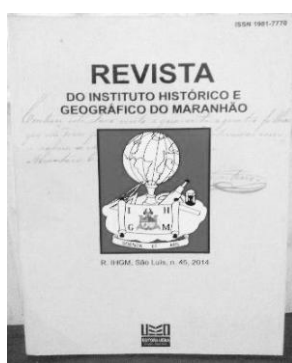


Imagem 2. Revista IHGM, nº45, 2014



Imagem 3. Revista IHGM, nº23, 2000



Imagem 4. Revista IHGM, nº28, 2008



Imagem 5. Revista IHGM, nº18, 1997

1.1 OS FUNDADORES DA ENTIDADE E DA REVISTA IHGM

Para compreender os condicionantes de afirmação desse tipo de revista e de instituição no Maranhão, torna-se relevante observar a gênese dessa entidade. Por isso, é importante apurar os dados da primeira geração de protagonistas, responsáveis pela elaboração do periódico nº 1. Esse primeiro grupo nos fornece algumas bases de entendimento acerca da implantação da revista, que teve a finalidade estatutária de difundir interpretações ou versões sobre a história e geografia maranhense, em um primeiro momento. Objetivos que foram modificados posteriormente.

Com efeito, é necessário situar que o Instituto Histórico Geográfico do Maranhão (IHGM) é o reflexo do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro (IHGB), fundado em 21 de outubro de 1838, modelo importado e descendente de entidades congêneres da Europa. Com essa inspiração estrangeira, no Brasil, são criados institutos por distintas regiões, conhecidos naquele período como institutos provinciais.

De acordo com o estudo de Guimarães (1988), o IHGB foi estabelecido no interior da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (SAIN) pelo militar português Raimundo José da Cunha Matos, que ocupou o cargo de primeiro-secretário na SAIN, e Januário da Cunha Barbosa, jornalista, poeta, político, e o primeiro secretário do IHGB.

Guimarães (1988) ao examinar o projeto historiográfico implementado pelo IHGB no século XIX investiga os processos de consolidação do Estado Nacional, o interesse das elites políticas em construir um projeto de sistematização da história brasileira e também aborda sobre o desenvolvimento das práticas científicas e as diferenças entre a Europa e o Brasil. Dentre essas diferenças, o autor enfatiza que nos centros europeus as discussões científicas se concentravam nas universidades, enquanto que no Brasil o palco dessas produções científicas acontecia nas academias, compostas, majoritariamente, por “eleitos” a partir de relações sociais.

O autor ressalta também que os responsáveis por essa produção e construção da história nacional adivinham do interior das elites políticas e sociais da época, recrutados por via de relações pessoais e ocupavam o topo da pirâmide social. Bem como detinham recursos para esclarecer o retrato da vida social para o resto do país. Ademais, o autor reitera que essa entidade desempenhou um papel na construção de

determinadas interpretações homogêneas sobre a historiografia brasileira e contribuiu com a formação de representações e mitos nacionais (GUIMARÃES, 1988).

Ainda sobre essa reflexão, torna-se relevante compreender o fluxo de importações de modelos para o Brasil, pois, isso nos fornece elementos para apreender a adaptação dessas entidades construídas sob o reflexo de instâncias congêneres europeias, como é o caso do IHGB, espelhado no Institut Historique de Paris.

Nesse sentido, alguns estudos se mostram importantes para essa reflexão acerca das dinâmicas sociais que foram arquitetadas através de modelos institucionais estrangeiros e descoladas de seu retrato sócio histórico, como é o caso do Brasil e demais sociedades colonizadas pelo continente europeu.

Essa problemática é levantada por Badie & Hermet (1993) ao afirmar que as *dinâmicas órfãs* são compostas por sociedades que são caracterizadas pela importação de modelos de instituições produzidos em outro contexto sócio-político e implementadas em países que não possuem estruturas sociais condizentes para o funcionamento dessas instituições.

Equivalentes a essa reflexão podemos citar autores que aprofundaram seus estudos acerca dessa temática. Entre eles estão: Anjos (2003), Grill e Reis (2017) e Azevedo (2017). Todos os autores nortearam os seus estudos acerca da sociologia da importação e compreensão das elites intelectuais e políticas em configurações discrepantes, com o objetivo central de compreender as lógicas de atuações e práticas desses agentes em diferentes domínios sociais.

Dessa forma, Anjos (2003) analisa o processo de construção da identidade nacional em Cabo Verde no qual compreende o intenso fluxo de importação de modelos e símbolos europeus para a sociedade Cabo Verdiana e as problemáticas vigentes, como as disputas em torno da mediação cultural e política no país.

Na sequência, Grill e Reis (2017) refletem acerca dos processos de consolidação e institucionalização de organizações partidárias, como a Fundação Perseu Abramo do Partido dos Trabalhadores, e investigam os padrões e lógicas de agentes que se engajaram intensamente nessas entidades, bem como se dedicaram na análise dos repertórios oficiais da condição de intelectual no país.

E por fim, Barroso (2017) que investiga o percurso da Academia Maranhense de Ciências (AMC), localizada num contexto periférico semelhante ao do Instituto Histórico, a composição dos agentes engajados nessa entidade e a trajetória de

alguns dos protagonistas da Academia, os espaços de disputas e a legitimidade do papel de intérpretes autorizados no domínio científico e cultural.

Nesse sentido, considerando o IHGB uma instituição que se afirmou no país e o IHGM seu espelho, nota-se que as suas finalidades convergem com relação à constituição de uma história nacional “oficial” (SCHWARCZ, 1993).

O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) foi fundado em 2 de dezembro de 1925. E os seus precursores foram: Antônio Lopes da Cunha, Arias de Almeida Cruz, José Eduardo de Abranches Moura, Benedicto de Barros e Vasconcellos, Domingos de Castro Perdigão, José Domingues da Silva, José Ferreira Gomes, José Pedro Ribeiro, Justo Jansen Ferreira, José Ribeiro do Amaral e Wilson da Silva Soares. Vale sinalizar que o principal líder era Antônio Lopes da Cunha, considerado o idealizador do instituto e do periódico.

Dentre os dados recolhidos em domínios públicos e informações retiradas dos periódicos do Instituto Histórico acerca dos onze precursores do IHGM, observamos que há uma predominância de agentes oriundos do Maranhão, com formação acadêmica em cursos tradicionais, ligados à prática docente e envolvidos com o âmbito jornalístico e com o serviço público, como se observa nos quadros a seguir.

Quadro 1. FORMAÇÕES ACADÊMICAS DOS FUNDADORES FUNDADORES

Formações acadêmicas dos precursores	
Ciências Jurídicas	1
Medicina	1
Jornalismo	1
Engenharia	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Quadro 2. CIDADES NATAIS DOS FUNDADORES

Cidades Natas dos fundadores	
São Luís	3
Cidades do Interior do Maranhão	4
Informações não encontradas	3
Outro Estados	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Quadro 3. CARGOS OCUPADOS PELOS FUNDADORES

Cargos ocupados pelos precursores	
Docência em faculdades/escolas	4
Âmbito Jurídico	2
Âmbito jornalístico	3
Escritor	3
Militar	1
Engenharia	1
Serviço Público	5
Sacerdócio	2

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Destaca-se que, desses onze fundadores, três faziam parte dos construtores da Academia Maranhense de Letras¹ (AML): Benedicto de Barros e Vasconcellos, Justo Jansen Ferreira e José Ribeiro do Amaral. E realça-se que a idealização do IHGM não foi um ato isolado das agitações sociais e políticas daquela época, tendo em vista que a fundação do Instituto Histórico não foi um acontecimento raro ou extraordinário na cidade de São Luís, considerando que antes da implementação do IHGM no Maranhão havia uma rede de engajamentos em andamento na capital, organizada por agentes sociais interessados na edificação de instâncias com essa envergadura intelectual e cultural, como exemplo disso estão: a Oficina dos Novos (1900), a Academia Maranhense de Letras (1908) e a Faculdade de Direito no Maranhão (1918). Nesse sentido, o ato de fundação da entidade foi um reflexo do frenesi sócio cultural ocorrido naquele período.

Acerca dessas instâncias, tem-se que a Oficina dos Novos foi criada em 28 de julho de 1900, e patroneada por Gonçalves Dias, tendo como os principais fundadores Domingos Quadros Barbosa Álvares², Clodomir Cardoso³, Antônio Lobo⁴, Viriato Correa⁵ e Manuel Fran Paxeco⁶.

¹ Site da Academia Maranhense de Letras (AML): <http://www.academiamaranhense.org.br/>

² Domingos Quadros Barbosa Álvares nasceu em São Bento (MA) no dia 28 de novembro de 1880, ocupou o cargo de secretário-geral do estado do Maranhão no período do governo de Benedito Pereira Leite, entre os anos de 1906 e 1910; elegeu-se diversas vezes como deputado estadual, sendo seu primeiro mandato em 1911; e dirigiu a Imprensa Oficial do Maranhão no século XX. Informações retiradas do site do CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/%C3%81LVARES,%20Domingos%20Quadros%20Barbosa.pdf>

³ Clodomir Serrão Cardoso nasceu em São Luís (MA) no dia 29 de dezembro de 1879, bacharelou-se em ciências jurídicas e sociais pela Faculdade de Direito de Recife em 1904. Atuou como juiz substituto e promotor público no Pará de 1906 a 1910; foi consultor jurídico no Maranhão e em 1914 foi Secretário da Fazenda. Mais tarde, em 1916 elegeu-se prefeito de São Luís e, posteriormente tornou-se redator e um dos diretores do jornal A Pacotilha (MA). Elegeu-se deputado federal pelo Maranhão em 1925 e 1927; elegeu-se em 1935 senador pelo Maranhão na legenda da União Republicana Maranhense; e mais tarde, no pleito de dezembro de 1945 elegeu-se senador pelo Maranhão à Assembleia Nacional Constituinte na legenda do Partido Social Democrático (PSD). Informações retirados do site do CPDOC: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/clodomir-serrao-cardoso>

⁴ Antônio Francisco Leal Lobo nasceu em São Luís em 1870. Foi jornalista, poeta, tradutor e professor. Esteve à frente da diretoria da Biblioteca Pública Benedito Leite e Liceu Maranhense. Também foi diretor da Revista do Norte, entre os anos de 1901 e 1906, e do Jornal A Tarde, entre os anos de 1915 e 1916. Informações sobre Antônio Lobo: <http://www.academiamaranhense.org.br/antonio-francisco-leal-lobo/>

⁵ Manuel Viriato Correia Bayma do Lago Filho nasceu em Pirapemas (MA) no dia 23 de janeiro de 1884. Concluiu o curso na Faculdade de Direito do Rio de Janeiro em 1907. Depois de formado pouco trabalhou como advogado, mas teve larga atuação nos campos jornalístico, literário e político. Atuou no jornal carioca Gazeta de Notícias e colaborou em vários periódicos, como os jornais Correio da Manhã, Jornal do Brasil e Folha do Dia, e as revistas Careta, Ilustração Brasileira, entre outras. Em 1911 foi eleito deputado estadual no Maranhão. Em 1927 voltou à vida política elegeu-se deputado federal na Câmara dos Deputados do Rio de Janeiro. E publicou diversas obras. Informações retiradas do site do CPDOC: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/CORREIA,%20Viriato.pdf>

⁶ Fran Paxeco nasceu em Setúbal (PT) no dia 9 de março de 1874. Foi jornalista, professor honoris causa da antiga Faculdade de Direito do Maranhão, historiógrafo, geógrafo, orador e diplomata. Foi cônsul em Maranhão e Pará; atuou como Secretário da Presidência da República e da Comissão de Fomento da Exploração Portuguesa. E integrou diversos institutos e academias, como a Academia de Ciências de Lisboa e Institutos Históricos da Bahia, Pará, etc. Informações retiradas do site da AML: <http://www.academiamaranhense.org.br/manuel-francisco-pacheco/>

No que corresponde aos dados encontrados acerca dos fundadores da Oficina dos Novos, observamos que eles provinham, sobretudo, do Maranhão, envolvidos com a política eleitoral no estado, ocupando cargos de deputados e prefeitos, além de estarem em certa medida ligados ao cenário jornalístico regional.

Segundo os artigos de Cruz (2016), Rocha (2013), como também o artigo de Buzar (2017) – publicado no Jornal *O Imirante*⁷ e intitulado “A Oficina dos Novos e a AML” – assim como as informações retiradas da biografia de Viriato Correia do *site* da Academia Brasileira de Letras⁸ (ABL), constata-se que essa Oficina foi uma agremiação/sociedade constituída por “moços” maranhenses que se apresentavam como os “Novos Atenienses”.

Dentre as suas produções, esse grupo publicou um livro intitulado “A Oficina dos Novos”, disponível na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL) e no acervo digital⁹ da mesma instituição.

No que corresponde ao livro, o prefácio é escrito por Viriato Correa, advogado e político, foi eleito deputado pela legislatura do Maranhão, e esteve envolvido com o cenário jornalístico do Rio de Janeiro e Maranhão.

Quanto aos autores que assinaram os textos do livro “A Oficina dos Novos” percebemos mediante a sondagem de dados sobre eles que há uma preponderância de agentes envolvidos com o cenário jornalístico, política eleitoral e vinculados a cargos públicos.

Dentre estes agentes está Clodomir Cardoso que semelhante a Viriato Correa também esteve envolvido com o cenário político maranhense, no qual exerceu o cargo de prefeito de São Luís e senador pela legislatura do Maranhão. No cenário jornalístico maranhense desempenhou o cargo de diretor no Jornal A Pacotilha, um importante jornal do Estado.

Do mesmo modo, Raul Astolfo Marques¹⁰ também foi jornalista, exerceu atividade como tradutor, contista, ensaísta, e iniciou a sua carreira na Biblioteca Benedito Leite.

7 Artigo de Benedito Buzar no Jornal *O Imirante*, intitulado *A oficina dos Novos e a AML*: <https://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/07/29/a-oficina-dos-novos-e-a-aml/>

8 Site da Academia Brasileira de Letras acerca de Viriato Correia: <http://www.academia.org.br/academicos/viriato-correia/discurso-de-recepcao>

9 Acervo Digital da Biblioteca Pública Benedito Leite: <http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/index.php>

¹⁰ Informações sobre Astolfo Marques: <http://www.academiamaranhense.org.br/raul-astolfo-marques/>

Equivalente aos demais, José Américo Augusto Olímpio Cavalcanti dos Albuquerque Maranhão Sobrinho¹¹ foi jornalista e escritor maranhense, também atuou em jornais no Pará, como a Folha do Norte, e colaborou com a Revista do Norte de Antônio Lobo. E além da fundação da AML, participou da estruturação da Academia Amazonense de Letras.

E, finalmente, Fran Paxeco e João Francisco Lisboa. O primeiro também atuou no cenário jornalístico, correlato aos os demais agentes, e foi professor honoris causa da antiga Faculdade de Direito do Maranhão. Além disso, exerceu atividades de historiógrafo, geógrafo, orador e diplomata. Enquanto João Francisco Lisboa¹² Ele descendia de famílias tradicionais da aristocracia rural maranhense, nasceu em Pirapemas (MA) em 1812 e estudou Letras na capital maranhense. Trabalhou no comércio da capital de 1827 a 1829 e dedicou-se ao estudo das Humanidades

Na Figura 1 estão as imagens referentes a esse livro.

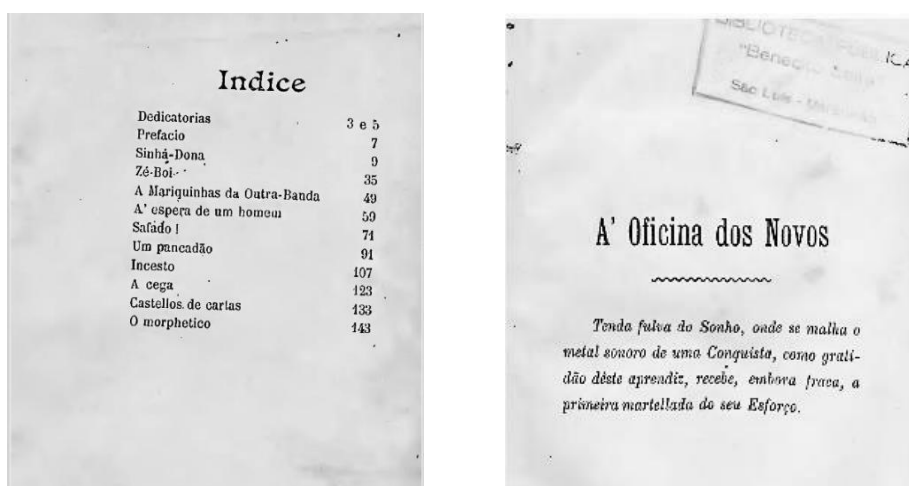


Imagem 6. Livro 'A Oficina dos Novos' - fonte:
<http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/bpbl/acervodigital/index.php>

Mais tarde, essa sociedade foi dissolvida e os seus principais integrantes se direcionaram para a constituição da AML, fundada em 10 de agosto de 1908, segundo o site da própria entidade mencionada.

Ainda, verificou-se que Domingos Perdigão, Alfredo de Assis Castro, Antônio Lopes da Cunha, José de Almeida Nunes e Manoel Fran Paxeco estiveram envolvidos

¹¹ Informações sobre Maranhão Sobrinho: <http://www.academiamaranhense.org.br/maranhao-sobrinho-2/>

¹² Informações sobre João Francisco Lisboa: <http://www.academiamaranhense.org.br/obras-de-joao-francisco-lisboa-2/>

na fundação da Faculdade de Direito de São Luís, em 28 de abril, de 1918. Esses agentes, outrora, estavam envolvidos, sobretudo, com a AML, e Fran Paxeco ligado, também, à Oficina dos Novos.

A partir disso, nota-se o envolvimento de alguns membros da Oficina dos Novos com a fundação da AML. E alguns fundadores desta academia estiveram presentes na constituição da Faculdade de Direito em São Luís. Dessa forma, observa-se uma gama de agentes que se encontravam em lugares semelhantes, uniram-se, estruturaram e planejaram essas entidades culturais em São Luís, no início do século XX.

Verifica-se que determinados agentes da primeira geração do IHGM também estiveram envolvidos na constituição da AML e da Faculdade de Direito de São Luís, entre os quais, estão: Domingos Perdigão, Antônio Lopes da Cunha e Manoel Fran Paxeco.

A “missão” do IHGM pode ser identificada em seus objetivos. Um deles estava alicerçado na preservação do acervo patrimonial do Estado, de cunho material ou imaterial. Este fato pode ser observado no Regimento do Instituto, no artigo I:

Fica fundada nesta cidade de São Luiz uma associação científica para o estudo e difusão do conhecimento da história, geografia, ethnografia, ethnologia e arqueologia, especialmente do Maranhão, e incremento à comemoração dos vultos e factos notáveis do seu passado e a conservação dos seus monumentos (Revista do IHG, ano I, número I, 1926, p. 62).

Ainda, o artigo XXI desse regimento indica o objetivo do IHGM em propagar e monumentalizar seus vultos:

Cada sócio deverá apresentar um trabalho biográfico ou crítico sobre um dos escriptores que se occuparam de história, geografia, ethnografia, ethnologia ou arqueologia do Maranhão, como sejam Claude d’Abeville, Ives d’Evreux, Diogo de Campos, Mauricio de Heriarie, Simão Estácio da Silveira, João Felipe Bettendorf, José de Moraes, Francisco de Nossa Senhora dos Prazeres, Antonio Bernardino Pereira do Lago, Raymundo José de Souza Gayoso, Candido Mendes de Almeida, César Augusto Marques, Luiz Antonio Vieira da Silva, Antonio Henriques Leal, Celso de Magalhães, Dom Francisco de Paula e Silva, Gustavo Luiz Guilherme Dodt, Arnaldo Pimenta da Cunha e Outros (Revista do IHG, ano I, número I, 1926, p. 63,64).

Sobre esse aspecto, Wagner Almeida (2008) enfatiza que a perpetuação do reconhecimento dos tutelares da historiografia regional entre os produtores intelectuais, sejam eles os antigos ou os mais novos, especialmente, da transmissão

massiva de seus textos entre os pares, indica uma forma de consagração desses intérpretes como autores clássicos ou baluartes de determinado conhecimento.

Além disso, é perceptível sociologicamente a violência simbólica implícita nesse tipo de transmissão, haja vista que “impregna e difunde apenas um único sistema de explicação e o torna impermeável”. Ademais, fica claro que instâncias de consagração atuam na proteção e favorecimento desses intérpretes, como assinala Wagner Almeida (2008):

Os denominados *patronos* e *clássicos*, designações classificatórias não-excludentes, tem suas interpretações impostas à vida cultural da sociedade. As instituições, de cujas galerias e panteons fazem parte, se encarregam de propagá-los recomendando-os sutilmente a quantos aspirem à consagração (ALMEIDA, 2008, p. 31).

Cumprido grifar que a revista também está caracterizada no Regimento como veículo de conhecimento dos trabalhos, pesquisas, estudos relacionados às ciências, produzidos pelos seus membros, assim como de pesquisadores competentes. E ela deveria ser mantida no formato bimensal ou trimestral. No entanto, o que se verificou é que isso não ocorreu. Antes disso, observamos que a publicação não foi editada em muitos períodos, durante vários anos e por diversas razões.

Sendo assim, torna-se importante compreender as inserções sociais, culturais e políticas daqueles que idealizaram o instituto e contribuíram para a produção do periódico. Afinal, a entidade e o veículo só existem porque esses agentes os inscreveram no contexto sociocultural do estado.

A seguir são apresentados os dados biográficos encontrados do grupo inicial que estruturou a primeira diretoria e que respondia pelo instituto e pelo periódico. Esta perdurou de 1926 a 1927 e era composta por Justo Jansen (presidente), José Domingues da Silva (vice-presidente), Antônio Lopes da Cunha (secretário geral) e Wilson da Silva Soares (tesoureiro).

Quadro 4. PROSOPOGRAFIA DOS SÓCIOS-FUNDADORES

SÓCIOS-FUNDADORES E RESPECTIVAS CIDADES DE NASCIMENTO E MORTE	OUTROS PARENTES COM DESTAQUE NOS DOMÍNIOS POLÍTICOS E CULTURAIS	OCUPAÇÕES EXERCIDAS
<p>Antonio Lopes da Cunha - Local e data de nascimento: Viana (MA) em 25 de maio de 1889;</p> <p>Local e data de falecimento: São Luís - MA em 29 de novembro de 1950</p>	<p>Irmão: Raimundo Lopes da Cunha foi membro da Academia Maranhense de Letras, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM).</p>	<p>Intendente Municipal (1926); juiz de direito; professor do Liceu Maranhense; fundador da Faculdade de Direito de São Luís (MA); professor da faculdade de direito; fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; secretário-perpetuo do IHGM; escritor; jornalista (“Pacotilha – Jornal da tarde”, “O Imparcial”, “Diário do Norte”); fundador da Associação Maranhense de Imprensa e assumiu a presidência desta associação.</p>
<p>Arias de Almeida Cruz - Nasceu em Caxias (MA) em 14 de novembro de 1893. E faleceu em Teresina (PI) em 12 de janeiro de 1970.</p>	<p>Não foram encontrados registros dessas informações</p>	<p>Padre; professor (lecionava no Liceu Maranhense, no Seminário “Archiepiscopal” de Santo Antônio do Maranhão, no Colégio Santa Teresa e Colégio Rosa Castro); foi Diretor da Escola Normal e Diretor do Liceu Maranhense.</p> <p>Foi Jornalista, publicou artigos no Jornal do Maranhão, Gazeta do Porto Alegre, Gazeta de São Paulo, Gazeta do Rio de Janeiro, Tribuna Caxiense, Correio de Timon, Pioneiro de Caxias, dentre outros.</p>
<p>Benedicto de Barros e Vasconcellos – Nasceu no Maranhão no dia 31 de julho de 1879 e faleceu no Rio de Janeiro em 10 de maio de 1955</p>	<p>Não foram encontrados registros dessas informações</p>	<p>Escritor; juiz; poeta e desembargador maranhense. Foi fundador da Academia Maranhense de Letras; fez parte do Conselho Provisório nos primórdios da OABMA</p>
<p>Domingos de Castro Perdigão - Nasceu na fazenda Santana, município de Pinheiro (MA) em 1º de novembro de 1872 e faleceu em janeiro de 1929</p>	<p>Não há registros dessas informações</p>	<p>Foi amanuense da Secretaria do Interior (antiga Secretaria do Governo do Estado); diretor geral da Secretaria; comissário do Estado na Exposição Nacional de 1808, no Rio de Janeiro, foi encarregado da Repartição de Obras Públicas, Viação, Indústria, Terras e Colonização; diretor da Biblioteca Pública do Estado entre os anos de 1914 a 1923; fundador da Faculdade de São Luís; fundador do IHGM; fundador da Faculdade de Farmácia e Odontologia do Maranhão</p>
<p>José Eduardo de Abranches Moura - Maranhense (não foi encontrada a cidade natal)</p>	<p>Irmão: João Dunshee de Abranches Moura reeleito deputado federal para várias legislaturas, permaneceu na Câmara dos Deputados de 1905 a 1917; no âmbito jornalístico atuou em diversos jornais no Maranhão e em 1910, foi eleito presidente da Associação Brasileira de Imprensa; no âmbito cultural foi sócio do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e membro da Academia Maranhense de Letras.</p>	<p>Engenheiro, astrônomo, militar, professor, escritor, geógrafo e músico.</p>

José Domingues da Silva - Nasceu em Turiçu (MA) no dia 31 de maio de 1871 e faleceu em São Luís em 7 de setembro de 1976.	Irmão: Luís Antônio Domingues da Silva ocupou o posto de deputado geral do Maranhão na época do Império de 1886 a 1889; foi deputado federal pelo Maranhão de 1892 a 1910; foi presidente do Maranhão de 1910 a 1914; e por fim, foi Deputado federal do Maranhão de 1915 a 1922.	Engenheiro Fiscal da Estrada de Ferro; engenheiro na empresa “Great Western” no Estado da Paraíba e em Pernambuco; chefe da Divisão da Estrada de Ferro em São Luís – Caxias; diretor da Estrada Central no Rio Grande do Norte; chefe da Estrada de Ferro São Luís – Teresina
José Ferreira Gomes – Barbacena (MG)	Não foram encontrados registros dessas informações	Padre; professor no Seminário Episcopal de Santo Antônio em São Luís; diretor da Escola de Radiotelegrafia do Maranhão; jornalista.
José Pedro Ribeiro - Natural do Maranhão	Não foram encontrados registros dessas informações	Vice-cônsul da Noruega e interino da Dinamarca, foi ex-comissário do Estado do Maranhão na Exposição da Borracha em 1913
Justo Jansen Ferreira - São Luís em 16 de março de 1864, e faleceu na mesma cidade em 8 de novembro de 1930	Não foram encontrados registros dessas informações	Professor de geografia no Liceu Maranhense; professor de Física, Química e Mineralogia na Escola Normal do Maranhão; sócio correspondente da Societé de Astronomie de Paris e a Sociedade de Geografia de Lisboa; primeiro presidente do IHGM de 1925 a 1930; membro da Academia Maranhense de Letras em 1916; sócio correspondente do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro; Instituto Histórico Geográfico do Ceará; Sociedade de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro; Sociedade de Medicina do Paraná.
José Ribeiro do Amaral - Nasceu em São Luís (MA), em 3 de maio de 1853, e faleceu na mesma cidade, em 30 de abril de 1927.	Não foram encontrados registros dessas informações	Professor catedrático de História e Geografia do Liceu Maranhense; diretor do Liceu Maranhense; fundou e foi diretor do Colégio de São Paulo; diretor da Biblioteca Pública em 1869 e depois em 1910; diretor da Imprensa Oficial e colaborador do Diário Oficial do Estado durante o período de 1911 a 1912; membro fundador da Academia Maranhense de Letras; presidente da AML desde a sua fundação até abril de 1927.
Wilson da Silva Soares - Nasceu em Pinheiro (MA), no dia 20 de março de 1898, e faleceu no Rio de Janeiro, em 9 de dezembro de 1949.	Odilon Soares foi médico, concluiu o curso de medicina pela Faculdade de Medicina da Universidade do Brasil, Rio de Janeiro, DF, formando-se em 1928. No âmbito político foi Deputado Federal pela Constituinte, MA, PSD, com data de posse em 18 de fevereiro de 1946. Também foi membro efetivo do IHGM e da AML; Oswaldo Soares foi tabelião, colecionador de obras de arte e membro efetivo do IHGM; Jose Jorge Leite Soares é engenheiro, ex-deputado estadual, foi Consul Honorário da França, escritor e é membro efetivo da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências e membro efetivo do IHGM	Foi um dos sócios-fundadores da Academia Maranhense de Letras e também fundador da Sociedade Maranhense de Estudos; diretor do Diário de São Luís; diretor da Imprensa Oficial do Maranhão; diretor do Arquivo Público do Estado do Maranhão; diretor do Departamento Estadual de Estatísticas.

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013:
https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Diante dos dados apresentados no Quadro 4 ressaltamos que poucas informações foram encontradas acerca dos ascendentes familiares (paternos e maternos) dos agentes mapeados, com exceção de Antônio Lopes e José Eduardo de Abranches Moura. E quanto as informações acerca da formação acadêmica encontramos dados sobre Antônio Lopes, bacharelou-se em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito de Recife em 1911; José Domingues Silva, se graduou em Engenharia Civil pela escola Politécnica no Rio de Janeiro em 1899; e Wilson da Silva Soares que ingressou na Faculdade de Direito, no entanto, abandonou a carreira jurídica para adentrar no âmbito do jornalismo, não foram encontrados os dados sobre qual a instituição em que ele cursou Direito.

Em relação a Antônio Lopes e José Eduardo de Abranches Moura, destaca-se que ambos nasceram no Maranhão e advinham de famílias entrelaçadas com a política eleitoral e partidária. Grifamos que os descendentes paternos (avô/pai) de Antônio Lopes se envolveram com a política regional e o avô materno de Abranches Moura integrava o partido político português.

Dessa maneira, levando em consideração esses casos, apreende-se que os espaços de poder e os cargos políticos eram conduzidos majoritariamente por “homens ilustres”, que detinham maior acesso à educação de grande prestígio social. Tal como o pai de Antônio Lopes, que frequentou o Seminário das Mercês, o Liceu Maranhense e ingressou na Faculdade de Direito de Recife em 1879, no curso de Ciências Jurídicas e Sociais, bacharelando-se em Direito, no dia 3 de novembro de 1883. Além de atuar com certa proeminência nos domínios jurídicos e cargos públicos.

No que se refere ao avô materno de Abranches Moura, não encontramos mais detalhes acerca de seu percurso social e político.

Ainda sobre os familiares dos agentes em relevo, encontramos informações acerca dos irmãos de Antônio Lopes e Abranches Moura. Além disso, destacamos os dados do irmão de José Domingues da Silva e de alguns dos descendentes de Wilson da Silva Soares.

Nota-se, mediante os dados correspondentes a João Dunshee de Abranches, irmão de Abranches Moura, e Luís Antônio Domingues, irmão de José Domingues, que ambos compartilham características comuns relativamente ao domínio político, tendo em vista que ingressaram na carreira política eleitoral e conquistaram postos de Deputado Federal e Estadual em diferentes legislaturas.

No tocante a Raimundo Lopes, irmão de Antônio Lopes, notam-se atributos sociais correlatos a João Dunshee de Abranches Moura referente às inserções nos domínios culturais. Pois ambos registram inscrições em instâncias culturais, como a Academia Maranhense de Letras (AML) e o Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). E João Dunshee atuava no cenário jornalístico e presidiu a Associação Brasileira de Imprensa em 1910.

Quanto aos descendentes de Wilson Soares da Silva, percebe-se o predomínio de ofícios de grande notoriedade social, como Medicina, Direito e Engenharia. Do mesmo modo, nota-se o envolvimento deles com o segmento da política, ocupando cargos de Deputado Federal, Estadual e cargo diplomático. Ainda, inserem-se no domínio cultural, ligados às academias e os institutos regionais. Em referência aos demais agentes que compõem o quadro de fundadores, notamos algumas propriedades sociais que valem ser destacadas.

Dentre essas características correlatas, identificamos que os agentes são majoritariamente oriundos de cidades do interior do Maranhão, com a exceção de José Ferreira Gomes, um dos sacerdotes do grupo, que nasceu em Minas Gerais.

Quanto ao grau de escolaridade, verifica-se a prevalência de agentes que frequentaram escolas tradicionais públicas e/ou particulares, sobretudo na capital maranhense, e frequentaram faculdades relativamente tradicionais fora de seu Estado de origem, sobretudo, Rio de Janeiro e Pernambuco. O que realça as condições financeiras dessas famílias que detinham recursos para enviar os seus filhos para outras cidades brasileiras.

Nesse viés, notamos o ingresso desses agentes, predominantemente, em cursos superiores como o Direito e a Medicina. O que demonstra o interesse por áreas consideradas de grande prestígio social e, possivelmente, influenciadas por seus genitores. Do mesmo modo, sinaliza também o contexto histórico daquele período, em que esses espaços eram restritos aos filhos de famílias notáveis e, conseqüentemente, marcados pelo gênero masculino.

Destaca-se também que há uma predominância em cargos ocupados no poder público, político e administrativo. E, do mesmo modo, uma forte inserção deles no domínio cultural, envolvidos com outras instâncias culturais regionais, nacionais e/ou internacionais. Destaca-se ainda o envolvimento de alguns deles em outras fundações de entidades regionais.

Nesse contexto, enfatizamos Antônio Lopes e Domingos de Castro Perdigão, que se envolveram na fundação da Faculdade de Direito em São Luís (MA), e ocuparam cargos semelhantes. Sendo que Antônio Lopes exerceu o cargo de Secretário-geral do IHGM, e Domingos Perdigão ocupou o cargo de dirigente da Biblioteca Pública do Estado (BPBL), entre os anos de 1914 a 1923, e também foi um dos fundadores da Faculdade de Farmácia e Odontologia em São Luís (MA) em 1922.

Do mesmo modo, Benedicto de Barros e Vasconcellos e Wilson da Silva Soares constituíram o quadro de sócios-fundadores da AML. E ambos também estiveram envolvidos em outros segmentos sociais. Benedicto de Barros e Vasconcellos compôs o Conselho Provisório da Ordem dos Advogados no Maranhão (OAB) no início de sua existência, em 1932. E Wilson da Silva Soares foi um dos fundadores da Sociedade Maranhense de Estudos.

Isso denota, em certa medida, o caráter precursor desses agentes envolvidos no âmbito cultural da sociedade maranhense daquele período e o interesse em criar e se agregar às instâncias consagradas do Estado.

Nota-se que eles mantinham inscrições de relevo, pois ocupavam diversas posições em variados domínios sociais, seja em instituições religiosas, educacionais/acadêmicas, governamentais, instâncias culturais, na política eleitoral, atuando como professores, coordenadores, diretores e fundadores de faculdades; seja no meio jornalístico, atuando como editores, colaboradores, colunistas, entre outros, e/ou atuando no exercício da escrita, na produção de livros, artigos especializados e afins.

É importante destacar também que dentre os fundadores há a presença de dois padres, Arias de Almeida Cruz, oriundo de Caxias (MA), e José Ferreira Gomes, natural de Barbacena (MG).

Percebe-se, mediante os dados apresentados que esses *homens da igreja*, pertencentes às camadas “da boa sociedade”, relativo à manutenção de posições privilegiadas da sociedade ou mesmo ligados às ideias de um bem moral, ético, sagrado, inseridos em práticas sociais tradicionais, mantinham atividades diversas e transitavam em diferentes domínios sociais tendo em vista que, para além de seu ofício de sacerdócio, eles atuavam no domínio da imprensa regional e/ou nacional, exerciam o magistério e/ou ocupavam cargos de diretoria em escolas tradicionais, etc. Logo, podemos refletir a partir disso que eles agregaram competências importantes

no cenário intelectual e acumularam uma autoridade religiosa reconhecida dentro e fora da igreja (SEIDL, 2009; NERIS & SEIDL, 2017).

Além desse aspecto, vale ressaltar que há uma forte tendência de constituição de ramificações familiares no Instituto, ou seja, é comum que um componente assuma a posição do pai, do tio, do irmão, da mãe, etc., dentro do IHGM e dê continuidade a uma tradição ou genealogia de membros do Instituto. Nesse sentido, vale assinalar Reis e Grill (2017) acerca da transmissão de legados familiares:

Além de 'berço' da aquisição de um sistema de disposições que define princípios de visão e classificação do mundo social, a família é também uma instância catalisadora e (re) distribuidora de um patrimônio coletivo, exigindo empenhos dos seus membros na adoção de estratégias de reprodução com vistas à sua continuidade (GRILL e REIS, 2017, p.143).

Ainda podemos refletir acerca desse arranjo familiar dentro do IHGM através do estudo de Mills (1981) referente à ideia de que conjuntos de pessoas específicos possuem atração mútua e o que leva à união do grupo, nomeados pelo autor de "igrejinhas intricadamente ligadas" (MILLS, 1981, p.20). Essas "igrejinhas" são acionadas quando eles precisam se proteger de outro grupo que se apresenta incompatível, ou divergente, no sentido de valores equivalentes. Assim, nesse processo de diferenciação e atração mútua fica evidente que os grupos que são interligados demonstram ter posições sociais semelhantes, ou como bem assinalou o autor são pessoas "*que sentam no mesmo terraço*", e possuem recursos sociais e compartilham redes de amizades/contatos.

Um exemplo do exposto está ligado aos sócios-fundadores, Antônio Lopes, Wilson Soares e José Eduardo de Abranches Moura, entre outros, que aglutinaram familiares ao Instituto. Entretanto, quem se destaca é o sócio Wilson Soares, que possui uma linhagem de parentes ligados ao IHGM, como se observa no caso de José Jorge Leite Soares, um dos herdeiros de cadeira, que ocupa, desde 2012, a cadeira nº 34, patroneada por seu antecessor.

Essa sucessão familiar, reforça, mais uma vez, o que Wagner Almeida (2008) acentua acerca de uma relação direta com seus protetores, ou seja, agrupar e consagrar um nicho de produtores culturais dentro de uma mesma instância:

A relação entre o *patrono*, o *fundador* da cadeira e os ocupantes que lhe sucedem é regida por uma regra de descendência peculiar. Ela inclui

somente os produtores intelectuais considerados aptos a estabelecer uma vinculação com os ilustres ancestrais comuns (ALMEIDA, 2008, p.29).

Nesse aspecto, Grill (2008) destaca as particularidades da “elite política brasileira” mediante o estudo de casos referentes ao Maranhão e Rio Grande do Sul. E a partir dessa análise demonstra as características dos casos examinados de ambos os Estados. Assim, apreende que há um perfil semelhante no que se refere aos descendentes familiares, pois majoritariamente advém de “elites locais”, possuem um alto investimento em títulos escolares, há reconversão de laços herdados, bem como a passagem pelo setor militar e ao mesmo tempo envolvidos no domínio público e disputando cargos eletivos, etc. No que pese o contexto dos casos apresentados neste trabalho, os fundadores da entidade não são diferentes, pois há o peso e o investimento nesses domínios sociais, sobretudo, se realça a inclinação, socialmente condicionada, para a vida pública desses agentes.

Do mesmo modo, Coradini (1996/1997) apresenta as ramificações familiares presentes na Academia Nacional de Medicina (ANM), entidade correlata ao IHGM, uma vez que nesses espaços ocorrem tanto a predominância de parentelas, como o conjunto de relações de reciprocidade que se tornam um dos principais fatores para a legitimação social dos mesmos. E o peso das relações familiares torna-se um trunfo nessa dinâmica social.

Além disso, os títulos ou produtos escolares dos agentes, nesse domínio social, normalmente, são utilizados com o intuito de ocupar posições em outros âmbitos de poder. Pois em se tratando de dinâmicas “periféricas” e também importadoras, na qual se insere o IHGM e outras instâncias culturais e sociais como a ANM, a quase inexistência de instituições burocráticas aos moldes ocidentais torna possível o caráter *de relações personificadas com base na reciprocidade em suas variadas formas* (CORADINI, 1996/1997).

1.2 A REVISTA DA ENTIDADE DURANTE O PERÍODO DE 1926-1953

Conforme o primeiro Estatuto, a Revista deveria possuir uma publicação bimensal ou trimestral, seguindo a instância modelo, o IHGB. Da mesma forma, deveria conter os trabalhos de seus sócios publicados em artigos, com temáticas que

abordassem as ciências, história, geografia, entre outros. Além de impulsionar os estudos e trabalhos dos baluartes da historiografia regional.

Com o material recolhido, nota-se que as premissas estatutárias não foram seguidas à risca; por exemplo, a periodicidade trimestral não foi alcançada. E o que se verificou foi a suspensão da revista por vários anos e as crises financeiras que assolaram sua continuação. É necessário frisar que nem todas as revistas do Instituto encontravam-se disponíveis à consulta. Um exemplo disso é a revista de nº 6 que, de acordo com o bibliotecário da instituição, foi perdida e está ausente do acervo documental da entidade.

Assim, como forma de organização deste banco de dados, as revistas foram analisadas por décadas. Observando quais agentes destacavam-se como protagonistas e as mudanças que ocorreram ao longo destes anos.

Portanto, a partir das cinco primeiras revistas examinadas, constata-se que a primeira foi lançada em 1926 e, após uma interrupção de 22 anos, o segundo número foi divulgado somente em 1948.

As razões para essa ausência são encontradas na apresentação do segundo número, no qual há o esclarecimento de que a publicação só foi possível mediante um subsídio advindo do Governo Federal, pois uma administração específica do município de São Luís havia retirado o auxílio financeiro que custeava a revista. Ademais, o texto da apresentação segue justificando que era um período de muitas violências, em razão dos governos ditatoriais, e de muitas hostilidades e indiferenças para com a entidade e seus membros.

Pautando-se na revista nº 1, publicada em 1926, no Quadro 5 são listados os sete artigos publicados. Como se observa, Antônio Lopes ¹³(diretor do periódico nº 1),

¹³ Antônio Lopes nasceu em Viana (MA) no dia 25 de maio de 1889 e faleceu em São Luís (MA) no dia 29 de novembro de 1950. O seu avô paterno foi José Mariano da Cunha, foi deputado provincial do Maranhão na legislatura 1848/1849. E o pai de Antônio Lopes foi Manoel Lopes da Cunha, Governador do Estado do Maranhão para o quadriênio de 1902 a 1906; e assumiu a presidência da corte em 1924. E o seu tio paterno, Celso Magalhães da Cunha, foi jurista, jornalista, escritor e patrono da cadeira nº 5 da Academia Maranhense de Letras. Enquanto que o seu irmão Raimundo Lopes da Cunha perseguiu trajeto semelhante, ele foi membro da Academia Maranhense de Letras, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). Quando aos cargos exercidos por Antônio Lopes estão: Intendente Municipal (1926); juiz de direito; professor do Liceu Maranhense; fundador da Faculdade de Direito de São Luís (MA); professor da faculdade de direito; fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; secretário-perpetuo do IHGM; escritor; jornalista (“Pacotilha – Jornal da tarde”, “O Imparcial”, “Diário do Norte”); fundador da Associação Maranhense de Imprensa e exerceu a presidência desta associação. Fonte: Revista IHGM eletrônica – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Benedicto de Barros Vasconcellos, Wilson Soares e Ribeiro do Amaral, todos fundadores da entidade, têm algum artigo publicado. Nota-se, também, que a maioria dos artigos que figuram no primeiro número é de autoria do seu idealizador, Antônio Lopes.

Nesse período inicial, na sua apresentação editorial redigida pelo então diretor, Antônio Lopes, já havia dúvidas acerca da continuidade da revista. E já apontava as dificuldades de estabelecer relações mais diretas com o Governo do Estado e as incertezas quanto ao futuro do periódico e do Instituto. A seguir está o quadro correspondente ao primeiro número do periódico.

Quadro 5. ARTIGOS REVISTA Nº 1 (1926)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Antônio Lopes	<i>Marília e Dirceu</i>
Antônio Lopes	<i>O Dicionário Histórico- Geográfico do Maranhão</i>
Antônio Lopes	<i>Armorial Maranhense</i>
Benedito de Barros e Vasconcellos	<i>O Maranhão Fabuloso</i>
José Eduardo de Abranches Moura	<i>A Ilha de S. Luís</i>
Ribeiro do Amaral	<i>Nobiliarquia Maranhense</i>
Wilson Soares	<i>Subsídios para a Bibliografia Maranhense</i>

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº. 1 publicada em 1926, disponível na sede do Instituto Histórico.

Como se observa no Quadro 5, no que se refere aos autores dos artigos e às temáticas presentes no primeiro número do periódico, há uma prevalência em situar o Maranhão oficialmente. Um exemplo disso é o artigo de Antônio Lopes sobre o Dicionário Histórico-Geográfico do Maranhão. Historicamente, essa produção condiz com a reunião de dados geográficos e históricos com o intuito de construir definições. Além disso, há um interesse sobre os registros de brasões da nobreza presentes no Estado e também ao mundo erudito, como o artigo de Ribeiro do Amaral, sobre o movimento armorial maranhense. Dentre os artigos publicados, apenas o artigo de Antônio Lopes, intitulado “Marília e Dirceu”, um texto literário elaborado pelo autor, se distingue dos demais.

Ressalta-se, igualmente, que o quadro de colaboradores do periódico nº 1 é, majoritariamente, vinculado ao domínio da imprensa maranhense. Além disso, são membros oriundos do Maranhão e advindos de famílias tradicionais do Estado. Geralmente exerceram a docência, seja no âmbito acadêmico ou no ensino básico/médio, lecionando História e Geografia maranhense, como foi descrito ao longo da primeira seção.

É importante grifar que não serão construídos os quadros prosopográficos (inscrições sociais, culturais, políticas e cargos exercidos) dos demais autores dos periódicos seguintes (1948-1953), pois, devido ao enorme volume de colaboradores ao longo dos anos, foram priorizados os principais protagonistas nesse período, ou seja, aqueles que se destacaram em relação à quantidade de artigos publicados no periódico.

Quanto aos principais protagonistas, foram construídos os quadros prosopográficos (inscrições sociais, culturais, políticas e cargos exercidos) a fim de compreender se há uma correlação entre suas respectivas posições sociais e as temáticas dos artigos publicados por eles, conforme verificado na próxima subseção deste capítulo.

Retomando a descrição dos artigos, na revista nº 2, há um aspecto que precisa ser evidenciado em relação à circulação do periódico, quando a revista volta a circular 22 anos após a sua primeira publicação. A partir de informações coletadas do próprio periódico, o Instituto estava sem sede e outrora havia sofrido despejo.

A conquista de um novo prédio para o IHGM ocorreu através do presidente da entidade naquele período, João Braulino Carvalho¹⁴, mediante “ajuda” do Governador do Maranhão, Sebastião Archer¹⁵, que conseguiu a doação de um prédio colonial localizado na Rua Osvaldo Cruz, nº 634. Por fim, através de subsídios do Governo Federal conseguiu publicar o periódico nº 2.

É interessante notar que essa imbricação entre entidades culturais e governos (estadual e federal) não é uma particularidade do período e da instituição. Isso é destacado em Grill e Reis (2017) ao se debruçarem sobre os porta-vozes autorizados envolvidos nas práticas de eternização de “vultos” no Maranhão. Estes agentes

14 João Braulino Carvalho foi médico, etnógrafo, era decano da disciplina de antropologia na Universidade Federal do Maranhão e ocupou a presidência do IHGM – fonte: Revista IHGM eletrônica, Perfil dos sócios ocupantes, volume I, 2013.

15 Sebastião Archer - seu mandato como governador no Maranhão foi de 1947 a 1951 e como senador no Maranhão de 1955 a 1971. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc>

investigados conquistam postos em domínios públicos administrativos, sobretudo, vinculados aos governos compostos pelos ditos “grupos políticos dominantes”, especialmente ligados à família Sarney, e a partir desses cargos administrativos faziam a “retroalimentação de suas relações, dos múltiplos trânsitos desfrutados e da produção de bens culturais” (GRILL; REIS, 2017, p. 372.), inclusive atraindo investimentos para seus empreendimentos.

No caso exposto, Sebastião Archer, que “ajudou” a conquistar um prédio novo para o Instituto e também redirecionou recursos para a publicação do periódico em 1948, estava vinculado a cadeia de seguidores do “Vitorinismo”, um tipo de agrupamento político constituído em torno de uma personalidade política, Vitorino Freire, que na época constituía um dos grupos políticos dominantes no Estado (PEREIRA, 2017).

Nesse viés, como será apresentado ao longo deste trabalho, verifica-se que a diretoria da entidade em diferentes décadas transita entre os grupos políticos dominantes, sobretudo, com a finalidade de cativar relações, atrair recursos e obter apadrinhamento político.

A seguir é apresentado o Quadro 6.

Quadro 6. ARTIGOS REVISTA Nº 2 (1948)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Antônio Lopes	A História de São Luís
Antônio Lopes	Uma grande data
Braulino Lopes	Os índios da Região dos Formadores do Rio Branco
Barros e Vasconcellos	São Luís, a antiga
J. Silvestre Fernandes	O Assoreamento da Costa Leste Maranhense
Joaquim Vieira da Luz	Dois Grandes figuras (Discurso de posse na cadeira de Yves d'Evreux, a qual Raimundo Lopes inaugurou no IHGM)
Henrique Costa Fernandes	Quando se uniu o Maranhão ao Brasil?
Lucy Teixeira	O dono do Sancy e a França Equinocial
Mons. J. M. Lemercier	Apontamentos Históricos
Nicolau Dino	O Forte de Itapecuru
Oswaldo Soares	Numismática Maranhense
Olímpio Fialho	A Bacia do Rio Flôres
Rubem Almeida	Gaspar de Sousa no Maranhão

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº. 2 publicada em 1948, disponível na sede do Instituto Histórico.

Este número contém um relatório das atas das Assembleias que ocorriam no instituto, o que demonstra que as atividades não cessaram mesmo com a ausência da publicação da Revista.

No Quadro 6, observa-se que as temáticas prevaletentes nesse periódico são semelhantes àquelas verificadas no n.º 1, sobretudo, relacionando-se à história maranhense. No entanto, percebemos, a partir dos títulos dos artigos, a presença de termos como “bacia do rio” e “assoreamento”, o que comprova a publicação de trabalhos ligados à geografia fluvial do Maranhão, um conteúdo mais específico. Também surgem um artigo etnográfico e um discurso de posse de Joaquim Vieira da Luz. Além disso, o culto à patrimônios materiais regionais como o artigo intitulado *O Forte de Itapecuru*, e uma homenagem publicada por Rubem Almeida, vangloriando os feitos de Gaspar de Sousa no Maranhão evidenciam, mesmo que timidamente, algumas mudanças no conteúdo do periódico.

Na sequência, estão os Quadros 7 e 8 referentes aos periódicos da década de 1950. A revista nº 3 foi lançada quatro anos após a circulação do segundo número, em 1951, e não há explicação em sua apresentação acerca desta falta de regularidade.

No periódico nº 3 consta um novo quadro da diretoria. E a presidência é ocupado por Rubem Ribeiro de Almeida¹⁶, eleito em 8 de maio de 1943. A revista nº 3 também emerge com um novo formato, recebendo as publicações dos novos estatutos, aprovados em 22 de abril de 1951.

Segue, no quadro 7, os títulos dos 10 artigos publicados, e, no quadro 8, os títulos dos 19 artigos publicados, cada qual com seus respectivos autores.

16 Rubem Ribeiro de Almeida foi escritor, jornalista, historiador, poeta e professor de Língua Portuguesa e Direito Civil, foi membro da Academia Maranhense de Letras, diretor do Liceu Maranhense, da Biblioteca Pública Benedito Leite – fonte: Revista IHGM eletrônica – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013: https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

Quadro 8. ARTIGOS DA REVISTA Nº 3 (1951)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Braulino de Carvalho	Estudo sobre os Poianauas
Fulgêncio Pinto	Tapuytaperá
Gonzaga dos Reis	Alto Parnaíba
Jerônimo de Viveiros	O jornal “o país” em face da guerra da Triplice- Aliança
Nicolau Dino	Forças Militares Cearenses nos campos do Maranhão
Olavo Correia Lima	História da Assistência à infância no Maranhão
Não há assinatura do autor	Os mortos do instituto
Não há assinatura do autor	Congressos Científicos
Não há assinatura do autor	Estatuto
Não há assinatura do autor	Anúncio Histórico

Quadro 7. ARTIGOS DA REVISTA Nº 4 (1952)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Arnaldo Ferreira	Notícias sobre o Frei Cristóvão de Lisboa
Cássio Reis Costa	Papéis vários para o conselho Ultramarino
Domingos Vieira Filho	Superstições ligadas ao parto e à vida infantil
Domingos Vieira Filho	O culto Vodou
Fernando Viana	O Caráter de Bequimão
Francisco Inácio Correia	Concessões para a exploração e lavra de minerais
Gilberto Freyre	Sobrados de São Luís
Jerônimo de Viveiros	Uma luta Política do Segundo Reinado
Liberalino Miranda	As Ilhas do Maranhão
Luiz Gonzaga dos Reis	O sítio filipino
Mário M. Meireles	General Cesario Mariano de Albuquerque Cavalcanti
Nicolau Dino	O primeiro dos três discursos celebres de Vieira da Silva
Nina Rodrigues	O sociólogo em Gonçalves Dias
Olimpio Fialho	Elementos para a classificação geológica do litoral maranhense
Olavo Correia Lima	Temperatura efetiva de São Luís
Roger Bastide	O negro no norte do Brasil
Silvio Frois Abreu	O Estado do Maranhão
Thucydides Barbosa	Uma calamidade que deve ser evitada
Sem autor	Abastecimento e expansão demográfica

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº3, publicada em 1951, e a Revista IHGM nº4, publicada em 1952, disponíveis na sede do Instituto Histórico.

A partir do quadro 7, nota-se, em comparação ao periódico publicado em 1948, que não há registros de publicações referentes aos discursos de posse. No entanto, ainda se observa a presença de conteúdo etnográfico, com o artigo publicado a respeito dos indígenas *Poianauas* e da aldeia *Tapuytaperá*. O autor deste artigo referente aos indígenas era João Braulino de Carvalho, presidente do IHGM naquele período. De acordo com os dados biográficos, ele era um médico militar, etnógrafo, e recebeu o título de decano da disciplina de Antropologia na Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Enquanto que Fulgêncio Pinto¹⁷, autor do artigo “*Tapuytaperá*”, era folclorista, compositor e multi-instrumentista.

Nesse contexto, surge pela primeira vez uma temática ligada ao *Assistencialismo*, um artigo intitulado “História da Assistência à infância no Maranhão”, de autoria do médico e antropólogo Olavo Correia Lima. As outras temáticas, referentes aos Militares, à Imprensa e à Guerra do Paraguai (Guerra da Tríplice Aliança), categorias registradas pela primeira vez neste periódico do ano de 1951,

17 Fonte com as informações sobre Fulgêncio Pinto: <http://dicionariompb.com.br/flavia-bittencourt/biografia>

também são uma novidade comparando aos periódicos anteriores. Os artigos intitulados “Forças Militares Cearenses nos campos do Maranhão” e “O jornal “o país” em face da guerra da Triplice-Aliança” tratam de questões/interesses políticos daquele período.

Em relação à Geografia e à História “mais tradicional”, há um artigo sobre a região do sul do Maranhão, intitulado: “Alto do Parnaíba”. Inclui-se também um artigo de homenagem aos sócios-efetivos falecidos com notas póstumas e um artigo referente ao novo Estatuto da entidade.

Em 1952 a revista nº 4 foi publicada contendo 19 artigos e seu diretor ainda era Rubem Ribeiro de Almeida.

É importante enfatizar que este número se difere dos anteriores, pois, como se observa no Quadro 8, surge a temática acerca da *Religião Africana* com o artigo intitulado “O culto Vodou”, de autoria de Domingos Vieira Filho. Com isso, podemos mencionar que além de estar ligado às questões de fundo religioso, refere-se a uma prática cultural tradicional africana. Ele, ainda, insere nesse contexto, uma temática mais “popular”, como superstições sobre o parto e a infância.

Também se nota outra temática nova, referente às questões étnico-raciais, com o artigo intitulado “O negro no norte do Brasil”, de autoria do sociólogo francês, Roger Bastide¹⁸.

Em termos de produções relativas à geografia, os artigos nesse periódico estão ligados ao litoral maranhense, ao clima urbano, referente à temperatura do município de São Luís e à extração e exploração de minérios. Consta um artigo sobre os processos populacionais, nomeado “Abastecimento e expansão demográfica”, que pode também ser enquadrado nesta categoria. Já referente à história, nota-se que há artigos sobre o período do Império no Brasil. Os quais referem-se ao extinto Conselho Ultramarino, órgão administrativo imperial, e à luta política nacional no Segundo Reinado.

Também nesse periódico, há dois artigos de autores “consagrados” das Ciências Sociais e Humanas, Gilberto Freyre e Raimundo Nina Rodrigues. Um esclarece os

18 Roger Bastide foi um sociólogo francês que viveu no Brasil entre 1938 e 1958. Em 1938, veio com outros professores europeus, à recém-criada Universidade de São Paulo para ocupar a cátedra de sociologia. No Brasil, estudou durante muitos anos as religiões afro-brasileiras, tornando-se um iniciado no candomblé da Bahia. Além disso, os estudos de Roger Bastide influenciaram Domingos Vieira Filho, “intelectual” e referência dos estudos sobre folclore maranhense, o qual foi refletido em outras esferas sociais, como no universo cultural e acadêmico. Fontes: [https://www.infopedia.pt/\\$roger-bastide](https://www.infopedia.pt/$roger-bastide); https://pt.wikipedia.org/wiki/Roger_Bastide; REIS, Eliana Tavares dos. Revista Sociedade e Estado, v.25, 2010.

sobrados de São Luís e trata sobre Gonçalves Dias. Logo, ambos os autores retratam o cenário cultural maranhenses.

Isso nos remete à reflexão de Bourdieu (2011) sobre as disputas simbólicas em torno da região e a luta por classificações. Visto que tanto Gilberto Freyre quanto Nina Rodrigues apresentam perspectivas correlatas no cenário cultural do país e ocupam posições semelhantes, considerando que compartilham a autoridade de antropólogos e o reconhecimento social. No entanto, Gilberto Freyre destaca-se por ter alcançado o *hall* de um dos mais importantes sociólogos brasileiros do século XX. Além disso, somaram com a produção dos limites e demarcações sobre o Maranhão e partilharam uma tendência equivalente de serem porta-vozes regionais, reivindicando a representação de um lugar e contribuindo para a edificação de classificações e de uma identidade regional.

Além disso, neste número começam a surgir mais artigos honoríficos aos “ilustres” vinculados à literatura, à cultura e à política, como homenagens a Vieira da Silva, General Cesário Mariano de Albuquerque Cavalcanti e Manoel Beckman (o Bequimão).

A seguir, é apresentado o quadro 9, com o periódico nº 5 publicado em 1953 e a lista de 8 artigos nele veiculados, ainda com Rubem Almeida na direção.

Quadro 9. ARTIGOS DA REVISTA Nº 5 (1953)

AGENTE	TÍTULO DO ARTIGO
Domingos Vieira Filho	Estudos Geográficos do Maranhão
Domingos Vieira Filho	Antonio Lopes
Curt Himuendaju	The Guaja
Charles Wagley	Algumas lendas indígenas
Costa Rêgo	A Morte de Luís Domingues
Jerônimo de Viveiros	A família Moraes Rêgo
Olavo Correia	Ideia Médicas de Gaiozo
Virgílio Domingues	O Turiacu

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº5, publicada em 1953, disponível na sede do Instituto Histórico.

Neste número, encontra-se um artigo¹⁹ de Domingos Vieira Filho, intitulado “Antônio Lopes”, presente nas páginas 122 a 125. Menciona-se, aqui, uma nota de rodapé que evidencia que esse mesmo artigo está inserto, originariamente, no jornal “O Maranhão”, na edição de 24 de dezembro de 1950.

19 As transcrições dos trechos do artigo referido, escrito por Domingos Vieira Filho, intitulado “Antônio Lopes”, não serão expostas nesse trabalho, pois não foi possível acessá-los, durante o percurso de escrita do trabalho, em razão do fechamento do prédio devido ao contexto de pandemia, além do nº em questão não ser encontrado na plataforma eletrônica.

Ressaltamos essa homenagem, pois, de acordo com Matos (2019), Domingos Vieira Filho foi um importante mediador e porta-voz da cultura no cenário maranhense, tendo em vista que ele foi o responsável por estruturar as bases da intelectualidade que examina o folclore e a cultura popular no Maranhão através de seus livros e escritos publicados.

Conforme Matos (2019), Antônio Lopes foi o antecessor de Domingos Vieira Filho na manutenção da discussão sobre a cultura popular, considerando que Lopes resgatou o trabalho elaborado pelo tio Celso Magalhães, uma autoridade legítima e reconhecido no âmbito cultural por seus estudos acerca dessa temática. No entanto, foi Domingos Vieira Filho que solidificou a discussão referente à cultura popular maranhense, a “institucionalizou” e a inseriu em outro patamar no Estado.

Ainda nesse percurso de reconstituição da gênese do desenvolvimento da interpretação da cultura popular, tem-se que o trajeto de Antônio Lopes e o de Domingos Vieira Filho se inter cruzam, considerando que ambos foram secretários da Subcomissão Maranhense de Folclore (SMFL) em períodos diferentes. Cargo primeiramente assumido por Antônio Lopes e posteriormente por Domingos Vieira Filho. No entanto, diferente de seu antecessor, Vieira Filho integrou inicialmente a SMFL como um estudante “interessado” na temática da cultura do estado. E mais tarde assumiu posições relevantes e centrais nos moldes e mediações referente à cultura popular. Haja vista que ocupou cargos em órgãos da cultura oficial, atuou em cargos públicos em diferentes governos no Maranhão, construiu um percurso literário, e assumiu a frente do Departamento de Cultura do Estado do Maranhão, o que lhe conferiu legitimidade para propor a construção de um museu destinado para a divulgação da cultura e incluiu nomes para compor o panteão do folclore no país (MATOS, 2019).

Mediante isso notamos que esse agente contribuiu com as definições e estruturação do que é e como deve ser a cultura no Maranhão e solidificou as bases da “cultura popular” no Estado bem como entrou para o hall de “intelectuais” consagrados do mesmo modo que Antônio Lopes.

Dessa forma, neste artigo de homenagem, Domingos Vieira Filho menciona Antônio Lopes como o “grande amoroso da terra maranhense” e “o escritor que mantinha viva a nossa tradição de cultura espiritual”. Assim, destaca que este sempre foi um “escritor correto, de prosa leve e encantadora, servido, ademais, por uma

extensa e variada cultura”, reforçando suas múltiplas atividades nos domínios do jornalismo e da literatura, assim como os ofícios de professor, historiador e advogado.

Ademais, Vieira Filho expõe que Antônio Lopes entra em profunda desilusão por conta de calúnias sofridas no fim da vida, fazendo com que mergulhasse em esquecimento. Ele lembra os feitos de Antônio Lopes, que publicou memórias sobre a imprensa maranhense, produziu a “História dos transportes urbanos no Maranhão”, ajudou na construção do “Dicionário Histórico e Geográfico”, reuniu material sobre a história dos escravos africanos em terras maranhenses, entre outros. No final do artigo, o autor do artigo retoma a grandiosidade de Antônio Lopes e de seu trabalho. Encerra ao afirmar que o Maranhão havia se tornado uma terra desventurada.

Além deste artigo honorífico à Antônio Lopes, neste periódico, observa-se outros artigos semelhantes, como as homenagens a Raimundo José de Sousa Gaioso, à família Moraes Rêgo e a Luís Domingues.

Quanto à geografia, de autoria de Domingos Vieira Filho, inclui-se o artigo intitulado “Estudos Geográficos do Maranhão”. E o outro artigo, nesta categoria, no entanto mais específico, trata do Rio Turiaçu.

O que diferencia esse número do periódico em relação aos anteriores é a presença de artigos publicados por dois estrangeiros sobre antropologia e etnografia, e que são considerados pioneiros no desenvolvimento da disciplina no Brasil. Um artigo do antropólogo norte-americano, Charles Wagley²⁰, sobre lendas indígenas, e o outro, do etnógrafo alemão, naturalizado brasileiro, Curt Nimuendaju²¹.

1.3 OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DA REVISTA ENTRE OS ANOS 1926 E 1953

Neste período, de 1926 a 1953, alguns membros se destacaram nas produções dos artigos publicados nos periódicos, entre os quais estão: Antônio Lopes da Cunha, Benedicto de Barros e Vasconcellos, Braulino de Carvalho, Olímpio Fialho, Luís

20 Charles Wagley foi um antropólogo norte-americano que se tornou o principal brasilianista de seu tempo, um pioneiro no estudo etnográfico dos povos indígenas e camponeses da Amazônia e do Nordeste. Professor das universidades de Columbia e da Flórida e um dos fundadores da etnologia brasileira – fonte: Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas, Belém, v. 9, n. 3, p. 597-615, set.-dez. 2014

21 Informações encontradas sobre Curt Nimuendaju no site de notícias UFRJ intitulado Conexão UFRJ - <https://conexao.ufrj.br/2018/11/26/museu-recupera-acervo-do-etnologo-pioneiro-curt-nimuendaju/>

Gonzaga dos Reis, Olavo Correia Lima, Jerônimo de Viveiros, Nicolau Dino e, por fim, Domingos Vieira Filho.

No Quadro 7, encontram-se as informações destes agentes. E para a construção desse banco de dados foi necessário acessar a Revista IHGM: Perfil dos sócios - patronos e ocupantes de cadeiras, volume II. E os dados de Domingos Vieira Filho foram recolhidos do trabalho de tese de Matos (2019).

Quadro 10. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1926 – 1953)

SÓCIOS-COLABORADORES E RESPECTIVAS CIDADES NATAIS	FORMAÇÃO ACADÊMICA	OCUPAÇÕES EXERCIDAS
Antônio Lopes da Cunha ²² - Local e data de nascimento: Viana (MA) em 25 de maio de 1889; Local e data de falecimento: São Luís - MA em 29 de novembro de 1950	Graduou-se em Ciências Jurídicas na Faculdade de Direito de Recife em 1911	Intendente Municipal (1926); juiz de direito; professor do Liceu Maranhense; fundador da Faculdade de Direito de São Luís (MA); professor da faculdade de direito; fundador do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão; secretário-perpetuo do IHGM; escritor; jornalista (“Pacotilha – Jornal da tarde”, “O Imparcial”, “Diário do Norte”); fundador da Associação Maranhense de Imprensa e assumiu a presidência desta associação.
Braulino de Carvalho São Vicente Férrer – 16 de outubro de 1884	Concluiu o curso de medicina pela Faculdade de Medicina no Rio de Janeiro em 1908; formou-se em Farmácia (não há registro de instituição ou data); fez o curso de bacteriologista pelo Instituto de Manguinhos (não há data de conclusão de curso)	Exerceu a medicina nas casas de saúde de saúde no Rio de Janeiro; foi médico do exército servindo no Amazonas, participou da Comissão de Limites que demarcou os limites do Brasil entre Peru, Venezuela e Guiana Inglesa; foi deputado estadual em 1934; foi chefe da Santa Casa de Misericórdia por 29 anos; fundou a Cruz Vermelha no Maranhão; professor, fundador e diretor da Faculdade de Filosofia de São Luís, ministrou aulas de Antropologia Geral, Etnografia do Brasil para cursos de Geografia e História; fundador do IHGM e presidente por 5 anos.
Benedicto de Barros e Vasconcellos, nasceu em São Luís em 1880	Formado em Direito pela Faculdade do Rio de Janeiro; Historiador e Geográfico autodidata	Atuou como magistrado; jornalista; escritor; exerceu atividades como Secretário da Fazenda; consultor Jurídico do Estado; presidente do Conselho do Estado; fundador do IHGM; desembargador; membro do superior tribunal de justiça do Estado do Maranhão; sócio – efetivo do Academia Maranhense de Letras (AML);
Domingos Vieira Filho - nasceu em São Luís em 1923, faleceu em sua cidade natal em setembro de 1981	Formado em Direito pela Faculdade de São Luís	Professor da Academia de Comércio do Maranhão; professor da Faculdade de Filosofia de São Luís e da Faculdade de Direito da Fundação Universidade do Maranhão (hoje UFMA); catedrático da disciplina de Direito Internacional Público (UFMA); Diretor do Departamento de Cultura em duas administrações consecutivas: no Governo Newton Belo (1961-1965) e no Governo José Sarney ¹⁷ (1966-1970); e, no segundo momento, como Presidente da Fundação Cultural (1975-1979)
Jerônimo José de Viveiros – nasceu em São Luís (MA) em 11 de agosto de 1884	Estudou no Colégio Nossa Senhora da Glória e no Liceu Maranhense; Estudou Ciências Jurídicas no Rio de Janeiro, mas não concluiu o curso;	Exerceu o magistério no Liceu Maranhense; esteve à frente da Imprensa Oficial do Estado; professor catedrático de História Universal do Liceu Maranhense; fundador e diretor do Instituto Viveiros, reconhecido na História da Educação Maranhense; professor no Colégio Pedro II (RJ); consultor técnico do Diretório Regional de Geografia do Maranhão; professor da Faculdade de Filosofia; membro da Academia Maranhense de Letras

²² Antônio Lopes da Cunha: Avô paterno: José Mariano da Cunha, foi deputado provincial do Maranhão na legislatura 1848/1849. Pai: Manoel Lopes da Cunha, elegeu-se Governador do Estado do Maranhão para o quadriênio de 1902 a 1906; assumiu a presidência da corte em 1924; Tio paterno: Celso Magalhães da Cunha, foi jurista, jornalista, escritor e patrono da cadeira nº 5 da Academia Maranhense de Letras. Irmão: Raimundo Lopes da Cunha foi membro da Academia Maranhense de Letras, membro da Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro e também foi membro do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM).

Nicolau Dino de Castro e Costa ²³ – nasceu em Manaus em 16 de maio de 1900	Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Escola de Direito do Pará com ano de conclusão em 1920;	Jornalista na Folha do Norte; Promotor Público na Comarca de Grajaú; Juiz de Direito nas Comarcas de Grajaú e São Luís; Desembargador do Tribunal de Justiça do Maranhão em 1950; no Tribunal de Justiça do Maranhão foi Corregedor, Vice-Presidente e Presidente; presidente do Tribunal Regional Eleitoral do Maranhão em 1955. professor catedrático da Faculdade de Direito de São Luís
Olavo Correia Lima – nasceu em Tauá – CE, em 28 de outubro de 1914	Formou-se em medicina pela Faculdade Fluminense de Medicina (RJ); especializado em Higiene e Odontologia Legal	Foi professor na Universidade de Recife; professor e pesquisador de Antropologia da UFMA; exerceu a medicina no Hospital Getúlio Vargas (PI); diretor técnico perpetuo da Obra de Proteção à Infância Pobre do Maranhão; fundador do clube médico de atividades culturais e recreativas;

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM – Perfil dos sócios-patronos volume II, publicado em 2013:

https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_patronos_-_volu

²³ Nicolau Dino de Castro e Costa: Filho: Sálvio Dino Jesus de Castro e Costa – jornalista, líder estudantil; advogado; vereador de São Luís, eleito em 1954; deputado estadual em 1962 e cassado em 1964; membro da AML; fundador e presidente (1991-1991) da Academia Imperatrizense de Letras. Neto: Flávio Dino de Castro e Costa – deputado federal pelo Maranhão entre os anos de 2007-2010; atual governador pelo Maranhão desde 2015

Mediante os dados sociográficos apresentados, nota-se que, majoritariamente, os agentes eram oriundos do Maranhão, exceto Nicolau Dino de Castro Costa, que era proveniente de Manaus (AM), mas fez carreiras jurídica, política e intelectual no estado.

No que concerne às origens familiares, há características semelhantes, como o envolvimento dos ascendentes no exercício da atividade política no plano regional, sobretudo, no período Imperial do Brasil. O que geralmente significa a posse também de poder econômico e de prestígio social de certas famílias.

Além disso, há, igualmente, o envolvimento por parte dos familiares paternos nos domínios culturais, como são os casos de Antônio Lopes e Nicolau de Castro e Costa. O tio de Antônio Lopes, Celso da Cunha, similar ao filho e neto de Nicolau de Castro e Costa, envolveram-se em questões políticas, jornalísticas e culturais da cidade.

Dada às formações acadêmicas, verifica-se a predominância em cursos tradicionais e de elevado status social, como Direito e Medicina, concluídos em instituições fora do Estado de origem, como Rio Janeiro, Pará ou Pernambuco.

E, em relação às ocupações exercidas, há uma prevalência no magistério, seja no ensino superior, no qual alguns são os fundadores de Faculdades, lecionando disciplinas de Geografia e/ou História ou mesmo Antropologia e Etnografia, além de estudarem em escolas tradicionais em São Luís, a exemplo do Liceu Maranhense. Além disso, há uma presença destes agentes na gestão pública, especialmente ligado às competências jurídicas. E dois deles, Antônio Lopes e João Braulino de Carvalho, exerceram mandatos eletivos.

Vale destacar que João Braulino de Carvalho foi presidente do IHGM por 5 anos e, à frente da entidade, conseguiu publicar 5 revistas do Instituto. Esses anos iniciais demonstram como alguns agentes, em especial aqueles que se empenharam na construção tanto da revista quanto da entidade, estavam próximos das aspirações e desejos do primeiro quadro de membros fundadores.

A seguir estão os títulos dos artigos publicados ao longo dos anos de 1926 a 1953 e seus respectivos autores.

Quadro 11. PROTAGONISTAS QUE SE DESTACARAM NO PERIÓDICO E OS SEUS ARTIGOS PUBLICADOS (1926-1953)

AGENTES QUE MAIS PUBLICARAM ARTIGOS ENTRE 1926 A 1953	TÍTULOS DOS ARTIGOS
Antônio Lopes da Cunha	5 artigos : "Marília e Dirceu" (1926); "O Dicionário Histórico-Geográfico do Maranhão" (1926); "Armorial Maranhense" (1926); A História de São Luís" (1948); "Uma grande data (1948)"
Benedicto de Barros e Vasconcellos	2 artigos : "O Maranhão Fabuloso" (1926); "São Luís, a antiga" (1948);
Domingos Vieira Filho	5 artigos: Superstições ligadas ao parto e à vida infantil"; (1952) "O culto vodou (1952); "Identificações em São Luís e no Haiti" (1952); "Estudos Geográficos do Maranhão" (1953); "Antônio Lopes (1953)"
João Braulino de Carvalho	2 artigos : "Os índios da região dos formadores do Rio Branco" (1948); "Estudo sobre os Poianauas" (1951)
Jerônimo de Viveiros	3 artigos: O Jornal "O País" em face da guerra da Tríplice-Aliança" (1951); "Uma luta Política do segundo reinado" (1952); "A família Moraes Rêgo" (1953)
Luís Gonzaga dos Reis	2 artigos: Alto Parnaíba (1951); "O Sítio Felipinho" (1952)
Nicolau Dino	3 artigos: "O Forte do Itapecurú" (1948); "Forças militares cearenses nos campos do Maranhão" (1951); "O primeiro dos três discursos célebres de Vieira da Silva" (1952)
Olímpio Fialho	2 artigos: "A Bacia do Rio Flores" (1951); "Elementos para a classificação geológica do litoral maranhense" (1952)
Olavo Correia Lima	3 artigos: História da assistência à infância no Maranhão (1951); "Temperatura Efetiva de São Luís" (1952); "Ideias Médicas de Gayoso" (1953)

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas entre os anos de 1926 a 1953, disponíveis na sede do Instituto Histórico.

Nota-se, a partir do quadro 11, que os membros originários escreveram textos procurando se associar a definições de Maranhão, do ponto de vista histórico e geográfico. Um exemplo disso é o artigo publicado por Antônio Lopes, em 1926, sobre o Dicionário Histórico e Geográfico do Maranhão. Uma obra de cunho regional que coloca em ênfase a formação do estado, e uma referência oficial para se conhecer o que é o Maranhão. O que, em certa medida, obedece aos objetivos consagrados no regimento originário da entidade.

Nesse sentido, outros dois artigos, publicados em 1926 e em 1948, referente à cidade de São Luís e ao estado, possivelmente cumprindo um aspecto mais "formador" sobre a história do Maranhão, ficam ao encargo de Benedicto de Barros, com "O Maranhão Fabuloso", e de Antônio Lopes, com "São Luís, a antiga".

Na década de 1950, mesmo timidamente, constam artigos ligados à área de atuação dos agentes, como o caso do médico e professor Olavo Correia Lima, com o texto sobre a temática do Assistencialismo sobre a infância. Olavo publicou, ainda, o artigo "Ideias Médicas de Gayoso" (1953) dedicado à Raimundo José de Souza Gayoso, patrono da cadeira nº 13 do Instituto Histórico. O que converge com os

objetivos do estatuto: monumentalizar e disseminar sobre os vultos maranhenses e propagá-los.

Além de Olavo Correia Lima, outros agentes que publicaram seus estudos e pesquisas, foram: Domingos Vieira Filho, com o artigo sobre práticas culturais africanas, "O culto vodu" (confirmar grafia) e "Identificações em São Luís e no Haiti", ambos publicados em 1952; e João Braulino de Carvalho, com dois artigos etnográficos, "Os índios da região dos formadores do Rio Branco", de 1948, e "Estudo sobre os Poianauas", de 1951.

Nessa década, as temáticas tornaram-se mais específicas, referindo-se à Hidrografia Maranhense, localizando determinados Rios do Maranhão, como "Rio Flores", e estudos sobre o litoral maranhense. Na história, surgem artigos também mais específicos sobre Fortificações do Maranhão, como "O Forte de Itapecuru", que trata de um Patrimônio Material do Estado. E, neste período, surge a temática sobre Política e Imprensa, com o artigo publicado por Jerônimo de Viveiros, em 1951, intitulado "O Jornal O País, em face da guerra da Tríplice-Aliança".

Dessa forma, tendo em vista os dados apresentados, os agentes, por fazerem parte das primeiras gerações da entidade e sendo os propulsores do periódico, constituíram uma geração que forneceu as bases para que o periódico tomasse um caráter de anúncio de pesquisas e estudos sobre os respectivos temas principais, história e geografia, almejados nos escritos do estatuto. Todavia, ao longo do tempo, as temáticas tornaram-se mais específicas e novas questões surgiram, para além das categorias principais.

CAPÍTULO II – A REVISTA DA ENTIDADE ENTRE OS ANOS 1984 E 1999

A partir do ano de 1953, houve um intervalo de vinte e dois anos sem veiculação do periódico. Somente em 1961, o nº 6 foi lançado. No entanto, este periódico não foi encontrado no acervo, o que nos levou a analisar apenas a partir do periódico nº 7, publicado em 1984.

De acordo com o editorial da revista de 2008, nº 28, no final da década de 1960 o teto da sede do Instituto ruiu por falta de cuidados e ficou por muitos anos abandonado. Por não ter um local próprio, os móveis e arquivos foram extraviados, assim como os objetos do museu que a entidade detinha no acervo.

Esse acontecimento pode explicar a ausência da revista, durante o período de 1961 até seu reaparecimento, em 1984.

No periódico nº 7, consta que, entre os anos de 1984 a 1986, a diretoria da entidade era composta pelos agentes: Presidente Dr. José Ribamar Seguins; Vice-Presidente Dr. João Freire de Medeiros; 1º Secretário Joseth Coutinho Martins de Freitas; 2º Secretário Dr. Eloy Coelho Neto; 1º tesoureiro Prof. Pedro Rátis de Santana; 2º tesoureiro Dra. Ilzé Vieira de Mello Cordeiro e Diretor de divulgação; o professor Raimundo Nonato Travassos Furtado.

José Ribamar Seguins, manteve-se na posição de presidente da entidade por 22 anos, entre 1972 e 1994. Dos dados recolhidos a seu respeito, sabe-se que foi Promotor de Justiça e reside, atualmente, no Município de São José de Ribamar/MA. Nessa nova administração, foi aprovado, em Assembleia Geral, no ano de 1975, que se firmasse um contrato com a Construtora Pampulha Ltda. para a construção de um prédio de dois andares. Nesse contrato, o Instituto ficaria com o segundo andar.

Com base no relato do presidente, José Ribamar Seguins, na apresentação desta revista, percebe-se a satisfação de ter conseguido publicar mais um número do periódico durante a sua gestão. Nesta mesma apresentação ele agradece pela ajuda material por parte da direção do Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE), atualmente extinto, advinda do então diretor e presidente Dr. Francisco

Alves Camêlo²⁴, que contava com a contribuição do governador do estado do Maranhão, Luís Alves Coelho Rocha²⁵.

Em relação ao SIOGE, poucos dados ou informações foram encontradas. Não houve a possibilidade de acessar documentos que fizessem referência, por exemplo, ao quadro hierárquico do SIOGE desde o início e final de seu funcionamento (presidentes, diretores, secretários, etc.). O que se sabe a seu respeito é que o edifício, onde funcionou o Serviço de Imprensa, localizado na rua Antônio Rayol, faz parte do acervo histórico de São Luís e, atualmente, encontra-se abandonado. Embora, a UFMA, desde 2014, seja a responsável de restaurar o prédio, com o intuito da instituição federal abrigar o futuro Museu de Arqueologia do Maranhão e, também, o curso de graduação de Arqueologia, o prédio sofre constantes depredações e invasões. (<https://imirante.com/oestadoma/noticias/2017/02/06/ufma-assina-contrato-para-obra-de-restauracao-do-antigo-sioge/>. Acesso: agosto/2020)

Após essa parceria firmada entre o SIOGE e o IHGM, Francisco Alves Camêlo é convidado a compor o quadro de sócios vitalícios do IHGM. Essa informação é encontrada na revista nº 8, no ano de 1985, durante a administração do presidente José Ribamar Seguins.

Luiz Alves Rocha, o governador do estado do Maranhão, naquele período, juntamente com o Francisco Alves Camêlo, figuram como “amigos” e “parceiros” do Instituto no que se refere às contribuições de manutenção da revista. Eles reaparecem na revista nº 8 como cooperadores da entidade.

Esse “ressurgimento” do periódico, com o nº 7, em 1984, é exposto em uma nota escrita por Jorge Nascimento:

Convém assinalar, nesta oportunidade, que há cerca de vinte e dois anos achava-se suspensa a circulação de tão importante órgão da cultura maranhense por absoluta falta de recursos materiais. E isso só foi possível

24Francisco Alves Camêlo é ex-presidente do extinto SIOGE e após esse período ingressa em carreira religiosa ligando-se à Igreja Católica. Ele ascendeu dentro da Renovação Carismática Católica no Maranhão, atuando inicialmente como membro de grupo de oração, mais tarde como coordenador de grupo de oração, e alcança o cargo de Presidente Diocesano, presidente Estadual da RCC, em São Luís e do Estado do Maranhão, e, também, como diretor espiritual do movimento no Estado. Fonte: <https://www.rccbrasil.org.br/institucional/mais-lidas-rcc-estados/902-diretor-espiritual-da-rcc-ma-recebe-homenagem-da-assembleia-legislativa-do-estado.html>

25Luís Alves Coelho Rocha nasceu em Loreto (MA) no dia 6 de julho de 1937, filho de Raimundo Alves Pereira da Rocha e de Maria Coelho Barros da Rocha. cursou a Faculdade de Direito da Universidade do Maranhão e foi um dos vice-presidentes da União Nacional dos Estudantes (UNE) na gestão de José Serra como presidente (1963-1964). Depois de formado em direito, fez um curso de administração municipal e foi bolsista do Ponto IV, nos Estados Unidos. Ingressou na política como secretário regional da União Democrática Nacional (UDN) e, nessa legenda, elegeu-se vereador à Câmara de São Luís em outubro de 1962. Também foi deputado federal pelo Maranhão entre os anos de 1975-1983; e governador do Maranhão entre os anos de 1983-1987. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/luis-alves-coelho-rocha>

agora em virtude do apoio que o mencionado Instituto vem recebendo do eminente Governador através do Diretor – Presidente do SIOGE, Sr. Francisco Alves Camêlo. (...). São atos desta natureza que engrandece e dignifica a tradição respeitável de nosso povo, afeito à pesquisa arqueológica espiritual de sua ancestralidade, passado vivo de que tanto nos orgulhamos. O Maranhão sempre foi a célula atuante e significativa em todos os acontecimentos notáveis da nação Brasileira, projetando seu nome através de consumados historiadores e geógrafos que com a exposição de suas análises científicas bem estruturadas contribuíram para somar esforços em prol do desenvolvimento desta terra que a cada dia reencontra sob a segura orientação do seu Governante, os árduos caminhos que nos levarão a consolidar nossa jornada para a conquista do progresso. (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 7 de 1984).

A nota escrita na orelha da revista, intitulada “Ausência restituída”, descreve a relevância do periódico como um órgão da tradição cultural do “povo maranhense” e assinala os colaboradores deste número.

No que toca à revista nº 8, foi publicada em 1985, tendo a apresentação escrita por Jorge Nascimento²⁶, em que ressaltava a importância do IHGM e do periódico para o Maranhão. Emitiu elogios ao presidente Ribamar Seguintes pelo empenho na constância do periódico, além de reconhecer o alcance do nº 7, pois este teria recebido muitos elogios de críticos consagrados e renomados de Portugal, que enxergaram seu valor. Da mesma forma, enaltece os colaboradores que mantiveram sua cooperação com a entidade, Francisco Alves Camêlo e o Governador Luiz Alves Rocha.

Há, ainda, uma nota de Carlos Cunha²⁷, na qual afirma o prestígio das matérias inseridas na Revista e elogia o “excelente nível intelectual” daqueles que a publicaram. Este também manifesta o desejo que a Revista continue em circulação e prestando o serviço de “enriquecimento para o Maranhão” e para o Brasil. Assim, elogia os colaboradores vinculados ao SIOGE. Além disso, consta uma nota de Olavo Correia Lima²⁸, na qual ressalta a notoriedade da revista como “um meio de comunicação

26 Jorge Nascimento foi jornalista, poeta, escritor e atuou em diversos jornais da capital maranhense, como o jornal Pequeno, onde trabalhou como revisor. Autor do poema “O pátio”; “Auto-retrato”, entre outros. Jorge era irmão do, também, poeta maranhense José Maria Nascimento. Também trabalhou no SIOGE e na Secretaria de Cultura do Estado do Maranhão.

Fonte: <https://jornalpequeno.com.br/2020/08/12/morre-em-sao-luis-o-poeta-jorge-nascimento-aos-89-anos/>

27 Carlos Cunha nasceu a 18 de maio de 1933 em São Luís do Maranhão, filho de Carlos José da Cunha e Edith Campos Cunha. Professor, jornalista, crítico literário, ensaísta. Publicou, em 1967, o seu primeiro livro: “Poesia de Ontem”. Foi ele que fundou, em 07 de dezembro de 1968, a Academia Maranhense de Trovas. Pertencia, também, à Academia Maranhense de Letras. Falecido em 2007. Fonte: <http://www.falandodetrova.com.br/carloscunha>

28 Olavo Correia Lima atuou nas áreas da Medicina, Antropologia, Arqueologia, Etnologia entre outros interesses. Após a sua morte, em 1997, a família, por intermédio do chefe do Centro de Pesquisa de História Natural e Arqueologia do Maranhão (CPHNAMA), doou o referido acervo a Secretaria de Estado da Cultura que o armazenou no almoxarifado de sua propriedade

vigoroso, felicitando o governador do estado, pela colaboração, e Francisco Alves Camêlo, por ter transformado a revista em uma “obra de arte”. A revista traz uma matéria, nas páginas 31 e 32, intitulada “Governador Luiz Rocha no salão nobre do IHGM”. Nesta, o presidente Ribamar Seguins profere elogios à Luiz Rocha, salientando a gratidão dos sócios do instituto pela inestimável ação do governador com a entidade:

Pelo Decreto de 18 de julho de 1983 V. Exa. Colocou à disposição do Instituto, servidores do Estado, após considerar a importância e o alto valor das atividades desenvolvidas pela Entidade e a falta de recursos próprios para contratar pessoal administrativo e técnico especializado, o que permitiu o pleno funcionamento da Instituição (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 8 de 1985).

Ressalta-se, que, no ano de 1985, foi lançado o nº 9 com 15 artigos publicados, mantendo-se como presidente do IHGM Ribamar Seguins, e como Diretor de divulgação, Raimundo Nonato Travassos Furtado²⁹.

Neste número encontra-se, na orelha da revista, notas de dois sócios correspondentes do IHGM, um residente no Rio de Janeiro, Avertano Cruz – poeta, escritor e jornalista –, e outro residente em Salvador, Washington Barroso de Oliveira – escritor, historiador e cientista. Em ambas as notas é possível perceber os elogios direcionados ao presidente do IHGM e aos demais sócios que teriam garantido a continuidade da revista do IHGM, afirmando sua importância para a sociedade maranhense.

Ainda nesta orelha, há uma nota de Mauro Jorge Cunha Chaves³⁰, parabenizando, da mesma forma que os sócios-correspondentes, o presidente do IHGM pelo trabalho prestado à comunidade maranhense.

até a fundação do CPHNAMA onde atualmente tais volumes compõem o referido espaço cultural, o qual leva o seu o seu nome Biblioteca de Olavo Correia Lima. Fonte: http://casas.cultura.ma.gov.br/portal/cphna/index.php?page=arqueologia_extend&id=11

29 Raimundo Nonato Travassos Furtado nasceu em Viana, no dia 12 de junho de 1912. Filho primogênito do casal Raimundo Zacarias Furtado e Raimunda Amélia Travassos Furtado. Em São Luís, estudou no tradicional Liceu Maranhense, onde se bacharelou em Letras. Em seguida, concluiu o curso de Contador, pela extinta Escola do Comércio. Aos 19 anos, foi o de auxiliar de revisão no “Diário do Povo”. Travassos Furtado foi eleito Deputado Estadual, pelo Partido Republicano em 1947. Ao todo, foram cinco legislaturas como Deputado Estadual. Fonte: <http://avlma.com.br/site/travassos-furtado/>

30 Mauro Jorge Cunha foi coordenador da área de Desenvolvimento de Projetos Especiais para a Difusão da Cultura um setor da Fundação Nacional Pró-Memória vinculado ao Ministério da Cultura, hoje extinta. Essa Fundação teve início em 1979 e perdurou até 1990 – fonte: <http://portal.iphan.gov.br/dicionarioPatrimonioCultural/detalhes/89/boletim-sphanpromemoria>

Na sequência estão os quadros 12 e 13. Cada qual com os títulos dos artigos publicados nos periódicos nº 7 e nº 8, com seus respectivos autores.

Observa-se, a partir do quadro 12, que há mais registros de artigos sobre homenagens e biografias do que artigos acerca da história e geografia maranhense.

Entre as homenagens e elogios, estão: Homenagem a Bequimão; Ideias Médicas de Gayoso; Francisco Alves Camelo no Instituto Histórico; Frei Custódio Alves Pureza Serrão, entre outros.

Do mesmo modo, há um artigo escrito por Eloy Coelho Neto sobre etnias no Maranhão, temática ligada à antropologia, à etnologia e à história, conteúdo semelhante ao encontrado nas décadas anteriores. Além disso, Luís Alfredo Soares escreveu sobre educação, temática que não consta nos números anteriores; há, também, a presença do discurso de posse de Joseth Coutinho, no qual se observa a exaltação dirigida ao patrono da cadeira que ocupa, José Ribeiro de Sá Valle.

Quanto a esse aspecto acerca dos artigos honoríficos publicados pelos protagonistas, constata-se que esse conteúdo é recorrente no periódico.

Isso indica uma forma de *autoconsagração* dos agentes que homenageiam essas personagens “excepcionais” legitimados nos domínios sociais, sobretudo, culturais e políticos. Ou seja, aqueles que homenageiam através dos elogios fúnebres, se reconhecem com autoridade para posicionar-se e sublinham a sua notabilidade enquanto porta-vozes (REIS, 2015).

Quadro 12. ARTIGOS DA REVISTA Nº 7 (1984)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Eloy Coelho Neto	O ameríndio – o índio da colonização e no povoamento no Maranhão: micro-etnias atuais no Maranhão
Cônego Benedito Everton Costa	O geógrafo e historiador Cônego Benedito Everton fala sobre seu patrono o padre Antonio Vieira
Joseth Coutinho Martins de Freitas	Discurso de posse de Joseth Coutinho Martins de Freitas no IHGM, na cadeira nº55, patronada pelo professor José Ribeiro de Sá Valle
José Ribamar Reis	Rumo Secular do Caboclo Maranhense
José Ribamar Seguins	Homenagem a Bequimão
Luís Alfredo Neto Guterres Soares	Escola: adote uma empresa
Olavo Correia Lima	Ideias Médicas de Gayoso
Olímpio Cruz	Barra do Corda, uma rapsódia de amor
Raymundo Carvakhi	Frei Custódio Alves Pureza Serrão
Travassos Furtado	Francisco Alves Camelo no Instituto Histórico
Waldemar Santos	Waldemar Santos

Quadro 13. ARTIGOS REVISTA Nº 8 (1985)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Adirson Carvalho	50 anos sem Humberto de Campos
Carlos Cunha	Viriato Corrêa, o Eterno
Eloy Coelho Neto	Cândido Mendes de Almeida
José Ribamar Seguins	IHGM 60 anos
José Pereira Costa	Um reencontro feliz
Joseth Coutinho M. de Freitas	A Bandeira Brasileira
José Ribamar Seguins	Homenagem a Bequimão
Orlandex Pereira Viana	Os primórdios do Brasil
Não há assinatura	Wilson Silva Soares – Tradicional Família Soares Recebe justas homenagens do IHGM
Não há assinatura	O IHGM agracia SIOGE e equipe
Não há assinatura	Francisco Alvez Camêlo Eleito para o IHGM
Não há assinatura	O IHGM rejubila-se com a Eleição de Sarney
Não há assinatura	Governador Luiz Rocha no salão nobre do IHGM (Biografia)
Não há assinatura	Sebastião Archer da Silva – O grande Benemérito (Biografia)
Não há assinatura	Rosa Mochel Martins (Biografia)
Não há assinatura	Olavo Correia Lima (Biografia)

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhida da Revistas IHGM nº.7 publicada em 1984 e da Revista IHGM nº.8, publicada em 1985, disponíveis na sede do Instituto Histórico.

No quadro 13, nota-se que há a prevalência de artigos com a exaltação de biografias de personalidades da cultura e da política maranhenses, entre os quais estão: homenagem à Cândido Mendes de Almeida, à Bandeira Brasileira – embora haja um cunho histórico, prevalece o tom de elogio e consagração à bandeira brasileira –; homenagem de agradecimento ao SIOGE; homenagem e elogios a Francisco Alvez Camêlo; homenagem à eleição de José Sarney, membro efetivo do IHGM (então escolhido pelo parlamento em escolha indireta), à vice-presidência em 1985, entre outros. Isso demonstra que, desde o periódico nº 4 de 1952, essa tendência em escrever homenagens ganha espaço. Nota-se um relevo em torno de artigos relacionados às personalidades da cultura e política do Brasil, sobretudo do Maranhão.

Dando continuidade, a revista nº 11 foi publicada em 1986, ainda sob a administração de José de Ribamar Seguints, e sob a Direção de Divulgação de Travassos Furtado. Foram publicados 5 artigos. Essa revista ainda foi composta e impressa pelo SIOGE. No quadro 14 seguem os artigos publicados nessa revista. E, ainda, em 1986, é publicada a revista nº 12, na qual constam os artigos arrolados no Quadro 15.

Quadro 14. ARTIGOS DA REVISTA Nº 11 (1986)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
João Ferreira Medeiros	A cultura e o Turismo
Joeth Coutinho Martins de Freitas	O bicentenário de Simón Bolívar e a influência do seu pensamento na Educação das Américas
Joaquim Elias Filho e Maria dos Remédios Buna Costa Magalhães	Biografias de resumidas de maranhenses ilustres
Sebastião Jorge	O jornalismo polêmico de Odorico Mendes e Garcia de Abranches
Travassos Furtado	Halley, mensageiro de Novas esperanças para o Brasil

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº11, publicada em 1986, disponível na sede do Instituto Histórico.

Contrastando com os números passados, no n.º 11 constam poucos artigos, mas eles contemplam, sobretudo, biografias de personalidades da cultura, imprensa e política maranhenses, entre os quais estão Odorico Mendes e Garcia de Abranches. Há, também, uma homenagem a Simon Bolívar, político venezuelano; assim como, uma crônica escrita por Travassos Furtado, na qual faz referência a um fato histórico, a passagem do cometa Halley pelo Brasil, versando sobre a ciência, o esoterismo e as “esperanças”.

Nota-se que no periódico nº 12, assim como nos números passados, ainda prevalecem as homenagens, seguindo o *script* dos demais artigos publicados, atendo-se sobre personalidades da cultura e política maranhense. E os três artigos dessemelhantes dos demais, são escritos por: Domingos Sousa, que elabora uma poesia sobre a Praia do Panaquatira, pertencente ao município de São José de Ribamar (MA), em que a reforça como uma “praia deserta de natureza intocada”; por

Travassos Furtado, que escreve uma crônica sobre a ciência; e, por fim, por Pedro Ratis que escreve sobre a sociologia rural.

Quadro 15. ARTIGOS DA REVISTA Nº 12 (1986)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Carlos Cunha	IHGM homenageia Bandeira Tribuzzi
Domingos Sousa	Panaquatira
Eloy Coelho Netto	Humberto de Campos – primeiro centenário do seu nascimento
Eloy Coelho Netto	Humberto de Campos – primeiro centenário do seu nascimento
Joseth Coutinho Martins de Freitas	Centenário de Máximo Martins Ferreira
Joaquim Elias Filho	Humberto de Campos
José Ribamar Seguins	IHGM homenageia o governador Luiz Rocha
João Freire Medeiros	Rubem Almeida, o poeta
Joaquim Elias Filho	Humberto de Campos
José Ribamar Seguins	IHGM homenageia o governador Luiz Rocha
Orlandex Pereira Viana	A existência histórica de Antonio Lobo
Pedro Ratis de Santana	Breves Noções de Sociologia Rural
Travassos Furtado	A ciência sempre vence
Travassos Furtado	A ciência sempre vence

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº12, publicada em 1986, disponível na sede do Instituto Histórico.

A partir dos quadros referentes aos artigos publicados, verifica-se que, diferente do que ocorrera nos anos anteriores, a gestão do José Ribamar Seguins (como presidente da entidade) consegue manter a assiduidades da revista do instituto. É importante sinalizar que em tempo algum da sua trajetória isso havia acontecido. Ao contrário, as gestões passadas apresentam lapsos longos de ausência da veiculação do periódico.

No entanto, observa-se uma prevalência incessante de artigos relacionados às homenagens, o que não acontecia nos números anteriores à gestão de Ribamar Seguins. Isso expressa um parâmetro importante no percurso do periódico, pois deixa de ser inclinado à história e à geografia para voltar-se à celebração de “ícones”.

Assim, Ribamar Seguins publicou 5 números da Revista (1984-1992). Acredita-se que isso ocorreu devido à parceria estabelecida com o Estado (SIOGE e o Governador).

Na subseção a seguir, estão os principais colaboradores desses números, entre os anos de 1984 a 1987.

2.1 OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DA REVISTA DE 1984 A 1987

Neste período de “ressurgimento” da revista alguns membros se destacaram nas produções dos artigos publicados, entre os quais estão: Joseth Coutinho Martins de Freitas, Travassos Furtado, Joaquim Elias Nagib Pinto Haickel, José Ribamar Seguins e, por fim, Eloy Coelho Netto. As informações dos agentes foram recolhidas da Revista IHGM: Perfil dos sócios-ocupantes, volume 1 e volume 2. E, sobre Joaquim Elias Nagib Pinto Haickel, também foi consultado o estudo construído por Grill (2008) que examina os perfis de deputados federais (1945-2006) em dois estados brasileiros (Rio Grande do Sul e Maranhão).

Quadro 16. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1984 – 1987)

SÓCIOS-COLABORADORES E RESPECTIVAS CIDADES NATAIS	FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA	OCUPAÇÕES DIVERSAS
Eloy Coelho Netto, nasceu em Balsas (MA) no dia 27 de novembro de 1924	Estudou no Educandário Coelho Neto em Balsas; estudou no Instituto Renascença na cidade de Carolina (MA); estudou o secundário no Colégio Marista em São Luís; estudou no Liceu Maranhense; e estudou no Colégio São João em Fortaleza (CE); Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará em 1950;	Foi presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua durante o curso de Direito no Ceará; redator da Revista Estrela e de outros periódicos da Faculdade de Direito; tornou-se aspirante a oficial do exército brasileiro; exerceu o magistério em Fortaleza (CE) e Balsas (MA); foi Secretário de Educação e Cultura do Estado do Maranhão durante 5 anos; ocupou o cargo de Diretor da Caixa Econômica Federal; secretário do Interior e Justiça do Maranhão; ocupou o cargo de tabelionato vitalício do Cartório de Notas do 3º Ofício de São Luís; foi professor de Direito Civil e de Direito Constitucional na UFMA; membro da Academia Maranhense de Letras e foi presidente do IHGM
Joseth Coutinho Martins de Freitas, (São Luís - MA no dia 28 de Janeiro de 1933)	Bacharel e Licenciatura em Filosofia; Pós-graduação na área de Educação	Foi professora da UFMA nos cursos de Pedagogia e Filosofia; professora no Liceu Maranhense; Exerceu vários cargos administrativos na UFMA (não há especificações dos cargos)
Joaquim Elias Nagib Pinto Haickel, nasceu em São Luís (MA) 13 de dezembro de 1959	Formou-se pela Faculdade de Direito da Universidade Federal do Maranhão (Ufma) em 1985.	Elegeram-se deputado estadual em novembro de 1982; foi eleito deputado federal constituinte (1987-1988); eleito deputado federal (1987-1991); tomou posse no governo de Edson Lobão, o cargo de subsecretário de assuntos políticos, cargo que exerceu até 1993, quando assumiu a subsecretaria de Educação; Presidente da Federação Maranhense de Tênis (1994-1996) e vice-presidente da Confederação Brasileira de Tênis (1996-2000); elegeram-se deputado estadual no pleito de outubro de 1998; membro da Academia Imperatrizense de Letras; membro da Academia Maranhense de Letras; fundador do blog com o seu nome vinculado do jornal O Estado do Maranhão, no qual publica poesias, crônicas, artigos e diários de viagem.
José Ribamar Seguin, nasceu em Pinheiro (MA) em 09 de dezembro de 1925	Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito de São Luís	Promotor de Justiça das Comarcas de Turiçu, Cururupu, Codó, Brejo e São Luís, atualmente é aposentado como Procurador de Justiça do Estado; Secretário de Educação e Cultura no

		governo de Newton Belo e Procurador regional da República; ocupou o cargo de vice-presidente do IHGM em 1972;
Travassos Furtado, nasceu em Viana, no dia 12 de junho de 1912	Estudou na Escola Municipal de Viana e no Liceu Maranhense, onde se bacharelou em Letras; concluiu o curso de Contador pela extinta Escola do Comércio	Trabalhou como auxiliar de revisão no “Diário do Povo”; exerceu o cargo de Redator Secretário e, cinco anos depois, como Redator Chefe do jornal “O Combate”; foi chefe de escritório da firma Matos Aguiar Ltda., que comercializava a exibição de filmes para os principais cinemas de São Luís; nas eleições de 1947, foi eleito Deputado Estadual pelo Partido Republicano, sendo reeleito por quatro mandatos consecutivos

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas na Revista eletrônica IHGM: Perfil dos sócios – ocupantes de cadeiras, 2013, Vol. 1, https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_s_cios_-_ocupantes_-_vo

A partir do quadro 16 e, a seguir, no quadro 17, é importante ressaltar, mediante os dados sociográficos apresentados, os padrões identificados acerca destes sucessores dos primeiros protagonistas do periódico. Além disso, dois agentes nesse enquadramento se destacam quanto à publicação de artigos na revista, Travassos Furtado e Joseth Coutinho, única agente do sexo feminino presente neste período, ambos com quatro artigos publicados.

No que refere aos padrões encontrados, nota-se que todos são oriundos do Maranhão e, em grande maioria, os agentes do sexo masculino são bacharéis em direito e exerceram profissões correlatas, como também ocuparam cargos como agentes públicos. Exclusivamente, Joseth Coutinho e Eloy Coelho Netto exerceram atividades de docência no ensino superior, em suas respectivas áreas de atuação. Nesse contexto, os agentes que fizeram investimentos no âmbito político eleitoral foram Joaquim Nagib e Travassos Furtado. Os demais não registraram esta inscrição. Houve dificuldades em encontrar dados referentes às ocupações exercidas por seus pais. Apenas encontramos o registro sobre o pai de Joaquim Nagib, também político e empresário.

Assim, nota-se que há manutenção, em comparação ao primeiro quadro de protagonistas do periódico, de agentes vinculados a cursos tradicionais como o Direito, e a ínfima notificação de agentes do sexo feminino. No quadro 17 estão os artigos publicados no periódico pelos protagonistas.

Quadro 17. ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO (1984 – 1987)

AGENTES QUE MAIS PUBLICARAM ARTIGOS NOS ANOS DE 1984 A 1987	TÍTULOS DOS ARTIGOS
Joseth Coutinho Martins de Freitas	Discurso de posse de Joseth Coutinho Martins de Freitas no IHGM, na cadeira nº55, patroneada pelo professor José Ribeiro de Sá Valle (1984); O bicentenário de Simón Bolívar e a influência do seu pensamento na Educação das Américas (1986); Centenário de Máximo Martins Ferreira (1986); O centenário de Vila-Lobos (1987)
Travassos Furtado	Francisco Alves Camelo no Instituto Histórico (1984); Halley, mensageiro de Novas esperanças para o Brasil (1986); A ciência sempre vence (1986); Palácio dos Leões e sua História (1987);
José Ribamar Seguins	Homenagem a Bequimão (1984); IHGM homenageia o governador Luiz Rocha (1986); O monte Castelo – em homenagem ao Dia do Soldado Brasileiro (1987);
Eloy Coelho Netto	Humberto de Campos – primeiro centenário do seu nascimento (1986); Antropologia e Sociologia: considerações gerais – o Maranhão (1987)
Joaquim Elias Nagib Pinto Haickel	Biografias resumidas de maranhenses ilustres (1986) Humberto de Campos (1986)

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas entre os anos de 1984 a 1987, disponíveis na sede do Instituto Histórico.

No que se refere aos artigos em destaque, observa-se, no Quadro 17, mudanças em relação às temáticas erguidas pelos fundadores. Aqueles privilegiaram questão atinentes à história e à geografia maranhenses. Já neste período, entre 1984 a 1987, verifica-se a prevalência das homenagens a “ícones” da cultura, da política e história, sobretudo, do Maranhão.

E essa tendência é verificada nas temáticas dos artigos assinados pelos autores em destaque. Considerando o plano editorial originário proposto pelos fundadores da entidade, houve mudanças significativas.

Como se observa nas informações evidenciadas, no Quadro 16, embora Joseth Coutinho fosse bacharela e licenciada em filosofia, com pós-graduação na área de educação, seus artigos estão ligados, especialmente, aos esforços de homenagens a personalidades culturais e políticas. Mesmo escrevendo um artigo com link com a educação, intitulado “O bicentenário de Simón Bolívar e a influência do seu pensamento na Educação das Américas”, ainda há o caráter de tributo a Simón Bolívar. Neste período, também aparece o seu discurso de posse quando integra o corpo de membros do IHGM.

É interessante observar que essa homenagem para Simón Bolívar, considerado um herói nacional da Venezuela, faz parte das práticas de eternização e consagração de “vultos” (GRILL & REIS, 2017) efetivado por muitos agentes da entidade que se esforçam em divulgar e enaltecer no periódico as personalidades da política, história e cultura, sejam elas nacionais, regionais ou internacionais.

Essa prática de imortalizar personalidades públicas é comum nessas instâncias de consagração, pois, isso também é verificado na Academia Maranhense de Letras (AML). De acordo com Grill & Reis (2017), verificou-se que AML produziu um livro intitulado “Perfis Acadêmicos” com o objetivo central de agrupar os produtores culturais, antigos e novos, celebra-los e imortaliza-los. Além disso, essa prática demonstra que ao incluir “vivos” e “mortos” em uma mesma galeria de panteões é uma forma de notabiliza-los como pertencentes a um lugar de legitimidade social.

Da mesma forma, percebe-se essa prática de imortalização de “vultos” nos estudos realizados por Reis, Carvalho e Garces (2020) relativo às produtoras da “cultura maranhense”. Nesse estudo verifica-se que as mulheres atuam mais nos papéis de “consagradoras” e produtoras do que de intérpretes ou notáveis da cultura, enquanto os homens ocupam majoritariamente a vaga de porta-vozes legítimos e

estão presentes na galeria de panteões da cultura. Isso reflete as desigualdades de gêneros presentes nessas instâncias culturais e o manejo em melhorar a imagem social dessas entidades.

Faz-se necessário salientar que embora se sobressaiam personalidades femininas nesses domínios sociais, sendo protagonistas de produções culturais e corroborando com as definições acerca da cultura, ainda são minoria na galeria de notáveis (REIS; MACHADO; GARCES, 2020).

Dando continuidade aos agentes desse período, Raimundo Nonato Travassos Furtado, por outro lado, produz artigos com caráter de crônica/jornalístico e, possivelmente, ligado ao período que exerceu atividades como auxiliar de revisão no “Diário do Povo” e Redator Chefe do jornal “O Combate”. Ao mesmo tempo, sinaliza homenagens, elogios à entrada de Francisco Camêlo no IHGM, diretor do extinto SIOGE, na época ou mesmo evidenciando a importância do Palácio dos Leões para a história/cultura maranhense.

Quanto a Eloy Coelho, Ribamar Seguins e Joaquim Elias Filho, prevalecem as exaltações biográficas de nomes ilustres do Maranhão, como homenagens prestadas às figuras de relevo maranhenses, como verificado no quadro 17.

2.2 A REVISTA DA ENTIDADE ENTRE OS ANOS DE 1992 E 1999

Após 1987, somente em 1992 o periódico nº 15 foi lançado. De acordo com os dados acerca da Revista IHGM, José Ribamar Seguins permaneceu como presidente da entidade até 1994.

Quanto ao último número publicado durante a gestão de José Ribamar Seguins referente à Revista nº16, de 1993, percebe-se novamente que ela é custeada pelo Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (SIOGE), ao qual a Diretoria do Instituto faz, na apresentação, elogios e agradecimentos, referindo-se ao seu diretor, Antônio José Muniz. Além disso, há o reconhecimento do auxílio do Governo do Estado do Maranhão, bem como o pedido de empenho e sensibilidade na manutenção da Revista do Instituto.

Após 1994, uma nova gestão passou a responder pelo IHGM e pela revista. Ribamar Seguins foi sucedido por Hédel Jorge Ázar³¹, que iniciou sua gestão para o biênio 1994/1996 e permaneceu nos biênios 1996/1998 e 1998/2000.

Oriundo de uma família tradicional síria-libanesa, ele nasceu em São Luís, no ano de 1923. Casou-se, em 1959, com Maria Alice Itapary Ázar, filha do Dr. João Itapary (ligados à família do Barão Itapary). Jorge Ázar estudou no Colégio São Luís e, mais tarde, no Liceu Maranhense. Em 1949, concluiu o curso de Engenharia Técnica Civil pela Escola Técnica de Engenharia Civil do Paraná. Em 1966, cursou Jornalismo na Universidade Federal do Maranhão; assim como, Administração de Empresas na Universidade Federal do Ceará. Iniciou sua carreira política em Curitiba, como Vereador, na Câmara Municipal daquele município.

No Maranhão, em 1950, foi convidado a fazer parte do corpo de Engenharia do Departamento Estadual de Estradas de Rodagem do Estado do Maranhão (DER-MA). De 1953 a 1958 assumiu a direção do setor agrícola da Campanha de Produção. No ano de 1960, por ato do Governador do Estado, foi nomeado diretor do Departamento de Transportes Urbanos de São Luís (*DTSUL*). Foi presidente da CEMAR no ano de 1962.

Fundou as Firmas Hédel Ázar e Cia, em 1957, e a Imobiliária Comercial América, sendo fundador e diretor da Companhia Maranhense de Refrigerantes (Coca-Cola). Foi, ainda, assessor da Secretaria da Indústria e Comércio e Turismo, entre 1988 e 1994; atuou como Engenheiro no Tribunal de Contas do Estado (1973-1982); na Secretaria de Infraestrutura do Estado (1992-1994); e foi superintendente da Associação dos Diplomados da Escola Superior de Guerra (ADESG) no Maranhão, entre os anos de 1993 e 1994.

Jorge Ázar participou de diversos Conselhos e Associações ligadas à Engenharia e ao Comércio no Maranhão; foi condecorado com diversas medalhas: Cidade de São Luís; Mérito na Segurança do Trabalho; Mérito Grau de Colaboração; Mérito Militar – Brigadeiro Falcão; Mérito Timbira, concedida pelo Governador do Maranhão e Mérito Muá. Na área de Educação, foi professor *Honoris Causa* da Universidade Federal do Maranhão; fundador da Escola de Engenharia do Maranhão

31 Fonte com as informações sobre Jorge Ázar: Revista eletrônica IHGM: Perfil dos sócios – ocupantes de cadeiras, 2013, Vol. 1, https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_-_ocupantes_-_vo

e membro efetivo do Conselho Representantes da Escola Técnica Federal do Maranhão (1971-1973).

Oriundo de uma família de imigrantes libaneses, ao se casar com uma integrante da família do Barão Itapary ligada à “nobreza do Maranhão”, Jorge Ázar acrescentou o reconhecimento social advindo da família da esposa. Além disso, graduou-se em curso prestigiado, em Engenharia, e obteve títulos no Jornalismo e em Administração de Empresas. Como também enveredou pela carreira política-eleitoral, ocupando determinados cargos na gestão pública.

No tocante à primeira revista publicada em sua gestão, nº 17, no ano de 1996, segundo apontado na apresentação escrita pelo Diretor do Serviço de Divulgação, Carlos Alberto Lima Coêlho, após dois anos de ausência a Revista volta a circular. Ele salienta no texto as várias tentativas de captação de recursos através dos poderes públicos, sem sucesso. Ainda sublinha que o SIOGE, antes responsável pela composição e impressão da Revista, não mais estava disponível para dar continuidade a este trabalho por motivos de reformas administrativas e mudança na diretoria.

Da mesma forma, a diretoria do Instituto, à época, foi ao encontro do então Secretário de Cultura do Estado, Eliézer Moreira, com o intuito de conseguir patrocínio. Todavia, o Secretário declarou que não havia recursos para tal finalidade. Com isso, o custeio e a edição da revista ficaram ao encargo do presidente Hédel Jorge Ázar e dos membros da Diretoria, como exposto a seguir:

Graças aos esforços do presidente deste Instituto, Hédel Jorge Ázar, e dos demais membros da Diretoria, que sabendo da importância do trabalho que o IHGM realiza e na divulgação do Estado do Maranhão lá fora, resolveram assumir os custos e editar a Revista (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 17, 1993).

A seguir são apresentados os Quadros 18 e 19 com os artigos publicados na revista em distintos anos (1992 e 1996) e com seus respectivos autores. Relembrando que o presidente que publicou o periódico nº15, em 1992, foi José Ribamar Seguins.

Assim, no periódico nº 15 constam 13 artigos. Nesta listagem de textos, observa-se a prevalência de conteúdos ligados às homenagens de ilustres maranhenses, já verificada nos números anteriores do periódico, destacando-se: homenagens a Gonçalves Dias e Sousândrade, ressaltando os discursos de posses

dos membros-efetivos e um discurso de elogio ao patrono. Os artigos dissonantes dos demais são vinculados à história e cultura maranhense: “Subsídios para a História de Alcântara” e “Japiáçu – Maioral da Ilha”. Além do artigo intitulado “Filogênese Freudiana”, que descreve uma noção específica do âmbito da psicologia/psicanálise, assinado por Olavo Correia Lima.

Quadro 18. ARTIGOS DA REVISTA Nº 15 (1992)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Não há assinatura	Lembrando o Dr. João
Olavo Correia Lima	Filogênese Freudiana
Luiz Alfredo Netto Guterres Soares	Subsídios para a História de Alcântara
Augusto Silva de Carvalho	Japiáçu – Maioral da Ilha
Joseth Coutinho Martins de Freitas	A “quinta da vitória” de Sousândrade
Clementino Moura	Como são diferentes os tempos!
Maria da Conceição Ferreira	A formação do professor de português no Maranhão: ontem e hoje
Orlandex Pereira Viana	Vida e obras de Antonio Gonçalves Dias
Joseth Coutinho Martins de Freitas	O centenário de um mestre
Sebastião Barreto Brito	Discurso de posse
José da Costa Mendes Pereira	Discurso sobre a Adesão do Maranhão à Independência
José da Costa Mendes Pereira	Discurso de elogio ao patrono da cadeira nº 59
Não há assinatura	Discurso de Milson Coutinho

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº.15, publicada em 1992, disponível na sede do Instituto Histórico.

Quadro 19. ARTIGOS DA REVISTA Nº 17 (1996)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
	Resenhas do IHGM
Eloy Coelho Neto	Crônica para o Instituto Setentão
Diretoria da Identidade	IHGM Comemora 70 anos
Pe. Hélio Maranhão	Oração congratulatória dos 70 anos do IHGM
	Oração do IHGM nos seus 70 anos
Milson Coutinho	Discurso dos 70 anos do IHGM
Luiz Alfredo Netto Guterres	Resgate histórico
Joaquim Elias Filho e Maria dos R. B. Magalhães	A Independência do Brasil no Nordeste
Sá Vale Filho	Duas fontes de luz
Augusto Silva de Carvalho	O amanhecer da saudade
Maria Da Conceição Ferreira	José Constantino Gomes de Castro
Ronald da Silva Carvalho	O Rotary e a ética profissional
Eloy Coelho Netto	Raymundo Carvalho Guimarães – a longevidade dos juntos
Augusto Silva de Carvalho	São Luís – 70 anos atrás
Orlandex Pereira Viana	Ana Amélia, a musa de G. Dias, sua genealogia e seus descendentes
Eloy Coelho Netto	Primeira Revista do IHGM
Carlos de Lima	Sobre os 500 anos do descobrimento do Brasil
Ribamar Feitosa	Criança de rua: quem lucra com esta triste realidade
Edomir Martins de Oliveira	Um breve estudo acerca da família

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº.17, publicada em 1996, disponível na sede do Instituto Histórico.

No quadro 19, por intermédio dos títulos dos artigos, verifica-se que os membros efetivos da entidade, em 1996, estavam comemorando 70 anos do IHGM.

No periódico, fica evidente o tributo de seus sócios para com a entidade a qual são vinculados, homenageando-a através dos artigos publicados, em formato de crônica e elogios ao IHGM. Ainda há uma mescla desses artigos com os outros que versam, sobretudo, acerca de mais homenagens.

Alguns artigos são voltados às personalidades religiosas e da literatura: “José Constantino Gomes de Castro”; “Ana Amélia, a musa de Gonçalves Dias, sua genealogia e seus descendentes”; etc. Além da presença de poesias/poemas que constam nesse periódico, intitulados: “Duas fontes de luz” e “O amanhecer da saudade”. Os outros artigos que destoam do caráter de elogios referem-se as temáticas sobre história do Brasil e problemas sociais.

Na revista nº 18, publicada em 1997, Jorge Àzar escreve a apresentação do periódico, ressaltando que o IHGM assumiu os custos da impressão da sua revista por não conseguir patrocínio e evidenciando que a ajuda dos governantes de outrora

não mais aconteceu. No entanto, o esforço em manter a entidade e a revista continuava, e eles permaneciam comprometidos com “a divulgação da cultura do Maranhão”, conforme disserta:

O IHGM publica mais um número de sua revista demonstrando a dedicação para com a divulgação da cultura do Maranhão. Foi um esforço muito grande dos seus membros que com suas contribuições fizeram tornar possível esta publicação (Revista do IHGM, nº 18, 1997).

A seguir, apresentamos o quadro 20 com seus respectivos artigos e autores. Ainda privilegiando as homenagens, o nº 18 não sofre modificações, pois, percebe-se a prevalência de textos com o caráter de elogios, celebração e reconhecimentos, tais como: “Saudação de posse do escritor e historiador Carlos Orlando Rodrigues de Lima no IHGM”; “João de Barros: Humanismo, mercancia e celebração imperial”; “Homenagem a João de Barros” e “A praia Grande e o livro de Jamil Jorge”. Os demais artigos são poemas e crônicas. Além disso, constam dois discursos de posse referentes a Carlos de Lima e Edomir Martins de Oliveira. Após 1997, somente em 1998 a revista nº 21 é publicada, porém este número não foi encontrado no acervo do IHGM. No ano seguinte, em 1999, foi publicado o nº 22. Neste há uma apresentação do Presidente Jorge Ázar, em que relata que os custos do Instituto estavam sendo assumidos pelas contribuições mensais dos sócios, só que o valor arrecadado era insuficiente para sanar as despesas prioritárias da entidade.

Em contrapartida, nesta mesma apresentação, Jorge Ázar agradece o apoio da Governadora Roseana Sarney por autorizar a impressão da revista, evidenciando que esta, sendo “filha de intelectual”, valorizaria a “cultura” e a “arte do povo maranhense”. Este apoio/decisão foi anunciado pelo então presidente da Fundação Cultural do Maranhão, Luís Bulcão, na solenidade pública de posse de Osvaldo Pereira Rocha como novo membro do IHGM, naquele ano de 1999.

Quadro 20. ARTIGOS DA REVISTA Nº 18 (1997)

AGENTES	TITULO DO ARTIGO
Guilherme Afif Domingos	20º Congresso Brasileiro de Radiodifusão: a microempresa e a geração de empregos
Eloy Coelho Netto	Saudação de posse do escritor e historiador Carlos Orlando Rodrigues de Lima no IHGM
	Discurso pronunciado no IHGM por Edomir Martins de Oliveira, membro da cadeira nº 51
Joseth Coutinho de Freitas	Homenagem a João de Barros
Eudes de Sousa	O filho ilustre de São Bernardo
	Discurso de posse do historiador Carlos de Lima no IHGM
Ana Isabel Buescu	João de Barros: Humanismo, mercancia e celebração imperial
José Fernandes	A praia Grande e o livro de Jamil Jorge
Lima Coêlho	A ultimo alto
Maria Ferreira	Abôio de Vaqueiro
Augusto Silva de Carvalho	O Bacanga – a vida no sítio
Augusto Silva de Carvalho	A doceria
Guilherme Afif Domingos	20º Congresso Brasileiro de Radiodifusão: a microempresa e a geração de empregos
Eloy Coelho Netto	Saudação de posse do escritor e historiador Carlos Orlando Rodrigues de Lima no IHGM
	Discurso pronunciado no IHGM por Edomir Martins de Oliveira, membro da cadeira nº 51
Joseth Coutinho de Freitas	Homenagem a João de Barros
Eudes de Sousa	O filho ilustre de São Bernardo
	Discurso de posse do historiador Carlos de Lima no IHGM
Ana Isabel Buescu	João de Barros: Humanismo, mercancia e celebração imperial
José Fernandes	A praia Grande e o livro de Jamil Jorge
Lima Coêlho	A ultimo alto
Maria Ferreira	Abôio de Vaqueiro
Augusto Silva de Carvalho	O Bacanga – a vida no sítio
Augusto Silva de Carvalho	A doceria

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº.18, publicada em 1997 disponível na sede do Instituto Histórico.

No nº 23, o mesmo relato é observado em relação aos recursos escassos e dos gastos que seriam assumidos pelos sócios do Instituto, como se verifica na sua apresentação:

Esse é mais um número da Revista do IHGM que está sendo editada com recursos próprios. Um esforço que vale a pena porque, através dela, está sendo possível divulgar o trabalho dos membros da “Casa de Antônio Lopes” muito importante para a história do Estado do Maranhão (Revista do IHGM, nº 23, 2000).

O trecho citado reflete a ideia dos membros originários de que o periódico serviria como divulgador/promotor dos “trabalhos de seus membros”. O que, segundo consta anteriormente, seria “muito importante para a história do Estado”.

No entanto, o que se constata é que essa orientação possivelmente não foi seguida, se considerarmos que “os trabalhos de seus membros” estejam estritamente ligados às pesquisas e estudos referentes às respectivas esferas profissionais (setor jurídico, área médica, etc.). Ao contrário, ao longo do exame feito das revistas, notamos que os artigos publicados não têm total ligação com as atividades profissionais de seus autores. Pois, os que se sobressaem são as temáticas honoríficas prestadas aos “ilustres maranhenses”, em detrimento de artigos ligados às áreas de atuação de seus sócios-efetivos. Isso também é verificado no último periódico, publicado em 1999. No entanto, neste, timidamente, são publicados artigos diferentes dos demais periódicos, o que será exibido a seguir.

Quanto à gestão de Hédel Jorge Àzar, ele conseguiu publicar 5 números da Revista, durante o período em que esteve como presidente da entidade, entre os anos 1996 e 2000.

Na última revista publicada no ano 2000, Jorge Àzar se despediu da presidência afirmando que a entidade e a revista ainda não alcançaram voos mais altos em razão da falta de patrocínio. Haja vista que todos os custos seriam oriundos das contribuições dos sócios. Neste período, de 1994 a 2000, a revista não recebeu mais contribuições materiais contínuas de órgãos vinculados ao governo do estado, como ocorreu na gestão de Ribamar Seguins.

Observa-se, mediante as apresentações dos periódicos publicados, durante a gestão de Jorge Àzar, que há um manejo de recursos financeiros advindos dos próprios membros efetivos, ou seja, a contribuição material vem de forma individual e coletiva. Apenas no ano de 1999 os custos materiais da Revista ficaram ao encargo do governo do estado, na gestão de Roseana Sarney.

No Quadro 21, constam os artigos publicados no periódico ao final da década de 1990.

Quadro 21. ARTIGOS DA REVISTA Nº 22 (1999)

AGENTES	TÍTULO DO ARTIGO
Ronald da Silva Carvalho	Responsabilidade e ética na administração pública
Maria da Conceição Ferreira	Um fato significativo para a formação da cidadania
Oswaldo Soares	Mumismática Maranhense
	Regimento do IHGM
Luiz Alfredo Netto Guterres	O prefeito da fonte
Ronald Silva Carvalho	Palestra do Governo 89/90 do D – 4490
Luiz Alfredo Netto Guterres	Apontamento para a história da Justiça Federal no Maranhão – 1981 a 1997
	Sinopse Cronológica
Edomir Martins de Oliveira	Festas Juninas no Maranhão
Augusto Silva de Carvalho	O carnaval de minha infância
Pronunciamento de Oswaldo Pereira Rocha	Lançamento e posse movimentam o IHGM
Augusto Silva de Carvalho	O amanhecer da saudade

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas da Revista IHGM nº.22, publicada em 1999, disponível na sede do Instituto Histórico.

Nota-se que são publicados alguns artigos que ressaltam determinadas áreas específicas, como administração pública, o terreno jurídico, contexto das humanidades, etc. Assim como artigos no âmbito da literatura (crônicas, poesias, poemas, etc.). Isso sinaliza diferenças, pois há uma maior diversificação de temas específicos voltados para determinadas questões que não foram encontradas nas revistas passadas. Ainda, registra-se um artigo relacionado à Rotary Club do Maranhão, intitulado “Palestra do Governo 89/90 do Distrito 4490”, o qual legitima esse perfil de associação/ clube de sócios.

2.3 OS PROTAGONISTAS DA REVISTA DE 1992 A 1999

Durante esse percurso destacam-se os principais autores dos artigos, entre os quais estão: Augusto Silva de Carvalho; Edomir Martins de Oliveira; Ronald da Silva

Carvalho; Joseth Coutinho Martins de Freitas; Luís Alfredo Neto Guterres Soares; Eloy Coelho Netto e, por fim, Maria da Conceição Ferreira.

Quadro 22. PROSOPOGRAFIA DOS PROTAGONISTAS (1992-1999)

SÓCIOS-COLABORADORES E RESPECTIVAS CIDADES NATAIS	FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA	OCUPAÇÕES DIVERSAS
Edomir Martins de Oliveira	Escola Modelo Benedito Leite, e durante quatro anos fez o segundo grau no Ateneu Teixeira Mendes. Cursou o terceiro grau no Liceu Maranhense; Cursou Direito, na Faculdade de Direito de São Luís, colando grau em 1960	Exerceu atividades administrativas no Banco do Brasil de Codó – MA em 1962; Diretor do SESC - Serviço Social do Comércio; Corregedor do TED/OAB-MA; Assessor Jurídico da SOAMAR-MA; Professor na UFMA; Diretor da escola Ginásio Codoense; Chefe do Departamento de Direito da UFMA; Coordenador do Curso de Direito e Vice-Diretor do Centro de Ciências Sociais - CCSO.
Eloy Coelho Netto, nasceu em Balsas (MA) no dia 27 de novembro de 1924	Estudou no Educandário Coelho Neto em Balsas; estudou no Instituto Renascença na cidade de Carolina (MA); estudou o secundário no Colégio Marista em São Luís; estudou no Liceu Maranhense; e estudou no Colégio São João em Fortaleza (CE); Bacharelou-se em Ciências Jurídicas e Sociais na Faculdade de Direito do Ceará em 1950;	Foi presidente do Centro Acadêmico Clóvis Beviláqua durante o curso de Direito no Ceará; redator da Revista Estrela e de outros periódicos da Faculdade de Direito; tornou-se aspirante a oficial do exército brasileiro; exerceu o magistério em Fortaleza (CE) e Balsas (MA); foi Secretário de Educação e Cultura do Estado do Maranhão durante 5 anos; ocupou o cargo de Diretor da Caixa Econômica Federal; secretário do Interior e Justiça do Maranhão; ocupou o cargo de tabelionato vitalício do Cartório de Notas do 3º Ofício de São Luís; foi professor de Direito Civil e de Direito Constitucional na UFMA; membro da Academia Maranhense de Letras e foi presidente do IHGM
Joseth Coutinho Martins de Freitas, (São Luís - MA no dia 28 de Janeiro de 1933)	Bacharel e Licenciatura em Filosofia; Pós-graduação na área de Educação	Foi professora da UFMA nos cursos de Pedagogia e Filosofia; professora no Liceu Maranhense; Exerceu vários cargos administrativos na UFMA (não há especificações dos cargos)
Maria da Conceição Ferreira, nasceu em São Luís (não foram encontradas as informações acerca de sua data de nascimento)	Professora diplomada pela Escola Normal do Estado; Bacharel em Ciências Contábeis pela Escola Técnica do Comércio do Maranhão; Concluiu o curso de Serviço Social pela Escola de Serviço Social do Maranhão; Licenciada em Pedagogia; Possui especialização em Aperfeiçoamento em Modelos de Ensino Superior; Especialização em Organização e Administração Escolas; Especialização em Estudos Brasileiros (não constam as datas ou as instituições que ela concluiu)	Fundadora e professora no Colégio Conceição de Maria; foi professora primária em cidades do interior do Estado do Maranhão (São Luiz Gonzaga; Loreto e Rosário); professora no Instituto de Educação do Estado; Assessora Pedagógica do Departamento de Ensino e Assistente Social da Escola Técnica Federal do Maranhão
Ronald da Silva Carvalho – não foram encontrados os registros sobre a cidade natal; faleceu em São Luís nos anos 2000	Cursou Direito na Faculdade de São Luís; fez curso de Contabilidade;	Ocupou o cargo de Diretor da Escola Técnica Federal do Maranhão durante 44 anos; foi coordenador da comissão Estadual do Livro Técnico designado pelo Ministro da Educação; coordenou a 1ª Feira de Ciências em 1969; vice-presidente do IHGM

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas na Revista eletrônica IHGM: Perfil dos sócios – ocupantes de cadeiras, 2013, Vol. 1, https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_socios_ocupantes_-_vo

Mediante os dados sociográficos, expostos no Quadro 22, notamos que os resultados desse estudo apontam condições sociais favoráveis a estes protagonistas dos anos 1990.

Acerca do local de nascimento dos agentes em questão, para os quais foram encontradas essa informação, nota-se que eles são oriundos do Maranhão. E para aqueles que há informação sobre os trajetos escolares e acadêmicos, constata-se que os agentes do sexo masculino advêm, sobretudo, das Ciências Jurídicas.

Isso em certa medida demonstra que houve uma manutenção de características semelhantes aos protagonistas veteranos que percorreram por cursos ditos “tradicionais” como o direito. Do mesmo modo ocuparam e exerceram atividades correlatas às suas respectivas áreas de atuação, no exercício de cargos no âmbito educacional e/ou em cargos de gestão pública.

É importante frisar que dois agentes reaparecem neste contexto como principais protagonistas: Joseth Coutinho Martins de Freitas e Eloy Coelho Netto, mencionados anteriormente, na década de 1980.

E, neste período dos anos 1990, duas agentes do sexo feminino aparecem como protagonistas: Maria da Conceição Ferreira e Joseth Coutinho Martins de Freitas. Ambas exerceram a docência. E, embora Maria da Conceição fosse bacharel em Ciências Contábeis, ela exerceu mais atividades voltadas ao âmbito educacional, sendo fundadora de um colégio.

. No Quadro 23 estão os artigos publicados por eles.

Quadro 23. ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO (1992 – 1999)

AGENTES QUE MAIS PUBLICARAM ARTIGOS NOS ANOS DE 1992 A 1999	TÍTULOS DOS ARTIGOS
Joseth Coutinho Martins de Freitas	“A “quinta da vitória” de Sousândrade” - REVISTA Nº 15 – 1992; “O centenário de um mestre” - REVISTA Nº 15 – 1992; Homenagem a João de Barros” - REVISTA Nº18 – 1997; “28 de julho, data histórica” - REVISTA Nº 19 – 1997; “O bicentenário de Dom Pedro II” - REVISTA Nº21 – 1998
Luís Alfredo Neto Guterres Soares	“Subsídios para a História de Alcântara” – REVISTA Nº 15 – 1992; “Resgate histórico” - REVISTA Nº 17 – 1996; “Netto Guterres – o médico dos pobres” - REVISTA Nº 19 – 1997; “Resgate Histórico” - REVISTA Nº21 – 1998; “Apontamento para a história da Justiça Federal no Maranhão – 1981 a 1997” - REVISTA Nº22 – 1999; “O prefeito da fonte” - REVISTA Nº22 – 1999
Eloy Coelho Netto	Crônica para o Instituto Setentão; REVISTA Nº 17 – 1996; Raymundo Carvalho Guimarães – a longevidade dos juntos - REVISTA Nº 17 – 1996; Primeira Revista do IHGM - REVISTA Nº 17 – 1996; “Saudação de posse do escritor e historiador Carlos Orlando Rodrigues de Lima no IHGM” - REVISTA Nº18 – 1997; O Padre Antônio Vieira e o Maranhão - REVISTA Nº 19 – 1997; A independência e a adesão do Maranhão - REVISTA Nº21 – 1998

Maria da Conceição Ferreira	A formação do professor de português no Maranhão: ontem e hoje - REVISTA Nº 15 – 1992; “José Constantino Gomes de Castro” - REVISTA Nº 17 – 1996; “Abóio de Vaqueiro - REVISTA Nº18 – 1997; Um fato significativo para a formação da cidadania - REVISTA Nº22 – 1999
Augusto Silva de Carvalho	Japiaçu – Maioral da Ilha - REVISTA Nº 15 – 1992; O amanhecer da saudade - REVISTA Nº 17 – 1996; São Luís – 70 anos atrás - REVISTA Nº 17 – 1996; O Bacanga – a vida no sítio - REVISTA Nº18 – 1997; A doceria - REVISTA Nº18 – 1997; O Bacanga – Festa no sítio - REVISTA Nº 19 – 1997; Éramos Felizes... - REVISTA Nº 19 – 1997; O carnaval de minha infância - REVISTA Nº22 – 1999; O amanhecer da saudade - REVISTA Nº22 – 1999;
Edomir Martins de Oliveira	Um breve estudo acerca da família - REVISTA Nº 17 – 1996; 385 anos de fundação de São Luís e 400 anos de Passamento do Padre Anchieta - REVISTA Nº 19 – 1997; Festas Juninas no Maranhão - REVISTA Nº22 – 1999;
Ronald da Silva Carvalho	O Rotary e a ética profissional - REVISTA Nº 17 – 1996; Caxias, consolidador da unidade nacional - REVISTA Nº 19 – 1997; Palestra do Governo 89/90 - REVISTA Nº22 – 1999; Responsabilidade e ética na administração pública - REVISTA Nº22 – 1999

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas entre os anos de 1992 a 1999, disponíveis na sede do Instituto Histórico.

Percebe-se que os autores escreveram sobre uma variedade de temas de artigos que se diversificam dos artigos produzidos pelos principais agentes colaboradores evidenciados anteriormente nesta dissertação. No entanto, embora haja essa variedade de temas (História Maranhense; Educação; Família; Ciências Jurídicas, etc.) ainda se constata a presença de artigos de consagração e homenagens.

A partir da explanação desses periódicos, em diferentes décadas, e observando seus principais colaboradores, é interessante ressaltar que os sócios-membros do instituto transitavam e transitam pelas instâncias de poder, mantendo relações com outros agentes que gozavam de certo prestígio social, cultural e político em diferentes períodos, com posições de destaque no cenário social e político dos diversos períodos no Maranhão.

Compreende-se este fato mediante a aproximação com Luiz Rocha, o governador do Maranhão à época, e com Francisco Camêlo, ex-diretor do SIOGE, que “ajudaram” na circulação da Revista do Instituto. Conferimos que ao longo da gestão do José Ribamar Seguins firmou-se esta parceria com o SIOGE, um órgão de caráter estatal vinculado à imprensa, que trouxe benefícios ao instituto neste período. E como forma de retribuir esta parceria, o presidente do Instituto realizou uma sessão solene em homenagem ao Governador Luiz Rocha e convidou o diretor do SIOGE a ingressar no quadro dos sócios-membros vitalícios do IHGM.

O mesmo ocorreu no ano de 1948, com a publicação do segundo número da Revista. Naquele período, o Instituto estava sob administração de Braulino Carvalho que, ao firmar laços com o Governador Sebastião Archer, conseguiu um novo prédio

para ser a sede do Instituto, além de publicar a Revista com financiamento advindo do Governo Federal. Isso é verificado em outros números da Revista, em diferentes gestões dos presidentes que estavam à frente da entidade, como o caso da administração de Jorge Ázar que recebe “ajuda” da Governadora do Estado Roseana Sarney.

Assim, pode-se sugerir que nesses domínios sociais em que os integrantes do Instituto transitam, eles estabelecem vínculos assentados também em relações de trocas.

Nota-se que a ação generosa feita pelo Estado deve ser retribuída, pois a ideia de parceria se estabelece na reciprocidade das relações, o que se torna visível nas homenagens e elogios lançados a estes parceiros do Instituto, sobretudo, elogios ao Governo do Estado, em diferentes épocas.

CAPÍTULO III – A REVISTA IHGM NO SÉCULO XXI E OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS

Com base nas informações expostas até aqui, verificamos mudanças significativas nas temáticas dominantes no periódico. Já mencionamos que a partir dos anos 1950 começaram a prevalecer ênfases nas homenagens aos indivíduos considerados “ilustres” da cultura, da história e da política, regional ou nacional, publicadas pelos sócios-efetivos; e uma diminuição de artigos ligados à História e à Geografia Maranhenses, mais fortes no primeiro período de manutenção do periódico.

Com efeito, verificou-se que, durante 74 anos (1925 a 1999), a Revista IHGM apresentou variações quanto à regularidade e à recorrência de lançamentos de seus números. No decorrer do século XXI, essas oscilações permanecem. No entanto, houve um incremento na assiduidade com o desenvolvimento da Revista IHGM no formato eletrônico. Relativo aos problemas que o Instituto acumula, sobretudo os financeiros que condicionam a manutenção da entidade e da Revista, não houve muitas mudanças significativas. A mesma dificuldade se observa em relação às parcerias firmadas entre os patrocinadores e os presidentes que respondiam pela entidade em diferentes gestões.

Sobre o periódico eletrônico, o idealizador e responsável por sua editoração foi Leopoldo Gil Dulcio Vaz, um dos agentes que faz parte do corpo dos protagonistas do século XXI.

Em entrevista, ele menciona que no período em que foi acatada a ideia da criação da Revista *online*, houve divergência internas em razão de interesses do editor da época, José Fernandes, acrescentando que não havia dinheiro para a publicação do periódico impresso, como relatado:

Na época o editor da revista era Zé Fernandes, ele já estava com a revista pronta para publicar, mas não tinha dinheiro pra publicar. E eu comentei com ele que existia uma revista eletrônica, assim, assim, tal, tal. O ISSU ainda era a versão beta, não era uma plataforma. (...) Aí em 2008 eu entrei, aí eu disse, “quer saber de uma coisa vou experimentar” o ISSU. Aí o Zé Fernandes não gostou na ideia. O Zé Fernandes tinha interesse, porque? Porque ele tinha uma gráfica, ele publicava na gráfica dele. Mas mesmo assim ele me deu o material da revista, passou pro PDF, fiz a editoração e joguei no ISSU. Tanto que o primeiro número não tem nada assinado por mim. Aí agora eu vou fazer o segundo número, e eu me interessei muito pela revista no ano que eu me aposentei. Eu me comprometi com a professora Eneida que eu ia toda tarde lá para o Instituto ajudar (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Isso reitera o período de dificuldades que a entidade ainda passava e, em certa medida, o sentido e interesse depositado por Leopoldo Gil Dulcio Vaz no trabalho de manutenção desse periódico. Nesse percurso, ressalta-se que dez agentes se destacaram quanto à colaboração na forma de artigos publicados na Revista IHGM.

Dessa forma, ao longo do capítulo, serão apresentadas as inscrições sociais, culturais e políticas dos agentes em destaque, assim como as temáticas priorizadas por eles.

Esses dois eixos serão explorados na sequência.

3.1 – BREVE HISTÓRICO DO PERÍODO RECENTE

Fazendo um apanhado breve do século XXI, comparativamente às gestões à frente tanto do Instituto como da Revista, percebem-se mudanças entre os momentos anteriores e o atual.

Edomir Martins de Oliveira assumiu a presidência durante o biênio 2000-2002. No último ano de sua gestão, em 2002, foi publicado o periódico nº 26. Ele escreve a apresentação parabenizando a gestão pela realização de mais um número publicado e salienta que isso ocorreu mediante as doações enviadas pelos próprios sócios da Diretoria.

Quanto ao pagamento das mensalidades advindas dos sócios-efetivos, Leopoldo Vaz, em entrevista, menciona que poucos de seus confrades pagavam o valor correspondente à mensalidade estabelecida pela gestão, que tem o objetivo de manter ativa as atividades:

Quando eu entrei no Instituto, são 60 sócios. Pressupõe que cada um paga a sua mensalidade. Quando eu entrei no Instituto, apenas 23 sócios pagavam, que eram ativos e pagavam. Teve uma época que nem a diretoria pagava mensalidade. Professora Eneida tirava do bolso, Thelma tirava do bolso, eu tirava do bolso pra manter o instituto funcionado (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Isso expressa o sentido de conservar e amparar tanto a entidade quanto o periódico, tendo em vista que determinados sócios direcionavam doações financeiras para que as funcionalidades do Instituto Histórico se mantivessem, e isso foi exposto

pelo ex-presidente Edomir na apresentação do nº 26, e reiterado por Leopoldo Vaz em entrevista, no qual destacou que alguns confrades “tiravam do bolso” para a manutenção do Instituto.

Também foi verificado que os agentes que se disponibilizam a contribuir com a manutenção das atividades do instituto recebiam elogios pelos seus feitos. Como foi observado no livro de Edomir Martins de Oliveira, intitulado “Sobrevoando uma vida: um legado aos 80 anos”, publicado em 2017, no qual ele enaltece Natalino Salgado Filho como um dos importantes colaboradores:

Ao tempo de exercício da presidência no IHGM, a Revista era de publicação anual, conseguimos o apoio de todos os confrades para publicá-la de seis em seis meses. Neste particular destaco a colaboração do sócio efetivo Natalino Salgado Filho, que reafirmo ter o mesmo presenteado o Sodalício com o brilho de sua inteligência e invulgar capacidade de trabalho (OLIVEIRA, 2017, p.88.).

Segundo Barroso (2017), o médico com Mestrado e Doutorado em Nefrologia, Natalino Salgado Filho, é membro também da Academia Maranhense de Ciências (AMC) desde 2010, o que indica o pertencimento desde agente ao “panteão” de cientistas do Maranhão. Além disso, registra a circulação deste agente em domínios “científicos”. Portanto, além de ser membro efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, Salgado é membro de outras academias, como a Maranhense de Medicina e a Maranhense de Letras.

Durante a gestão de Edomir Martins de Oliveira somente um número do periódico foi publicado. E, após esse período, uma nova gestão assumiu a administração do Instituto e da Revista. Cinco anos depois, em 2007, foi publicado a revista nº 27.

Nesse período, a Diretoria era composta por: Eneida Vieira da Silva Ostria de Canedo, como Presidente da entidade; Joseth Coutinho Martins de Freitas, como Vice-Presidente; Edomir Martins de Oliveira, ex-presidente e, agora, na posição de 1º Secretário do Instituto; Raimundo Cardoso Nogueira, como 2º Secretário; e Salomão Pereira Rocha, como 2º Tesoureiro.

Na apresentação da Revista publicada em 2007, a presidente Eneida Canedo demonstra reconhecimento ao agradecer o patrocínio do Governador do Estado do

Maranhão, Jackson Kepler Lago³², por intermédio da Secretaria de Cultura, que na época era dirigida por João Ribeiro³³.

Isso novamente sugere como a diretoria da entidade mobilizava conexões com distintos governos e personalidades políticas, bem como captava recursos de agentes bem alocados na pirâmide social.

Voltando à apresentação da revista, a presidente Eneida Canedo também reitera que a publicação da Revista IHGM é uma “tradição” da entidade. Além disso, neste número é apresentado o Estatuto do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, com alterações aprovadas em Assembleia Geral Extraordinária (a data correspondente não foi encontrada).

Em 2008, ocorrem algumas mudanças na Diretoria. No entanto, Eneida Vieira Ostria de Canedo permanece como presidente da entidade; Joseth Coutinho Martins de Freitas continua como vice-presidente; Raul Eduardo de Canedo Vieira da Silva mantém-se como 1º Secretário; Carlos Alberto Santos Ramos como 2º Secretário; Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo assume como 1ª tesoureira e Dilercy Aragão Adler como 2ª tesoureira; por fim, José de Ribamar Fernandes foi empossado como diretor de serviço de divulgação.

Na apresentação da Revista, a presidente menciona que o nº 28 é comemorativo dos “200 Anos da Chegada da Corte Portuguesa ao Brasil”. Tal comemoração foi realizada pelo IHGM nos dias 20 e 21 de novembro de 2008 e dentre os convidados estava o presidente do IHGB à época, o Prof. Dr. Arno Wehling, que abriu o evento com a palestra intitulada “A Corte Portuguesa no Brasil de 1808 a 1821”.

32 Jackson Kepler Lago nasceu em Pedreiras (MA) no dia 1º de novembro de 1934. Formado em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão, lecionou na Faculdade de Medicina do Estado. Começou sua trajetória política na década de 1960, ligado ao sindicato dos médicos. Em 1979, ajudou a fundar o diretório local do Partido Democrático Trabalhista (PDT). Elegeu-se prefeito de São Luís em 1988, depois em 1996, reelegendo-se, em seguida, nas eleições de 2000. Concorreu ao governo do Maranhão em 2006 e obteve vitória sobre Roseana Sarney. Permaneceu no poder de 2007 a 2009. Foi casado com Cora Maria Lago, com quem teve três filhos. Casado em segundas núpcias com a, também médica, Maria Clay Moreira Lago, que foi secretária de Solidariedade Humana durante o governo de José Reinaldo Tavares (2002-2006). Faleceu em São Paulo no dia 4 de abril de 2011. Fonte: <http://www.fgv.br/cpdoc/acervo/dicionarios/verbete-biografico/jackson-kepler-lago>

³³ Conhecido como Joãozinho Ribeiro, ele se constitui em um “porta-voz da cultura do Maranhão”, tanto acumulando reconhecimentos como poeta, compositor, advogado e militante político, como ocupando cargos administrativos voltados diretamente à área da “cultura” (REIS, 2013). Joãozinho foi convidado por Jackson Lago para compor a pasta da cultura entre 2007 e 2010, na qual estabeleceu em sua gestão uma diretriz em sua gestão caracterizada sobretudo, com a concepção de que a cultura é promotora de mudanças sociais. Agregado a isso, Joãozinho Ribeiro era petista e a sua gestão enquanto Secretário teria a “missão” de democratizar a cultura e torná-la mais “popular” e direcionada ao “povo maranhense”, bem como inserir narrativas na definição da cultura e tradição do Estado, a exemplo disso, a ideia de “maranhensidade”, foi muito disseminada pela sua administração daquele período (REIS, 2013).

Nessa ocasião, também compareceram o Prof. Dr. Carlos Humberto Pederneiras Corrêa, presidente do Instituto Histórico e Geográfico de Santa Catarina, que realizou a palestra intitulada “A Ilha de Santa Catarina no Contexto da Política Externa do Período Joanino”, bem como o Reitor da UFMA Natalino Salgado Filho (membro-efetivo do IHGM).

Finalizando a sessão comemorativa, ocorreu a apresentação da Revista, na qual Eneida Vieira faz agradecimentos especiais ao reitor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), José Augusto Silva Oliveira (também membro do IHGM):

(...) constatando a dificuldade do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão em editar este número da Revista, prontamente tomou as providências para que a Editora da UEMA o fizesse. Aliás, essa é uma das grandes características do Reitor José Augusto, incentivar a pesquisa e a publicação dos trabalhos, em especial dos professores da UEMA. (Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nº 28 de 2008).

Durante a gestão de Eneida Vieira Ostria de Canedo, apenas duas Revistas impressas foram publicadas. Neste mesmo período, é iniciada a veiculação da Revista IHGM eletrônica. Foram lançados, de 2008 a 2013, treze números eletrônicos e uma edição especial, relacionadas no quadro 24.

Quadro 24. REVISTAS PUBLICADAS ENTRE 2008 E 2013

ANOS DA REVISTA ELETRÔNICA	QUANTIDADE DE Nº PUBLICADOS
2008	1
2009	1 + Ed. Especial
2010	4
2011	2
2012	4
2013	1

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas no site do <https://issuu.com/> onde estão disponíveis a revista *online*.

Ressaltamos que, nesse período de continuidade do periódico, duas mulheres ocuparam a presidência da entidade: Eneida Vieira Ostria de Canedo e Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo. Ambas deram seguimento às publicações das revistas.

Durante a gestão de Eneida Vieira, de 2008 a 2010, foram publicadas 5 revistas eletrônicas. Enquanto que no período da gestão da Telma Bonifácio (2010 a 2012) foram publicadas 8 revistas eletrônicas.

Dessa forma, nota-se que a criação do periódico no formato eletrônico possibilitou a periodicidade que antes não estava sendo alcançada. No entanto, os problemas que acometeram a entidade foram os mesmos, especialmente ligados às dificuldades financeiras. Apesar do motivo principal de produzir a revista no formato eletrônico tenha sido a tentativa de contornar a carência de patrocínios e parceiros.

Em 2014, uma nova Diretoria do Instituto foi eleita. Nesta gestão, a presidência foi ocupada por Euges Silva de Lima; Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo, presidente da gestão anterior, ocupa o cargo de vice-presidente; o cargo de 1ª secretária é ocupado por Jossilene Louzeiro Alves; o cargo de 2º secretário é ocupado por Aymoré de Castro Alvim; o cargo de 1º tesoureiro é ocupado por Josiel Ribeiro Ferreira; o cargo de 2ª tesoureira é ocupado por Jocelina Correia Monteiro; por fim, a diretoria de serviço de divulgação é ocupada por Assir Alves da Silva.

Na apresentação da Revista nº 45, o presidente ressalta a importância da revista e do momento da entidade, como observado no trecho a seguir:

A publicação da revista está entre as principais finalidades do IHGM, exigência expressa, inclusive no seu estatuto. Este órgão representa o grande momento de socializar e divulgar o conhecimento produzido pelos quadros desta sociedade. Seu reaparecimento simboliza a boa fase que o Instituto Histórico e Geográfico, a Casa Antônio Lopes, vem experimentando e que certamente irá continuar vivenciando durante todo esse mandato que é encetado (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 45, 2014.).

Ele também agradece à Universidade Estadual do Maranhão (UEMA) e ao reitor da época, José Augusto Silva Oliveira (hoje, presidente do IHGM), por apoiar a publicação e edição da Revista. Agradece, também, aos confrades e confreriras por serem os propulsores da entidade.

Quanto às informações referentes a José Augusto Silva Oliveira, de acordo com Barroso (2017), o agente em questão é graduado em Engenharia Agrônoma na Escola de Agronomia do Maranhão e mestre em Economia Rural (1984) pela Universidade Federal de Viçosa. Ele integra também a Academia Maranhense de Ciência (AMC), a Sociedade Brasileira de Economia Rural (SOBER) e a Sociedade

Brasileira de Econometria (SBE). Ocupou ainda cargos de primeiro escalão na Secretaria de Agricultura. O que lhe confere legitimidade nas inserções em domínios “científicos” e políticos regionais.

Euges Silva de Lima continuou como presidente do IHGM até o ano 2017. E, neste ano, foi publicado o nº 45, último lançado da Revista IHGM. A partir desse ano não há registros, até a finalização deste trabalho, de uma nova revista da entidade, tampouco previsão para a publicação de uma nova edição.

No último número lançado, comemorou-se os 92 anos de existência do IHGM e o presidente menciona que, em 2015, o Instituto completou 90 anos de fundação e que, apesar da ausência de publicação da Revista desde 2014, encara a gestão como positiva e produtiva, pois foram promovidas e alcançadas ações internas e externas, como simpósios e afins:

De julho de 2014 para cá, com toda a modéstia, o balanço é positivo, muitas ações foram realizadas, tanto no campo da infraestrutura, quanto em nível das atividades acadêmicas, manutenção, conservação, restauração e ampliação de acervo, assim como no sentido das finalidades e objetivos do sodalício (Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão, nº 46, 2017.).

Além disso, em 2017, o presidente grifa na apresentação do periódico, que o IHGM se caminha para seu centenário e permanece no *hall* das principais instituições culturais do Estado do Maranhão.

Conforme a mesma apresentação, somente ocorreu a publicação da Revista nº 45 em razão do Termo de Cooperação Técnico-Científica, firmado em 2016, entre o IHGM e a Secretaria de Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado do Maranhão (SECTI). Ademais, faz o agradecimento ao ex-Reitor do Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão (IEMA), Jhonatan Almada, membro do IHGM desde 2016, por apoiar os bens históricos e as instituições científicas-culturais do Maranhão.

Durante este período, foram publicados 17 números da Revista IHGM. Destes dezessete números, 13 publicações estão em formato eletrônico e 4 em formato impresso. Observa-se que as quatro revistas impressas foram publicadas devido às parcerias ocorridas com os diferentes patrocinadores envolvidos nestas publicações. No que corresponde à Revista IHGM, no formato eletrônico, o principal organizador

foi o Leopoldo Gil Dulcio Vaz, membro do IHGM e editor de todas edições que adotaram esse padrão.

3.2 – OS ARTIGOS PUBLICADOS DOS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DO SÉCULO XXI

Ao longo do século XXI quatro agentes do sexo feminino e seis agentes do sexo masculino ostentam vários artigos publicados: Joseth Coutinho Martins de Freitas, Eneida Vieira Ostría de Canedo, Dilercy Aragão Adler, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo, Edomir Martins de Oliveira, Osvaldo Pereira Rocha, Aymore de Castro Alvim, Antônio Noberto, José Márcio Soares Leite e, por fim, Leopoldo Gil Dulcio Vaz. Eles fazem parte do corpo de protagonistas que registram um número relevante de artigos no periódico.

Como será verificado na sequência, os conteúdos tratados em seus artigos esteiam argumentos sobre temáticas como Saúde, História do Maranhão, Geografia do Maranhão, Educação, Esporte, Homenagens, Discursos de posses e Discursos de Recepção, Religião, Ciências Jurídicas e Literatura.

Nesse sentido, primeiramente serão analisadas as regularidades encontradas entre os agentes do sexo masculino, pois são majoritários nesse tipo de domínio social e ocupam posições diferentes das mulheres. Além de assegurarem um perfil de agentes que moldam o quadro social da entidade desde a sua fundação.

A seguir estão sinalizadas as inscrições sociais, políticas e culturais destes seis agentes do sexo masculino.

Quadro 25. INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DOS PROTAGONISTAS DA REVISTA IHGM

AGENTES (local/data de nasc.)	FORMAÇÃO ESCOLAR	OCUPAÇÕES EXERCIDAS	INSCRIÇÕES EM DOMÍNIOS CULTURAIS
Edomir Martins de Oliveira (MA)	Escola Modelo Benedito Leite, e durante quatro anos fez o segundo grau no Ateneu Teixeira Mendes. cursou o terceiro grau no Liceu Maranhense; cursou Direito, na Faculdade de Direito de São Luís, colando grau em 1960	Exerceu atividades administrativas no Banco do Brasil de Codó – MA em 1962; Diretor do SESC - Serviço Social do Comércio; Corregedor do TED/OAB-MA Assessor Jurídico da SOAMAR-MA; Professor na UFMA; Diretor da escola Ginásio Codoense; Chefe do Departamento de Direito da UFMA; Coordenador do Curso de Direito e Vice-Diretor do Centro de Ciências Sociais - CCSO.	Sócio Honorário do IHGM; Membro Honorário do IDEPOM - Instituto de Desenvolvimento do Poder Marítimo do Maranhão
Aymoré de Castro Alvim (Pinheiro)	Graduado pela Faculdade de Ciências Médicas da UFMA em 1966; Especialização em Curso De Especialização Em Biologia Parasitária/ 1987 - 1988 - Universidade Federal do Maranhão; Especialização em Curso De Introdução À Saúde Pública/ 1976 - 1976 -Universidade Federal do Maranhão; Especialização Em Curso De Especialização Em Patologia Tropical/ 1981 - 1981- Universidade Federal do Maranhão	Médico e professor aposentado adjunto IV do Departamento de Patologia da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); Chefe do Departamento de Patologia (1977 a 1989); Chefe do Laboratório de Entomologia/DEPAT. Período: de 1991 a 1994; Pró-Reitor de Graduação e Chefe de Gabinete do Reitor da UFMA.	Membro fundador da Academia Maranhense de Medicina; Membro efetivo da Sociedade Brasileira de História da Medicina; Membro fundador da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências; Sócio fundador da Fundação Sôsândrade de Apoio e Desenvolvimento da UFMA; Ex- membro do Conselho Reginal de Medicina; Membro e fundador da Sociedade de Paratologia e Doenças Tropicais do Maranhão; Autor de vários artigos publicados no jornal Cidade de Pinheiro
Leopoldo Gil Dulcio Vaz (Curitiba – PR, 23 de Julho de 1952)	Licenciatura plena em Educação Física e Deportos, pela Escola Educação Física e Deportos do Paraná em 1975; Especialização em Metodologia do Ensino Superior (UFPR/UFMA) em 1978; Especialização em Lazer e Recreação	Exerceu o magistério em Curitiba – PR no Instituto Nossa Senhora do Rosário ; Professor de atletismo do Clube Duque de Caxias; Professor aposentado pelo Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão; Assessor para a área de Educação do Campus Avançado da Universidade Federal do Paraná/ Fundação Projeto Rondon 1976- 1977;	Sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - Cadeira 40; Membro fundador da Academia Ludovicense de Letras - Cadeira 21; Possui uma Revista eletrônica, intitulada a “Revista do Léo”

	(UFMA) em 1986; Mestrado em Ciências da Informação pela Universidade Federal do Minas Gerais em 1993; Doutorado em Ciências Pedagógicas em ISTEP – Cuba (2005)	Faculdade de Educação de Imperatriz (1977 – 1979); Professor do CEM Liceu Maranhense; Assessor do Sr. Secretário de Educação (1982); Professor titular de Educação Física da Então Federação das Escolas Superiores do Maranhão – FESM (1979 a 1982); Professor convidado do Curso de Turismo da UFMA;	
Oswaldo Pereira Rocha (Município de Pedreiras/MA no dia 20 de março de 1939)	Fez o curso primário (elementar), no Instituto Rui Barbosa, em Pedreiras; e Direito em São Luís, este concluído em 1972, pela Fundação Universidade Federal do Maranhão;	Advogado - Servidor Público Federal aposentado por tempo de serviço; Auditor Fiscal do Trabalho; Delegado Regional do Trabalho	Foi Sócio Efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão - IHGM, cadeira nº 8, (pediu desligamento); Ex-Rotariano, tendo sido Presidente do Rotary Club São Luís - Praia Grande; Sócio Da Academia Maçônica Internacional De Letras - Amil; Academia Maçônica De Ciências, Letras e Artes – AMCLA; Vice-Presidente da Academia Maçônica Maranhense de Letras – AMML; Instituto Histórico da Maçonaria Maranhense - IHMM; Membro correspondente da Academia Paraibana de Letras Maçônicas – APLM; Articulista do Jornal Pequeno; Do site www.portosma.com.br ; Editor dos Jornais O HISTORIADOR, do IHMM; O CONFRADE, da AMML e O MAÇOM, da Loja Maçônica de Estudos e Pesquisas "Afonso Augusto de Moraes", jurisdicionada ao GOAM. É Colaborador Honoris Causa do Portal Mhário Lincoln do Brasil, por sua integral participação e mais antiga colaboração. Colunista do jornal do aprendiz, da ARLS Amparo da Virtude Nº 0276, do Oriente de Pesqueira - PE, editado quinzenalmente, e colaborador da revista maçônica 'a Trolha'
Antônio José Noberto da Silva (Pentecostes-Ceará, 1970)	Ensino fundamental: Santa Maria Gorete (CE); Colégio Rubem Almeida e Manoel Beckman (MA); Ensino Médio: Almirante Tamandaré (MA). Ensino superior: Bacharel em turismo pela UFMA; licenciatura em história pela UEMA; curso de guia de turismo pelo SENAC- EMBRATUR; Pós-graduação no Uniceuma em consultoria em turismo.	Secretário municipal de Vargem Grande – MA; Concursado da Policial Rodoviário Federal há 25 anos; Assessor da PRF	IHGM; membro fundador da ALL; Academia Vargem-grandense de Letras e Artes; <i>Luminescence Academie Française;</i>
José Márcio Leite Soares Leite	Iniciou os estudos em Pinheiro; Concluiu a quinta série no Instituto Raimundo Seveira, São Luís – MA; Colégio Marista São Luís/MA;	Professor universitário aposentado pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA) - de 1983 a 2014.	Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Médicos e Escritores (SOBRAMES-MA); Membro efetivo da Atualmente é presidente da Academia

(São Luís - 24 de março de 1949)	<p>Científico no Liceu Maranhense, São Luís/MA;</p> <p>Ensino superior: graduação em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão (1973), Especialização em Medicina do Trabalho e em Saúde Pública; Mestrado em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Maranhão (2001) e Doutorado em Ciências da Saúde pela Universidade de Brasília (2010).</p>	<p>Foi Diretor adjunto de planejamento do Hospital Universitário Presidente Dutra: 2003 a 2006; atuou como médico e servidor público de 1974 a 1983; ocupou o cargo de secretário adjunto de Estado da saúde de 1979 a 1983;</p> <p>ocupou o cargo de Secretário Municipal de Saúde de São Luís, de 1993 a 1996; foi subsecretário de Estado da Saúde de 2001 a 2004; foi membro titular do Conselho Estadual de Saúde de 2003 a 2004; ocupou o cargo de Secretário Adjunto de Regionalização dos Serviços de Saúde de 2009 a 2010; foi Secretário de Estado da Saúde entre 2010 e 2011; ocupou cargo de natureza especial no Governo do Distrito Federal, dentro da Secretaria de Saúde, como servidor público de 2015 a 2016; ocupa o cargo de coordenador do curso de Medicina do Centro Universitário Euroamericano (UNIEURO) – DF, desde 2016 até atualmente; professor e coordenador do curso de medicina do UniCEUMA 2015 até atualmente.</p>	<p>Maranhense de Medicina (AML); Membro efetivo da Academia Pinheirense de Letras, Artes e Ciências; membro efetivo da Academia Maranhense de Ciências</p>
----------------------------------	---	--	--

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas na Revista eletrônica IHGM: Perfil dos sócios – ocupantes de cadeiras, 2013, Vol. 1, https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_s_cios_-_ocupantes_-_vo

A partir do Quadro 25, no que diz respeito às ocupações exercidas, observa-se uma forte atuação em cargos públicos, como secretários, subsecretários, diretores, funcionários públicos municipais ou estaduais e/ou federais, etc. Do mesmo modo, verifica-se o exercício da docência acadêmica, em faculdades particulares ou instituições públicas (professores, pesquisadores, etc.), como também o empenho em cargos administrativos nas universidades, como coordenadores de cursos, vice coordenadores, chefes de Centros Científicos, Chefes de departamento, pró-reitores, etc. Igualmente, atuando como presidentes de entidades culturais, como José Márcio Soares Leite, presidente da AML; Edomir Martins de Oliveira, ex-presidente do IHGM; e, por fim, Osvaldo Pereira Rocha, presidente do Rotary Club São Luís e Vice-Presidente da Academia Maçônica Maranhense de Letras – AMML.

Já nos Quadros 26 e 27 estão expostas as produções dos agentes do sexo masculino e as temáticas recorrentes em seus artigos.

Quadro 26. PRINCIPAIS PROTAGONISTAS NO SÉCULO XXI E SEUS ARTIGOS PUBLICADOS

AGENTES	TÍTULOS DOS ARTIGOS PUBLICADOS
Edomir Martins de Oliveira	<p>Brasil 500 anos (2000); O uso do cardeninho de crédito ontem e hoje (2000); Discurso de Edomir Martins de Oliveira, apresentando o livro de Carlos Alberto Lima Coelho, sob o título “São Luís, dos Amores aos Tambores” (2002); Discurso de Edomir Martins de Oliveira saudando Paula Frassinetti da Silva Sousa, pelo seu ingresso no IHGM (2002); Palestra proferida por Edomir Martins de Oliveira, no Rotary Club São Luís – Praia Grande (2002); Homenagem Postuma ao Inesquecível Sebastião Brito (2007); O evangelho no Brasil desde 1859 até esta data e particularmente no Maranhão (2008); Saudação ao Dr. José de Ribamar Seguius por ocasião da Outorga de título de presidente de honra do IHGM (2010); Prefácio do livro ‘São João Batista – MA’, de Luiz Figueiredo (2011); Homenagem póstuma a nossa querida amiga Alcina (2011); Canto à cidade de São Luís – MA pelos seus 400 anos (2012);</p>
Oswaldo Pereira Rocha	<p>Fuzileiros e Técnicas Navais (2000); Boa viagem (2000); Dia do Marinheiro (2000); A cidade de Pedreiras (2000); Administração de Pedreiras (2000); Artigo de Oswaldo Pereira Rocha sobre a “Data Magna do IHGM, Aniversário de São Luís e o Exército da Amazônia” (2002); IHGM 7. IHGM (2002); IHGM tem a primeira mulher presidenta (2007); Compreensão e paz mundial – sem compreensão não há paz! (2008); A importância de Machado de Assis, um século depois de sua morte (2008); Algumas dúvidas jurídicas de 2007 (2008); 84º aniversário do IHGM (2010); São João, Padroeiro da Maçonaria (2010); 85º aniversário do IHGM e confraternização de Natal (2010); 85º aniversário do IHGM e confraternização de Natal (2011); 37º aniversário da fundação GOAM (2011); Chamadas para o Oriente eterno (2011); Saudação ao soberano irmão Rubens Ricardo Franz (2011); Mês de Março e minha vida (2011); Dia internacional da Mulher (2011); História do dia internacional da Mulher (2011); Noite de alegria no IHGM (2011); Saudação do Grão-mestre Oswaldo Pereira Rocha aos participantes do XVII Encontro Nacional da Cultura Maçônica (2012); Encontro Nacional da Cultura Maçônica (2012);</p>
Leopoldo Gil Dulcio Vaz	<p>Homenagem ao patrono da cadeira nº40 (2008); A Guarda Negra (2009);</p>

	<p>A “Carioca” (2009); Atlas do esporte no Maranhão (2009); Lazer, hospitalidade, identidades e culturais regionais e locais (2010); Redes colaborativas e inovação tecnológica (2010); Vila de vinhais – a velha e a nova (2010); A corrida entre os índios canelas (2011); Passagem da Coluna Prestes por Paraibano – MA (2011); Carlos de Lima, memórias (2011); Tarracá, Atarracar, Atarracado... (2011); “Breve descrição das grandes recreações do Rio Muni do Maranhão, pelo padre João Tavares, da Companhia de Jesus, Missionário no dito Estado, ano de 1724” (2011); Vila de vinhas – Rumo aos 400 anos? (2012); Os Códices de Alcântara (2012); Educação Pública no Brasil – alguns apontamentos para sua História (2012); Das primeiras tentativas de ocupação até a consolidação da conquista da terra – cronologia - terceiro período: 1640 a 1759 (2012); Quem habitava Uçaguaba/Miganville (2012); Os sócios do IHGM (2012); A igreja São João Batista e a vila velha de vinhais – uma história de fé (exibição do documentário) (2013); Fran Paxeco e a educação física no Maranhão (2013); Índice da Revista IHGM – Apresentação (2013); Novos achados para a memória da Vila Velha de Vinhais (2013); Evidências da Capoeira na São Luís Oitocentista (2014); Francesa, Portuguesa... Ou Fenícia (2017);</p>
Aymore de Castro Alvim	<p>Discurso de posse (2008); D. João e a Escola de Medicina do Maranhão (2008); Celso Magalhães – Um precursor dos direitos Humanos (2010); E Deus criou a mulher! (2010); A terceira idade – uma nova era (2010); Feliz 2011 (2011); Diogo dos Reis Pinheiro (2011); Por quê Holandeses? (2011); Sociedade Maranhense de História da medicina (2011); A vila de Santo Inácio do Pinheiro – A luta de um povo pela sua emancipação política (2011); 400 anos de medicina no Maranhão (2012);</p>
Antonio Noberto	<p>O mestre da maranhensidade (2011); Discurso de posse de Antônio Noberto na cadeira nº 43, patroneado por Tasso Fragoso (2011); Quadricentenário de São Luís – Fundação Francesa e oportunidades (2011); O plano de Marketing de São Luís poderá se tornar um mico (2011); O Maranhão francês sempre foi forte e líder (2011); Um ano sem o Rei (s) da maranhensidade (2011); O naufrágio do Poeta Gonçalves Dias: Barreirinhas ou Guimarães? (2011);</p>

	<p>Discurso de recepção a Clores Holanda (2012); O Pontegi e o Rifoles (2012); Língua Portuguesa? (2012); Um dia no Quilombo (com dois estrangeiros) (2012); A ilha do cirurgião (2012); José Angelo da Silva – um legado para a educação no Maranhão (2012); O primeiro convento de Capuchinho do Brasil (2012); Eu, Selvagem? (2012); Discurso de recepção a José Jorge Leite Soares que ocupará a cadeira patroneada por por Wilson Soares (2012); Estiveram na França Equinocial e/ou seus antecedentes (2012); Os artificios e os donos da festa (2012); França Equinocial para sempre: uma história de 400 anos (2012); A fundação de São Luís, o DNA da contestação e oportunidades (2012); Permita-me algumas palavras (2012); Último dia de exposição “França Equinocial para sempre” (2012); Salve o turista (2012); Exposição “França Equinocial para sempre” ganha prêmio Cazumbá de Turismo (2012);</p>
José Marcio Soares Leite	<p>Discurso de posse de José Márcio na cadeira nº 15 como sócio-efetivo (s.d); Paradigma da doença (2002); Discurso proferido pelo Dr. José Márcio por ocasião do lançamento do livro sobre a biografia de seu pai, prof. Orlando José Leite (2007); Paradigma da UFMA (2007); Judicialização da saúde (2008); Discurso de Saudação ao Sócio Aymoré de Castro Alvim (2008); Discurso de Saudação ao sócio Cândido José Martins Oliveira em sua posse na cadeira nº 35 (2009); Centro Acadêmico (2009); O ato médico e a justiça (2009); O SUS Americano! (2010); A população envelhece e agora? (2010); A hora e a vez...! (2010); Repensando a municipalização da saúde (2011); Pinheiro, ontem, hoje e amanhã (2011); Doenças crônicas, o desafio deste século (2011)</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas em diferentes anos do século XXI, disponíveis na sede do Instituto Histórico e algumas disponíveis no site da plataforma <https://issuu.com/> .

Quadro 27. TEMÁTICAS E QUANTIDADES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO

AGENTES	HIST. DO MA/BR	GEO.	EDUC.	CIÊNCIAS JURÍDICAS/ DIREITO	LITER.	CIÊNCIAS MÉDICAS	HOMEN.	DISC. DE POSSE	RELI.	IHGM
Edomir Martins de Oliveira	1				3		3	2	1	1
Oswaldo Pereira Rocha	3			1	7		2	3	1	8
Aymore de Castro Alvim	2				3	3	2	1		
Leopoldo Gil Dulcio Vaz	14		3		3		2			2
Antonio Noberto	13				3		5	3		
José Márcio Soares Leite			2		2	7	1	3		

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas em diferentes anos do século XXI, disponíveis na sede do Instituto Histórico e algumas disponíveis no site da plataforma <https://issuu.com/>.

Assim, a partir dos Quadros 26 e 27, nota-se que a prevalência das temáticas dos artigos publicados pelos agentes se assenta na História do Maranhão e do Brasil, na Literatura, em homenagens, em Discursos de posse, além de alguns publicarem artigos nas áreas de Ciências Médicas e Ciências Jurídicas.

De acordo com as temáticas dos artigos prevaletentes, constata-se que apenas Oswaldo Pereira Rocha assina o texto sobre Ciências Jurídicas, artigo intitulado “Algumas dúvidas jurídicas de 2007”, publicado no periódico em 2008. A explicação para tal ocorrência pode estar ligada à formação acadêmica do agente em questão, pois ele possui o título de graduação em Direito, pela Fundação Universidade Federal do Maranhão, concluído em 1972.

Em relação à Aymoré de Castro Alvim e José Márcio Soares Leite, eles são os agentes que registram artigos acerca da temática Ciências Médicas. Ambos possuem graduação em medicina, concluídas na Universidade Federal do Maranhão, respectivamente, em 1966 e em 1973. Possuem também cursos de especializações ligados às áreas da saúde. José Márcio, por sua vez, detém título de mestrado pela UFMA e doutorado pela Universidade de Brasília (UNB). Além disso, ambos são vinculados à Academia Maranhense de Medicina (AMM) e a outras entidades no âmbito das Ciências Médicas.

Leopoldo Gil Dulcio Vaz e José Márcio Soares Leite registram artigos acerca da Educação. No caso de José Márcio, justifica-se por sua atuação como docente em instituições de ensino superior, nos cursos de Medicina, além de exercer o cargo de coordenador de cursos de Medicina. No que tange a Leopoldo Vaz, esse registro de artigos sobre educação corresponde à sua carreira de docente. Ele atuava como professor de Educação Física do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão, sendo, atualmente, aposentado.

Quanto à temática religião, apenas Edomir Martins de Oliveira e Osvaldo Pereira Rocha registram artigos publicados.

Osvaldo Pereira Rocha em razão de sua ligação com a maçonaria. Ele participa de várias entidades, como sócio-efetivo, correspondente ou vice-presidente, ligadas a essas organizações fraternas, entre as quais estão: sócio-efetivo da Academia Maçônica Internacional De Letras –AMIL; sócio-efetivo da Academia Maçônica De Ciências, Letras e Artes – AMCLA; Vice-Presidente da Academia Maçônica Maranhense de Letras – AMML; sócio-efetivo do Instituto Histórico da Maçonaria Maranhense – IHMM; membro correspondente da Academia Paraibana de Letras Maçônicas – APLM.

E, no caso de Edomir Martins Oliveira, não foram encontrados registros das suas vinculações mais formais às igrejas cristãs protestantes ou igrejas cristãs católicas, e suas variantes ou grupos de orações, etc. Talvez seja apenas uma influência familiar.

Em relação aos artigos publicados sobre História MA/BR, apenas José Márcio Soares Leite não registra nenhum artigo sobre essa temática. Os demais, sobretudo Antônio Noberto e Leopoldo Gil Dulcio Vaz, registram um número expressivo de artigos sobre o assunto. No caso de Antônio Noberto, a ocorrência pode estar ligada ao fato de que ele possui a graduação em História, concluída pela Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). No caso de Leopoldo Vaz, possivelmente relaciona-se à condição de pesquisador de história. Ele chegou a receber o Prêmio Antônio Lopes de Pesquisa Histórica pela Prefeitura Municipal de São Luís, em 1995. Além disso, em seu currículo lattes há registros de publicações de artigos em jornais do Maranhão sobre a história maranhense e temáticas relacionadas a história dos esportes.

Todos os agentes têm registros relacionados à temática literatura, incluindo crônicas e contos.

Em relação aos discursos de posse e/ou discursos de recepção a novos (as) membros, somente Leopoldo Vaz não registra nenhum artigo desse tipo. E, relativamente aos artigos que se referem ao IHGM, principalmente aqueles ligados aos elogios de seus sócios à entidade em que estão vinculados, três agentes (Aymoré, Noberto e José Márcio) não registram artigos.

Em certa medida, as duas últimas temáticas reforçam o caráter laudatório deste periódico.

Dando continuidade, no que se refere à presença de mulheres na entidade, como se observou nos capítulos 1 e 2 desta dissertação, de 1926 a 1999 não houve no histórico do IHGM a presença de mulheres assumindo o cargo de presidente da entidade. Somente, no século XXI, duas mulheres ocuparam a presidência: Eneida Vieira Ostría de Canedo e Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo.

Em comparação à maioria das gestões que assumiram e que respondiam pelo instituto e pelo periódico, a presença das mulheres é ínfima nesses postos de liderança, bem como na própria composição do quadro mais geral de membros, o que reforça a constatação da quase ausência de agentes do sexo feminino nesses *domínios* de poder.

Isso é verificado no estudo efetivado acerca do “Perfil social, cultural e político dos membros efetivos do IHGM” (GARCES, 2017). Pois constatou-se uma menor recorrência de agentes do sexo feminino em relação aos homens, tendo em vista que o quadro social de sócios efetivos do Instituto Histórico era composto por 60 membros, dentre os quais 18 eram ocupados por mulheres.

Contudo, houve a presença delas no cargo de presidência da entidade em anos distintos, como mencionado anteriormente, e também surgiram protagonistas nesse período: Joseth Coutinho Martins de Freitas, Eneida Vieira Ostría de Canedo, Dilercy Aragão Adler, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo. Elas trouxeram relativas novidades ao conteúdo do periódico e, em certa medida, um novo perfil de quadro social para dentro da entidade, diferenciando-se dos agentes do sexo masculino.

A seguir, no Quadro 28, estão descritas as inscrições sociais, culturais e políticas dessas agentes.

Quadro 28. INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DAS PROTAGONISTAS DA REVISTA IHGM

AGENTES (NASCIMENTO)	FORMAÇÃO ESCOLAR E ACADÊMICA	OCUPAÇÕES EXERCIDAS	INSCRIÇÕES EM DOMÍNIOS CULTURAIS
<p>Dilercy Aragão Adler³⁴ (São Vicente Férrer – MA 07 de Julho de 1950)</p>	<p>Fez o curso primário de 1957 a 1961, na pública estadual: Escola Modelo Benedito Leite. Fez exame de admissão conseguindo aprovação para ingressar no curso ginasial do “Ginásio Estadual do Instituto de Educação” e se graduou em Professora Normalista no mesmo Instituto, em 1968; Psicóloga pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília - CEUB (1972); Curso de especialização em Metodologia da Pesquisa em Psicologia pela UFMA (1981); Curso de Especialização em Sociologia pela UFMA (1982 – 1984); Mestrado em Educação pela UFMA (1990); Doutorado em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas (ICCP) em Havana, Cuba, (2005).</p>	<p>Na Fundação Educacional do Distrito Federal foi professora alfabetizadora, nas periferias de Brasília (1969). Trabalhou em consultório clínico particular (1974); Psicóloga na Fundação do Bem-Estar Social do Estado do Maranhão (1976); Assessora Técnica na Companhia de Desenvolvimento de Distritos Industriais do Maranhão CDI-MA (1978); Aposentada pela UFMA; Professora de Graduação e Pós-graduação no Centro de Ensino Unificado do Maranhão (UniCEUMA); Professora dos Cursos de Graduação e Pós-Graduação e desenvolve atividades de pesquisa na Graduação da Faculdade do Maranhão (FACAM). Psicóloga no Departamento Estadual de Trânsito (1974-1995);</p>	<p>Correspondente da Academia Irajaense de Letras e Artes – AILA no Rio de Janeiro; Membro Correspondente da Academia de Letras Flor do Vale Ipaussu em São Paulo; Diretora Estadual da Federação Brasileira de Alternativos Culturais; Membro da Commissione de leittura da Edizione Universum, Trento – Itália; Membro da International Writers And Artist Association – Ohio, EUA; Membro da Casa do Poeta no Rio de Janeiro; Membro da Associação Profissional de Poetas e Escritores do Rio de Janeiro (APPERJ); Membro da Associação dos Escritores da Amazônia (ASSEAM); Correspondente-representante em São Luís do LITERARTE – São Paulo; Representante da Abrace no estado do Maranhão e membro da Sociedade Brasileira de Médicos Escritores regional Maranhão (SOBRAMES-MA); Correspondente internacional da ‘Sociedad Argentina de Letras. Artes y Ciencias (SALAC NACIONAL, Córdoba, Argentina); Sócia e Membro correspondente da “Union de Escritores y Artistas de Tarija” – Bolívia.</p>
<p>Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo (São Luís - MA no dia 4 de Fevereiro de 1949)</p>	<p>Graduação em História pela UFMA (1980); Curso de especialização em Teoria e Produção do Conhecimento Histórico e Docência e Tutoria em Educação à distância pela Uemanet- São Luis – Maranhão; Doutorado em Ciências Pedagógicas pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas - (ICCP) em Havana, Cuba, (2005); Doutora em Ciências da Educação reconhecido no Brasil pela Universidade de Brasília – UNB</p>	<p>Professora Associada da UFMA e atua nos Departamentos de História e de Educação I e II, coordenadora dos estágios em licenciatura e bacharelado; coordena o Programa de Formação de Professores em História-PARFOR; Vice Coordenadora do História-Mestrado Profissional em História da UFMA e participa do Grupo de Pesquisa Ensina História.</p>	<p>IHGM</p>
<p>Joseth Coutinho Martins de Freitas (São Luís - MA no dia 28 de Janeiro de 1933)</p>	<p>Bacharel e Licenciatura em Filosofia; Pós-graduação na área de Educação</p>	<p>Foi professora da UFMA no cursos de Pedagogia e Filosofia; professora no Liceu Maranhense; Exerceu vários cargos administrativos na UFMA (não há especificações dos cargos)</p>	<p>Pertence à Sociedade dos Amigos da Marinha - SOAMAR; Conselho da Comunidade Luso-Brasileira; Rotary; IHGM; Publicou artigos na Imprensa local</p>

³⁴ Dilercy Aragão: Pai: Francisco Dias Adler - professor de primário; serviu o Brasil na 2ª Guerra Mundial; fez carreira na Fazenda Federal, conhecida como Alfândega, na cidade de São Luís. Mãe: Joana Aragão Adler - dona de casa e funcionária do Departamento Estatístico do Estado do Maranhão.

<p>Eneida Vieira Ostria de Canedo³⁵ (Timon - MA em 1929)</p>	<p>Ensino científico: Colégio Santa Teresa; Ensino superior graduou-se no bacharel e na licenciatura em Geografia e História na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís em 1953; Graduada em Pedagogia com habilitação em Inspeção Escolar de 1º e 2º graus pela UFMA (1972); Curso de Especialização em Didática de Ensino Superior pela UFMA (1970); curso de Aperfeiçoamento para professores de Geografia pelo Instituto Brasileiro de Geografia, Rio de Janeiro em 1971; curso de Orientação de Trabalhos Científicos pela UFMA (1982); curso de curso de Administração de Projetos da Educação Superior pela Escola Intramericana de Administração Pública (FGV) (1985).</p>	<p>Professora aposentada da UFMA no curso de Geografia (1996); geógrafa representante do CREA-MA, junto ao Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia em 1992.</p>	<p>IHGM</p>
--	--	---	-------------

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas na Revista eletrônica IHGM: Perfil dos sócios – ocupantes de cadeiras, 2013, Vol. 1, https://issuu.com/leovaz/docs/perfil_dos_s_cios_-_ocupantes_-_vo

³⁵ Eneida Ostria: Pai: Luiz Cortez Vieira da Silva - Desembargador, Curso superior: Direito; Primo: Raimundo Lisboa Vieira da Silva - Deputado Federal

A partir do Quadro 28, observa-se, quanto às ocupações exercidas, uma proeminência em atividades no âmbito da docência (professoras, orientadoras, pesquisadoras, etc.) e a atuação em cargos administrativos em universidades, como coordenadoras ou vice-coordenadoras de cursos, de grupos de pesquisas, etc.

Das quatro protagonistas, duas foram professoras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Eneida Vieira Ostria de Canedo foi professora do Departamento de Geociência da UFMA. E Joseth Coutinho foi professora e lecionava nos cursos de Pedagogia e Filosofia da UFMA.

No que se refere a Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo, atualmente, ela é Professora lotada no Departamentos de História e de Educação I e II (DEHIS/CCH) e coordenadora de Estágio Licenciatura e Bacharelado.

Quanto a Dilercy Aragão Adler, ela exerceu atividades na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) de 1980 a 1996. Entre essas atividades, de acordo com o seu currículo lattes, não há atuação como professora do ensino superior, pois o seu enquadramento funcional era de psicóloga, atuando junto à Pró-Reitoria de Extensão e assuntos estudantis. Entretanto, no âmbito da docência, atua desde 2004 até o momento atual como professora do curso de psicologia da Faculdade do Maranhão (FACAM), faculdade particular, assim como exerceu a docência em outras instituições particulares em São Luís, como Unidade de Ensino Superior Dom Bosco (UNDB) (2006 a 2011) e Universidade Ceuma (UNICEUMA) (1994 a 2002).

Paralelamente à docência, Dilercy Aragão Adler e Eneida Vieira Ostria de Canedo exerceram cargos em suas respectivas áreas de atuação, como psicóloga e geógrafa.

Dilercy Aragão Adler atendeu em consultório clínico particular, de 1974 a 2002. Foi Psicóloga na Fundação do Bem-Estar Social do Estado do Maranhão (FEBEM), de 1974 a 1976; também atuando como Psicóloga no Departamento Estadual de Trânsito (1974-1995). Por sua vez, Eneida Vieira Ostria de Canedo atuava como geógrafa representante do CREA-MA, junto ao Conselho Federal de Engenharia, Arquitetura e Agronomia de 1992 a 2000.

Essa recorrência de mulheres vinculadas, prioritariamente, às áreas de humanas, em detrimento de outras áreas, ou mesmo da presença de mulheres envolvidas em carreiras profissionais, preferencialmente, ocupadas por homens - como as ciências exatas ou médicas – é um indício do contexto sócio histórico, pois o reflexo das condutas e normas sociais advindas dos meios/instituições em que estas mulheres estão inseridas (seja a família, a igreja, a escola, o Estado e afins) podem condicioná-las a optarem por carreiras na área de Ciências Humanas em razão da ideia de que *meninas* possuem um “desempenho”, “competências”, disposições sociais ou, até mesmo, “vocaçãõ específica” para uma determinada área científica do que outra. Isso explica também a escassa notificação de mulheres exercendo cargos políticos ou de gestão pública, domínios sociais chefiados majoritariamente por homens.

Na sequência, os Quadros 29 e 30, registram as temáticas frequentes nos artigos publicados por essas mulheres.

Quadro 29. PRINCIPAIS PROTAGONISTAS NO SÉCULO XXI E SEUS ARTIGOS PUBLICADOS

AGENTES	TÍTULOS DOS ARTIGOS
Joseth Coutinho Martins de Freitas	<p>1 -Os 74 anos do IHGM (2000) - IHGM; 2 - Sesquicentenário de Rui Barbosa (2000) - HOMENAGEM; 3 -Discurso de Joseth, saudando o sócio efetivo Raimundo Teixeira de Araújo (2002) - DISCURSO; 4 - Centenário de JK (2002) - HOMENAGEM; 5- Adesão do Maranhão à Independência, 20 ou 28? (2007) - HISTÓRIA; 6 - Homenagem à cidade de São Luís (2007) - HOMENAGEM; 7 - Datas comemorativas do mês de novembro (2007) - HOMENAGEM; 8 -Os 200 anos da abertura dos Portos do Brasil (2008) - HISTÓRIA; 9- Discurso de recepção a sócia Raimunda Fortes de Carvalho Neta (2008) DISCURSO; 10 -Discurso de recepção ao sócio Raimundo Gomes Meireles (2008) DISCURSO; 11- Apresentação do professor Aldy Melo de Araújo – Cadeira 45 – IHGM (2012) - DISCURSO; 12 -Camões: símbolo nacional português (2014) HISTÓRIA ;</p>
Eneida Vieira Ostria de Canedo	<p>HISTORIA 1. 500 anos de Europeização da Terra do Pau-Brasil (2000); GEOGRAFIA 2.O curso de Geografia da Universidade Federal do Maranhão (2002); DISCURSO 3.Discorso de posse – Diretoria Eleita para biênio 2006/2008 (2007); IHGM 4.Por que criar Institutos Históricos e Geográficos? (2007); HOMENAGENS 5.Homenagem ao IHGM (2008); HISTÓRIA 6.A corte portuguesa no Brasil, reflexo da administração Joanina no Maranhão (2008); IHGM 7.Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão – Anais do I Congresso Brasileiro de Institutos Históricos e Geográficos (2008); DISCURSO 8.Discorso de recepção a sócia Dilercy Aragão Adler DISCURSO (2008); 9.Discorso de recepção a sócia Elizabeth Pereira Rodrigues (2008); DISCURSO10. Discurso de recepção a sócia Thelma Bonifácio dos Santos Reinaldo (2008); DISCURSO 11. Discurso de apresentação do sócio Gilberto Matos Aroucha (2008); DISCURSO 12. Discurso de apresentação do sócio Manoel dos Santos Neto (2008); HISTÓRIA 13.O Continente Sul-americano (2009); LITERATURA 14.O Estado do Maranhão: físico e humano (2009); IHGM 15.Sessão solene em comemoração aos 84 anos de fundação do IHGM (2010); IHGM 16.II Sessão solene comemorativa aos 84 anos de fundação do IHGM (2010); HISTÓRIA 17.Dom Pedro II (2010); DISCURSO 18. Discurso de despedida (2010); HOMENAGEM 19. Homenagem à saudosa sócia Ariceya Moreira Lima da Silva (2010); HOMENAGEM 20. Dr. José Maria Ramos Martins (2012); HOMENAGEM 21.Homenagem do IHGM à professora Maria da Conceição Ferreira (2014); IHGM 22. Minha homenagem aos 90 anos do IHGM (2017);</p>
Dilercy Aragão Adler	<p>Educação - 1. Os valores morais no âmbito da escola capitalista (2007); História - 2. Brasil – Portugal, nações irmãs: origens, intercruzamentos e separação (2008); DISCURSO - 3. Discurso de posse (2008); LITERATURA - 4.A poética no discurso do dominador: a permanência dos franceses ao Maranhão na narrativa de D’Abeville (2009); EDUCAÇÃO - 5.A produção acadêmica do curso de mestrado em educação da UFMA na primeira década do século XXI (2009); EDUCAÇÃO - 6.A abordagem ativa sobre a modificabilidade cognitiva estrutural (MCE) como fundamento filosófico da experiência de aprendizagem mediatizada (EAM) (2010); LITERATURA - POESIA - 7.Momento poético (2010); EDUCAÇÃO - 8. A importância dos estudos e dificuldades de aprendizagem no curso de formação do educador (2010); EDUCAÇÃO - 9. A formação do Educador na sociedade contemporânea (2010); DISCURSO - 10. Discurso de Recepção à sócia Madalena Martins de Souza Neves (2010); HOMENAGEM - 11. Ana Joaquina Jansen Muller ou simplesmente Ana Jansen (2010); HOMENAGEM - 12. Cientistas brilhantes e seres humanos eticamente extraordinários (2010);</p>

	<p>DISCURSO - 13. Discurso de recepção ao sócio Raimundo Nonato Serra Campos Filho (2011); EDUCAÇÃO - 14. O professor necessário para o século XXI (2012); LITERATURA 15. IV encontro Gonçalves (2012); HOMENAGEM 16. Agradecimento à EPFA – mil poemas para Gonçalves Dias (2012); LITERATURA – POESIA 17. A Oscar Niemeyer, o senhor das curvas, brilhando agora entre as estrelas (2012)</p>
<p>Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo</p>	<p>HISTÓRIA 1. A corte Portuguesa no Brasil (2008); DISCURSO 2. Discurso de posse (2008); HISTÓRIA 3. História e Memória de Bacabal: do século XIX ao Século XX (2009); EDUCAÇÃO 4. A inserção da História da África e cultura afro-brasileira e africana na educação brasileira (maranhense) (2009); EDUCAÇÃO 5. Política Nacional de formação dos profissionais do Magistério da Educação Básica (2010); IHGM 6. Palavras da presidente - À guisa de esclarecimentos (2010); DISCURSO 7. Discurso por ocasião do 85º aniversário do IHGM (2010); DISCURSO 8. Discurso proferido na posse de Madalena Martins de Souza Neves (2010); EDUCAÇÃO 9. O avanço do design e suas formas de atuação (2010); IHGM 10. Perfil dos sócios do IHGM (2011); DISCURSO 11. Discurso na posse do professor Raimundo Nonato Serra (2011); HISTÓRIA 12. Análise sistêmica dos Bairros da Madre Deus, Cidade operária e Anil em São Luís do Maranhão (2011); EDUCAÇÃO 13. TICs, Educação à distância e a educação presencial (2011); DISCURSO 14. Discurso de Apresentação ao IHGM do historiador e professor da rede pública do Estado e Município – Euges Silva de Lima (2012); DISCURSO 15. Discurso de Apresentação da Profª Assis Alves da Silva na sua posse da cadeira 27 patroneada por Raimundo Lopes da Cunha (2012); HISTÓRIA 16. Dispensando a adesão do Maranhão à Independência (2014);</p>

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas em diferentes anos do século XXI, disponíveis na sede do Instituto Histórico e algumas disponíveis no site da plataforma <https://issuu.com/>.

Quadro 30. TEMÁTICAS E QUANTIDADES DOS ARTIGOS PUBLICADOS NO PERIÓDICO

AGENTES	HIST DO MA/BR	GEO.	EDUC.	CIÊNCIAS JURÍDICAS/ DIREITO	LITER.	CIÊNCIAS MÉDICAS	HOMEn.	DISC. DE POSSE	RELI.	IHGM
Joseth Coutinho M. de Freitas	3	-	-	-	-	-	4	4	-	1
Eneida Vieira O. de Canêdo	4	1	-	-	1	-	4	7	-	5
Dilercy A. Adler	1	-	6	-	4	-	2	3	-	-
Telma B. dos Santos Reinaldo	4	-	4	-	-	-	-	6	-	2

Fonte: Elaborado pela autora a partir das informações recolhidas das Revistas IHGM publicadas em diferentes anos do século XXI, disponíveis na sede do Instituto Histórico e algumas disponíveis no site da plataforma <https://issuu.com/>.

Desse modo, a partir dos Quadros 29 e 30, identifica-se que se acentuam as temáticas sobre Educação e Literatura nos artigos publicados por elas

Verifica-se que apenas Eneida Vieira Ostriá de Canedo escreve sobre Geografia do Maranhão. O fundamento dessa preferência pode estar ligado ao âmbito acadêmico, verificado no Quadro 25, pois possui graduação em Geografia, concluída na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís, em 1953. Da mesma forma, ela realizou duas graduações, uma em História, concluída no curso na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís em 1953, e a outra em Pedagogia, com habilitação em Inspeção Escolar de 1º e 2º grau pela UFMA, em 1972.

Com relação a Dilercy Aragão Adler, há recorrência da temática literatura, sobretudo poesias publicadas no periódico, como “Momento poético” publicado em 2010; “A Oscar Niemeyer, o senhor das curvas, brilhando agora entre as estrelas” publicado em 2012, que indica o seu forte envolvimento com o gênero de escrita, pois possui uma produção literária significativa, assim como forte inserção em entidades literárias.

Quanto aos artigos sobre Educação, Dilercy Aragão Adler e Telma Bonifácio escrevem sobre essa temática, o que pode estar relacionado às suas formações acadêmicas correlatas, vinculadas à educação, pois Dilercy Aragão Adler é doutora em Ciências Pedagógicas e Telma Bonifácio é doutora em Ciências da Educação. Ambas concluíram os respectivos cursos de Doutorado no Instituto Central de Ciências Pedagógicas (ICCP), em Havana, Cuba, no ano de 2005.

No tocante às temáticas de História do Maranhão e do Brasil, todas escrevem sobre esse assunto. No entanto, Eneida Vieira e Telma Bonifácio possuem uma quantidade maior quando comparadas às demais, pois ambas têm 4 artigos publicados. Em seguida, Joseh Coutinho possui 3 artigos publicados e, por último, Dilercy Adler tem 1 artigo publicado sobre o assunto.

A razão desse maior investimento de Eneida Vieira e Telma Bonifácio em publicações de artigos voltados às temáticas de Geografia e História, pode estar relacionada às inscrições no domínio universitário (Quadro 28), tendo em vista que as duas possuem titulação acadêmica nestas áreas, cursos de graduação em História e Geografia.

No que se refere às homenagens aos “ícones” regionais/nacionais e artigos que consagram e elogiam o IHGM, apenas Dilercy Aragão Adler não registra nenhum artigo pautado neste conteúdo. E Telma Bonifácio dos S. Reinaldo não registra nenhum artigo sobre a temática de homenagens às figuras “ilustres”.

Como se observa nos Quadros 29 e 30, Joseth Coutinho, Eneida Vieira Ostria de Canedo e Dilercy Aragão Adler registram artigos sobre homenagens aos “ilustres” regionais/nacionais que, como já observado, é uma recorrência neste contexto.

Quanto aos artigos sobre Ciências Jurídicas, Ciências Médicas e Religião, nenhuma das agentes se dedicou a artigos sobre essas temáticas no periódico ora analisado. Possivelmente em razão dos distanciamentos delas em relação a essas áreas.

A partir disso, verifica-se que a prevalência das temáticas dos artigos publicados por elas é na área das humanidades. E a razão central dessa preferência pode residir, sobretudo, nas inserções acadêmicas e culturais das agentes, pois todas ingressaram e concluíram os respectivos cursos de graduação em áreas correlatas.

Como se observa no Quadro 28, em relação aos seus percursos acadêmicos (no ensino universitário), todas possuem ensino superior concluído na área das Humanidades. Dilercy Aragão possui bacharelado e licenciatura em Psicologia, concluídos no ano de 1972 e 1973, respectivamente, pelo Centro de Ensino Unificado de Brasília (CEUB); Joseth Coutinho Martins de Freitas graduou-se em Filosofia e não foram encontradas informações sobre a instituição e o ano de conclusão do curso; Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo e Eneida Vieira obtiveram o título de graduação em História. Tendo Eneida Vieira Ostria de Canedo concluído o curso na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís, em 1953, que deu origem à Universidade Federal do Maranhão. Nesta instituição, Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo concluiu o curso no ano de 1980; Eneida Vieira Ostria de Canedo ainda possui graduação em Geografia, concluída na antiga Faculdade de Filosofia de São Luís, em 1953 e, também, graduação em Pedagogia, com habilitação em Inspeção Escolar de 1º e 2º graus pela UFMA, em 1972.

Ainda sobre o percurso acadêmico, todas possuem diversos cursos de especialização também na área de humanidades, sobretudo relacionados à Educação.

Apenas Dilercy Aragão Adler possui o título de Mestra, tendo concluído o Mestrado em Educação Universidade Federal do Maranhão, no ano de 1990.

Em relação ao curso de Doutorado, apenas Dilercy Aragão Adler e Telma Bonifácio dos Santos Reinaldo³⁶ possuem essa titulação. Como mencionado anteriormente, ambas concluíram o Doutorado pelo Instituto Central de Ciências Pedagógicas (ICCP), em Havana, Cuba, no ano de 2005.

Assim, levando-se em consideração esses aspectos mencionados, percebe-se diferenças dos/as agentes dos dois sexos, no que se refere aos artigos produzidos, às temáticas preferenciais, aos cargos ocupados e às áreas de atuação.

³⁶ A explicação mais plausível encontrada acerca de Telma Bonifácio possuir um título de doutorado sem possuir o título de mestra pode estar associada às questões de critérios de admissão de alunos (as). Tendo em vista que o Instituto Central de Ciências Pedagógicas (ICCP-CUB), onde ela obteve o título de doutora, é uma instituição internacional e, provavelmente, detém critérios de admissão diferentes das instituições brasileiras. No entanto, consta em seu currículo lattes (<http://lattes.cnpq.br/5242381268998292>) que o título de Doutora em Ciências da Educação foi reconhecido no Brasil pela Universidade de Brasília – UNB.

Embora eles ocupem cargos de professores universitários, assim como elas, há uma diferença em relação aos demais cargos exercidos, no que tange à presença predominante deles em cargos públicos do governo estadual e municipal, estando envolvidos, também, com certa abrangência em coordenações de cursos acadêmicos. Assim, indica-se uma presença maior dos homens em cargos ditos de liderança e nos espaços de poder em relação às agentes, sobretudo, dentro da própria entidade.

Quanto aos artigos publicados, nota-se que a maioria dos agentes, incluindo-se homens e mulheres, em algum momento publicou artigos de cunho honorífico, com ênfase nas figuras “ilustres” maranhenses, ou sobre o IHGM, quase sempre no sentido de glorificar a entidade.

Este fato é verificado desde os anos 1950, padrão honorífico que permanece ao longo dos anos 2000. Neste ponto, torna-se possível inferir alguns parâmetros de reflexão acerca desse periódico, pois há uma incidência deste tipo de temática ao longo dos anos analisados, o que ressalta o trabalho de manutenção, edificação e consagração dos “panteões” regionais e nacionais já fincados na historiografia, cultura e política regional. Uma vez que é comum encontrar homenagens a Gaioso, Gonçalves Dias, Bandeira Tribuzzi, Padre Antonio Vieira, Humberto de Campos, Bequimão, Joaquim Manuel de *Sousa Andrade*, mais conhecido por “*Sousândrade*”, entre outros.

Além disso, as temáticas sublinhadas pelas mulheres abarcam a área de Educação, e Dilercy Adler insere também outros gêneros literários, como a poesia e os poemas. Ao passo que os homens, embora publiquem artigos sobre Literatura, os gêneros literários preferidos por eles são as crônicas e os contos. E referente à Educação, apenas o médico, José Márcio Soares Leite, e o professor de educação física, Leopoldo Vaz, escrevem sobre isso. No que corresponde ao conteúdo mais “tradicional” do periódico, História e Geografia, percebe-se que todos escrevem sobre essas temáticas. E, majoritariamente, há o registro de homenagens e elogios.

Acerca da reflexão erguida em referência ao recorte de gênero levantado neste capítulo, o objetivo principal disso é evidenciar a *raridade* de agentes do sexo feminino, não somente ocupando determinados cargos ditos de liderança, mas pela própria presença escassa delas nos espaços políticos e culturais e na baixa colaboração com produções escritas, entre outros (REIS, 2013). Além disso, como

evidenciado, observa-se a entrada tardia dessas mulheres em âmbitos de consagração, tendo em vista que as figuras “ilustres” mencionadas são majoritariamente masculinas.

Nesse aspecto destacamos a problematização efetivada por Reis, Machado e Garces (2020) acerca da atuação de mulheres em domínios culturais que conquistaram posições de destaque em espaços comumente ocupados por homens. No caso do IHGM, caracterizada como uma instância “erudita”, verifica-se a raridade de mulheres integrando o quadro de titulares bem como ocupando posições de relevo.

No entanto, dentre as titulares do IHGM se sobressai Eneida Vieira Ostria de Canedo que ocupou cargos de destaque ao longo de seu trajeto social, sendo a primeira mulher a ocupar o posto de presidente do Instituto Histórico, acumulou títulos escolares e pertenceu a círculos de reconhecimento. Dessa forma, constata-se que a presença das produtoras e/ou intérpretes da “cultura maranhense” é marcado por disputas em torno da “cultura” e pela busca por um lugar de autoridade no *hall* dos intérpretes culturais maranhenses (REIS; MACHADO; GARCES, 2020).

Assim, verifica-se a manutenção desse quase monopólio de dominação dos homens, ocupando posições de liderança, e, ao mesmo tempo, percebe-se como as mulheres são levadas à condição de submissão. Sem deixar de observar que os homens também *estão prisioneiros da condição de dominantes* que majoritariamente ocupam, como sinaliza Bourdieu (2014):

Se as mulheres, submetidas a um trabalho de socialização que tende a diminuí-las, a negá-las, fazem a aprendizagem das virtudes negativas da abnegação, da resignação e do silêncio, os homens também estão prisioneiros e, sem se aperceberem, vítimas, da representação dominante (BOURDIEU, 2014, p.63.).

A partir do dissertado neste capítulo, na próxima seção serão mapeadas as entrevistas densas realizadas com alguns protagonistas do século XXI, enfatizando, sobretudo, de forma mais ampla os percursos sociais, culturais e políticos desses agentes, bem como as possíveis razões por essas preferências de produção escrita.

CAPÍTULO IV – AS ENTREVISTAS COM OS PRINCIPAIS PROTAGONISTAS DO SÉCULO XXI (INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS)

O foco deste capítulo recai sobre a análise de seis entrevistas realizadas no ano de 2019 com os agentes deste período. Faz-se necessário pontuar que, embora todos os entrevistados sejam vinculados ao IHGM e façam parte desse grupo específico, eles possuem acúmulos e patrimônios de bens econômicos, culturais e políticos díspares, além de ocuparem posições sociais distintas, como apresentado no capítulo anterior.

Ao mesmo tempo, observa-se que possuem uma circulação social similar em alguns aspectos institucionais (acadêmicas ou escolares), bem como ligados às participações em outras instâncias culturais correlatas, além de exercem atividades análogas quanto à publicação de livros e a participação em clubes, associações, etc.

Isso será averiguado mais detalhadamente nas seções a seguir, que mostram os recursos conquistados por esses agentes e as diferentes perspectivas e convicções que eles assumem acerca da entidade a qual eles são vinculados, bem como do periódico do qual alguns são colaboradores.

4.1 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE ANTÔNIO JOSÉ NOBERTO DA SILVA

Antônio José Noberto da Silva é oriundo do Estado do Ceará. Nasceu na cidade de Pentecostes, em 30 de agosto de 1970. É filho de Henrique Firmiano da Silva que atuava como funcionário do Departamento de Obras, e Raimunda Noberto da Silva, dona de casa.

A família não permaneceu no Ceará, mas deslocou-se para o Maranhão, à época ele tinha sete anos de idade, e boa parte da família se estabeleceu no Maranhão.

Referente aos seus avós maternos, eles eram de Parnaíba, município do Estado do Piauí. Enquanto que os avós paternos eram de Sobral, município do estado do Ceará. Quanto à relação do agente com os avós, ele afirma que não

obteve muitas vivências com eles, pois faleceram quando ele tinha 2 anos de idade. Em razão disso, não conseguiu lembrar de seus respectivos nomes, nem de suas ocupações. Além disso, sinaliza que ficou “órfão de pai e avô” muito cedo. Destaca que a sua mãe faleceu no Maranhão quando ele tinha vinte e sete anos de idade.

Com relação à sua mãe, ele a elogia afirmando que o criou sozinho e era “uma mulher macho”, pois dava conta de tudo. E, embora fosse dona de casa, conseguiu instruir o filho de uma forma que impressionava os outros, pois quem o conhecia pensava que a sua “mãe era médica, uma doutora”, e não uma simples dona de casa.

Sobre os vínculos que a família tinha com o âmbito político, ele assinala que a irmã, Maria Aparecida Ribeiro³⁷, exerceu dois mandatos como prefeita do município de Vargem Grande, no Maranhão. O primeiro mandato dela ocorreu durante os anos de 1992 a 1996 e o segundo mandato de 2004 a 2008. Ainda que não tenha exposto o nome da irmã em entrevista, a partir de uma pesquisa rápida acerca das informações fornecidas por ele, foi possível descobrir seu nome.

Antônio Noberto relata que atuou como secretário municipal de Vargem Grande, aos 22 anos. Neste período, afirma que ganhou experiência em política e administração pública.

Aliás, a sua irmã era casada com Kleber Kleper Ferro Leite³⁸, ex-deputado estadual do Maranhão, que também atuou como chefe da Casa Civil do Estado, na gestão do ex-governador Epitácio Cafeteira Afonso Pereira, mais conhecido como “Cafeteira”. Ainda durante a gestão de Maria Aparecida Ribeiro, Kleber Leite foi secretário municipal de obras e transportes em Vargem Grande. Além de atuar no âmbito político, Kleber Leite percorreu, anteriormente, a carreira de jornalista e chegou a residir no Rio de Janeiro (período em que a cidade era a capital da República) e atuava no Congresso Nacional. Também escreveu um livro que aborda a oligarquia vitorinista no Maranhão, intitulado *Terra de Ninguém*.

Quanto à esposa do agente em questão, Aline Pinheiro Vasconcelos, ele acentua que a família dela também é oriunda do Ceará e os seus sogros

37 Informações sobre a ex-prefeita de Vargem Grande (MA) Maria Aparecida Ribeiro:

<https://historiaegeografiadevargemgrandema.wordpress.com/historia/>

38 Informações sobre o ex-deputado estadual do Maranhão Kleber Kleper Ferro Leite; <http://thaleshcastro.blogspot.com/2019/09/vargem-grande-10-anos-sem-kleber-leite.html>

deslocaram-se do Ceará para Alto Alegre do Maranhão, município do estado do Maranhão. Ela nasceu nos anos 80, no município de Codó, mas foi criada em Santa Inês, ambos municípios do mesmo Estado.

Em relação à ocupação de sua esposa e de seus sogros, em entrevista, ele afirma que ela é funcionária da prefeitura de São Luís sem especificar seu cargo. No entanto, com uma busca no site³⁹ da prefeitura de São Luís detectamos que Aline Vasconcellos atua na equipe referente à Secretaria Municipal de Turismo (SETUR), como Assessora Técnica de turismo. E seus sogros são aposentados.

O casal tem uma filha de nove anos, Lana Vasconcellos Noberto da Silva, que estuda no Colégio Marista, um colégio particular e tradicional da capital São Luís.

Dessa forma, embora seja oriundo do Ceará, a família dele se assentou no Maranhão e constituiu roteiros sociais no Estado. Ainda, conseguiu por meio da irmã, ex-prefeita de Vargem Grande/MA, conquistar uma posição de secretário municipal da cidade, o que salienta o envolvimento do agente e, de certa forma da família, com o setor político-eleitoral regional. Além disso, assim como o pai, funcionário do governo federal, ele também adentra o âmbito federal conquistando a vaga de Policial Rodoviário Federal através do concurso público federal, como será exposto a seguir.

A respeito de sua vida conjugal, nota-se o entrecruzamento de pares semelhantes, tendo em vista que a esposa perpassa pelos caminhos correlatos do agente, em relação a questões de Turismo. Antônio Noberto possui um trabalho ativo dentro do turismo municipal em parceria com a esposa, como será verificado adiante.

Em relação ao percurso escolar e acadêmico do agente, ele estudou o ensino fundamental em uma escola pública municipal do Estado do Ceará, a escola Santa Maria Gorete⁴⁰, localizada no município de Solonópole.

Em São Luís, deu continuidade ao seu Ensino Fundamental e Ensino Médio em escolas públicas estaduais. E concluiu os últimos anos de Ensino Médio no

39 Site da prefeitura de São Luís que consta a equipe de funcionários da Secretaria Municipal de Turismo (SETUR) https://www.saoluis.ma.gov.br/subportal_subpagina.asp?site=1247

40 Informações sobre a escola pública municipal Santa Maria Gorete <https://www.escol.as/65624-santa-maria-gorete>

munícipio de Vargem Grande, na escola Francisco Almeida Carneiro, da qual a irmã era proprietária.

No que se refere ao seu percurso acadêmico, Antônio Noberto relata que prestou o vestibular para o curso de Direito, mas não conquistou a aprovação na segunda etapa. Assim, optou pelo curso de Turismo na Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e, também, pelo curso de História na Universidade Estadual do Maranhão (UEMA). Além disso, ele possui uma especialização pelo Universidade Ceuma em Consultoria em Turismo; um curso técnico em guia de turismo pelo Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC); e ainda iniciou, mas não concluiu, o curso de pós-graduação em gestão empresarial pela Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Para além dos cursos acadêmicos, o agente frequentou o curso de francês da Aliança Francesa em São Luís, bem como as aulas da professora Eva Maria Nunes Chatel, do Departamento de Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Tornando-se fluente em francês.

Assim, a partir disso, verifica-se que a passagem Antônio Noberto no ensino público estadual pode ser reflexo de uma possível carência econômica da mãe, sem condição financeira para inserir o filho em escolas particulares em São Luís. Essa entrada em instituição particular de ensino só ocorreu a partir da influência da irmã no percurso escolar dele.

No que se refere ao percurso acadêmico, percebe-se que ele tenta ingressar no curso de Direito, um curso de status social mais alto, no entanto não obteve êxito. Ingressou nos cursos das humanidades e ciências sociais, História e Turismo, ambos concluídos em instituições públicas do ensino superior no Maranhão, UEMA e UFMA. Além do ensino técnico e especializações adquiridas em instituições privadas.

Ademais, conforme relatado em entrevista, ele investiu no curso de idioma, no caso a língua francesa, e tornou-se bilíngue, o que o possibilitou conhecer a prefeita de Berthegon.

De acordo com Antônio, Berthegon refere-se a uma comuna francesa e esse encontro teve o objetivo de estreitar os laços culturais e históricos entre Berthegon e São Luís, tendo em vista que Berthegon é a cidade natal de Daniel de Latouche. Este, por sua vez, é reconhecido por muitos historiadores como o fundador da

cidade de São Luís, e Antônio Noberto fez parte desse núcleo de historiadores, o qual busca demonstrar através de seus estudos e de pesquisas que São Luís foi fundado por franceses e não portugueses, como será acentuado adiante.

Quanto à ocupação atual, Antônio Noberto afirma que “seu ganha pão” é ser Policial Rodoviário Federal, e atua há 25 anos neste cargo público. No entanto, apesar de ser essa a ocupação profissional com o qual ele garante sua subsistência, também mantém ativo a atividade paralela como historiador e turismólogo. Ainda que não tenha exposto em entrevista, Antônio e a esposa, Aline Vasconcelos, também turismóloga, são desde 2004 os idealizadores do projeto *Cemitour do Gavião*⁴¹ que, em 2015, completou 10 anos de existência, segundo a matéria do jornal O Imparcial.

O projeto Cemitour do Gavião é um evento que ocorre dentro do Cemitério do Gavião, localizado no bairro Madre Deus, centro da cidade de São Luís, com apresentações teatrais, declamação de poesias, músicas (flauta, violino e violão), entre outros, com o intuito de guiar os visitantes e apresentar as “personalidades” da cultura maranhense que estão sepultadas no cemitério do Gavião. Na Figura 2, nota-se um grupo de visitantes e Antônio Noberto apresentando algum sepulcro do Gavião.



Imagem 7. Antônio Noberto sendo guia turístico no Cemitério do Gavião (MA), fonte: <https://oimparcial.com.br/cidades/2015/11/cemitour-comemora-10-anos-com-passeio-no-cemiterio-do-gaviao/>

41 Sobre o Cemitour: <https://oimparcial.com.br/cidades/2015/11/cemitour-comemora-10-anos-com-passeio-no-cemiterio-do-gaviao/>

Entre as personalidades que estão enterradas no Cemitério do Gavião, encontram-se escritores, professores, artistas e políticos, como: Aluísio de Azevedo⁴², Sousândrade⁴³, Bandeira Tribuzzi⁴⁴, José do Nascimento Moraes⁴⁵, Padre João Mohana⁴⁶, Jerônimo de Viveiros⁴⁷ e Rosa Castro. Entre os artistas estão Mestre Coxinho⁴⁸, e o carnavalesco Joãozinho Trinta. Em meio às figuras políticas, encontram-se: Benedito Leite, Maria Aragão, Epitácio Cafeteira, entre outros.

⁴² Aluísio Tancredo Gonçalves de Azevedo, caricaturista, jornalista, romancista e diplomata, nasceu em São Luís (MA) em 14 de abril de 1857, e faleceu em Buenos Aires, Argentina, em 21 de janeiro de 1913. Era filho do vice-cônsul português David Gonçalves de Azevedo e irmão mais novo do comediógrafo Artur Azevedo. Fonte: <https://www.academia.org.br/academicos/aluisio-azevedo/biografia>

⁴³ Joaquim de Souza Andrade, poeta e professor nasceu em Alcântara (MA) em 1832, e faleceu em São Luís (MA) em 1902. Estudou em Paris para fazer o curso de letras na Sorbonne. Após esse período, em 1858, lança seu primeiro livro de poesia, *Harpas Selvagens*. Em 1870 acompanha sua filha aos EUA, onde faz questão que ela estude, por ser republicano convicto. Viveu 14 anos em Nova York, e escreve para o jornal republicano *O Novo Mundo*. Ainda nos Estados Unidos, escreve e publica sua obra principal, *O Guesa Errante*. Volta a São Luís em 1886, dá aulas de grego e faz proselitismo republicano. Ganha fama de excêntrico, e a sua ruína financeira avança e é abandonado pela esposa e pela filha, vivendo de maneira cada vez mais precária, sendo considerado louco por boa parte da população de São Luís. Fonte: <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa3098/sousandrade>

⁴⁴ José Tribuzi Pinheiro Gomes nasceu em 2 de fevereiro de 1927 e faleceu no dia 8 de setembro de 1977, em São Luís (MA). Foi jornalista, poeta, músico, escritor, caricaturista, etc. Era filho do comerciante português Joaquim Pinheiro Ferreira Gomes e da maranhense Amélia Pinheiro Gomes. Viveu em Portugal, frequentou escolas em Porto, Aveiro e Coimbra e por lá permaneceu até concluir sua formação superior. Formado em Filosofia e Ciências Econômicas e Sociais, Bandeira Tribuzi retornou a São Luís em 1946. Fonte: <https://www.blogsoestado.com/pedrosobrinho/tag/bandeira-tribuzi/>

⁴⁵ José do Nascimento Moraes nasceu em São Luís (MA), no dia 19 de março de 1882 e faleceu em 22 de fevereiro de 1958. Foi poeta, romancista, cronista, ensaísta e jornalista. Alcançou os cargos de presidente da Academia Maranhense de Letras e professor do tradicional Liceu Maranhense, onde chegou a lecionar para Ferreira Gullar e José Sarney. Em sua literatura, o escritor abordou de maneira crítica a temática do preconceito racial, sendo que seu livro de maior destaque, *Vencidos e degenerados*, primeiramente publicado no Maranhão em 1915, discute as consequências do 13 de Maio de 1888. Fonte: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autores/339-nascimento-moraes>

⁴⁶ João Miguel Mohana nasceu na cidade de Bacabal (MA) em 1925. Foi um padre, médico, psicólogo e escritor brasileiro. No final da década de 1940, foi estudar Medicina na Universidade Federal da Bahia. Lançou seu primeiro livro em 1952, o romance "O outro caminho", pelo qual recebeu o prêmio Coelho Neto da Academia Brasileira de Letras. Entrou para o Seminário de Viamão, no Rio Grande do Sul, tornando-se padre em 1960. Em 1970, foi eleito membro da Academia Maranhense de Letras, ocupando a cadeira n° 3. Fonte: <https://www.livrosmolokai.com.br/autores/padre-joao-mohana/>

⁴⁷ Jerônimo de Viveiros nasceu em 11 de agosto de 1884 em São Luís (MA). Foi um professor e historiador maranhense e membro da Academia Maranhense de Letras. Era filho de Jerônimo José de Viveiros e de Maria Francisca de Viveiros, descendia de uma família de posses no Maranhão. Seu avô paterno foi Francisco Mariano de Viveiros Sobrinho, Barão e deputado provincial, além de fidalgo e cavaleiro da Casa Imperial do Brasil. E seu bisavô paterno foi Jerônimo José Viveiros, o senador do Império do Brasil. Fontes: https://www.pwiki.org/wiki/Jer%C3%B4nimo_de_Viveiros; <https://www.blogsoestado.com/buzar/2015/11/30/jeronimo-de-viveiros/>

⁴⁸ Bartolomeu dos Santos, conhecido como Coxinho, nasceu em 24 de agosto de 1910, em Lapela, povoado de Vitória do Mearim (MA). Se mudou para São Luís e tornou-se amo de boi (personagem principal da brincadeira). Em 1977 Coxinho passou a comandar o Boi de Pindaré. Ele foi considerado por pesquisadores e estudiosos da cultura popular maranhense como o maior cantor de bumba meu boi do estado e reconhecido como uma das maiores vozes do bumba meu boi no sotaque da Baixada, pelo qual se dedicou por 30 anos. Fonte: <https://oimparcial.com.br/entretenimento-e-cultura/2016/06/25-anos-sem-mestre-coxinho/>

Segundo a matéria do jornal *O Imparcial*, Antônio Noberto reitera que é necessário valorizar as personalidades maranhenses e os “lugares de memória” das personalidades, como descrito no trecho abaixo retirado do veículo:

De acordo com Antônio Noberto, o Cemitour foi idealizado para desmistificar a ideia de que o cemitério é um lugar só de mortos, para falar de algo diferenciado. ‘Mostrar para as pessoas a contribuição que cada personalidade ofereceu à cidade. É preciso conhecer o mistério da morte, as pessoas precisam visitar mais os cemitérios e aprender a falar da morte, pois a dor e o prazer andam juntos’, disse. (ALVES, Glaydes. Cemitour comemora 10 anos com passeio no Cemitério do Gavião. Jornal O Imparcial. São Luís, 13 de novembro de 2015. Turismo. Disponível em: <https://oimparcial.com.br/cidades/2015/11/cemitour-comemora-10-anos-com-passeio-no-cemiterio-do-gaviao/>. Acesso em: 18 de dezembro de 2019).

Outra edição do Cemitour ocorreu no mês de outubro de 2019 em que professores franceses, em parceria com o Instituto Federal do Maranhão (IFMA), foram guiados por Antônio Noberto a fim de mostrar a história do Estado e salientar que a fundação de São Luís foi estabelecida por seus compatriotas franceses.

Ele é membro efetivo do IHGM e atuante em outras instâncias culturais, bem como membro fundador de duas Academias de Letras: Academia Vargem-Grandense de Letras e Artes (AVLA) e Academia Ludovicense de Letras (ALL). Também é membro efetivo de uma Academia Francesa, a *Luminescence Academie Française*, localizada no Vale do Loire que, de acordo com o trecho abaixo, ele visitaria nos dias 27 ou 28 de outubro de 2019.

Eu participo da Academia Vargem-grandense de Letras e Artes, e participo, na verdade, eu ajudei a FALMA (Federação da Academia de Letras do Maranhão) na fundação de outras academias. Por exemplo, na fundação de Vargem Grande, a de Zé Doca, e outros lugares aí. E também faço parte de uma Academia de Letras lá do Vale do Loire na França, Luminescence Academie Française, que inclusive vou visitar agora para o dia 27 para o dia 28 (Entrevista concedida por Antonio Noberto, 9/10/2019).

A partir desses relatos, verifica-se que o cargo que ele ocupa como Policial Rodoviário Federal faz parte de sua subsistência financeira e, através disso, o

possibilitou ingressar em cursos de especializações particulares e investimento em outro idioma, como o francês.

Também, nota-se um forte envolvimento no setor do turismo e da história maranhense, o Cemitour é um exemplo disso, tendo em vista que esse evento é espelhado nos cemitérios de Paris (FR), onde são realizadas atividades turísticas dessa natureza. Assim, nota-se que o agente se empenha em transportar em certa medida uma prática cultural, sobretudo, francesa para São Luís, o que caracteriza uma importação de práticas culturais advinda da Europa.

Em entrevista, Antônio Noberto comenta sobre sua admissão no IHGM, mediante indicação feita por Álvaro Urubatan Melo (*Vavá Melo*), Whashington Maciel e Joana Bitencourt. No trecho que segue, ele destaca uma amizade com eles há bastante tempo, considerando-os seus padrinhos dentro do Instituto. Além disso, se autodeclara um “pesquisador raiz”, sendo apoiado pelo IHGM no que tange às pesquisas que elabora e publica:

E é muito amigo de Joana Bitencourt, ali de Pinheiro, São Bento. Joana é de Pinheiro e ele é de São Bento. Então me fizeram o convite e eu fui de bom grado, feliz porque eu sou um cara de pesquisa raiz, me considero raiz, pesquisa mesmo, tirando todos esses penduricalhos que a modernidade bota na gente, baliza a gente. A gente tem que fugir disso, meu entendimento. E aí, desenvolvo um trabalho que é apoiado pelo Instituto Histórico e Geográfico. E considero os dois os meus padrinhos. (Entrevista concedida por Antônio José Noberto Da Silva no dia 9/10/2019)

Esse laço estreito de amizade é verificado no periódico eletrônico nº 39, publicado no ano de 2011. Seu amigo e membro efetivo da entidade, Álvaro Urubatan Melo, o recebe mediante discurso de recepção ao novo membro (característica padrão da solenidade de posse do instituto), como nota-se no trecho abaixo, retirado da Revista eletrônica:

O convite para Antônio integrar o IHGM foi realizado com plena convicção de ser correspondido. Sei das potencialidades deste novo sócio. Antes de conhece-lo já era seu amigo. Baseado naquela regra de sinais, que muito ensinei aos jovens conterrâneos são-bentuenses: amigo do meu amigo é meu amigo. Nossa futura confrreira Joana Bitencourt foi liame desta fraternidade (Revista eletrônica nº 39, 2011, p.91.).

O convite para integrar o quadro de titulares do IHGM era esperado, pois Joana Bitencourt por ser sua “irmã” e parceira de trabalhos, como descrito em entrevista, o comunicou acerca disso, como se observa no trecho abaixo:

De certa forma eu tinha conhecimento do convite, porque a Joana Bitencourt me avisou, né? E que iria fazer o convite através dele (Vavá Melo). Então Joana Bitencourt é uma irmã, uma grande pesquisadora, vários livros escritos, dona da companhia de bonecos Beto Bitencourt. E a gente é parceiro de pesquisa, de viagens, tem projetos e sonhos em comum. Eu sou um sonhador, eu vivo de sonho. No dia que tirarem meus sonhos, acabou Noberto, não existe mais (Entrevista concedida por Antônio José Noberto Da Silva no dia 9 /10/2019).

Em relação à sua presença nas atividades do IHGM, Antônio Noberto afirma que deveria ser mais assíduo, no entanto o seu cargo de presidente da Academia Ludovicense de Letras (ALL) o impede, devido à falta de tempo. Porém enaltece o instituto, sinalizando que é “uma instituição graúda do século passado” e enfatiza que as grandes autoridades do Estado, como José Sarney, já passaram por lá.

No trecho abaixo, Noberto responde acerca da relação que ele mantém com os demais sócios da entidade. Segundo ele, a relação com os confrades é excelente e os elogia:

Eu acho excelente. Lá a gente tem o Cleones Cunha, que é Desembargador, inclusive. Nós temos Ana Luiza Almeida Ferro, que é uma grande historiadora, já tivemos outros grandes também, a exemplo de Thelma Bonifácio dos Santos Reinaldo, que foi presidente. E vários outros ex-presidentes de mão cheia que já tivemos no Instituto Histórico e Geográfico. São muito conceituados. (Entrevista concedida por Antônio José Noberto Da Silva no dia 9/10/2019)

No tocante ao periódico do IHGM, Antônio Noberto acentua que há divergências internas quanto ao seu desenvolvimento. Ele afirma que foi contrário às novas burocracias exigidas para as publicações dos artigos e que publicou poucos artigos, pois se contrapôs às novas políticas exigidas.

Quanto aos “poucos” artigos que ele publicou na Revista IHGM, o levantamento feito revela que ele possui um total de 24 artigos publicados e em 2012 foi o último ano em que seus artigos aparecem no periódico. Entre os títulos

localizados estão: “O mestre da maranhensidade” (2011); “Quadricentenário de São Luís – Fundação Francesa e oportunidades” (2011); “O Maranhão francês sempre foi forte e líder” (2011); José Angelo da Silva – um legado para a educação no Maranhão (2012); “França Equinocial para sempre: uma história de 400 anos” (2012); “A fundação de São Luís, o DNA da contestação e oportunidades” (2012).

Ainda, afirma que se considera um “pesquisador raiz”, conforme anteriormente afirmado, e que seus estudos e pesquisas recaem sobre “a História do DNA de São Luís”:

A minha especialidade, a especialidade do Antônio Noberto é a História primeira de São Luís, mas assim a História de São Luís está na minha cabeça. Mas a minha especialidade é a História primeira, a História do DNA de São Luís, que eu sempre digo que vai ser conhecida lá na frente. No dia que a gente se libertar desse conhecimento equivocado, ensinado em escola, e universidade, nós seremos um país grande como um dia nós fomos, temos que deixar de ser xenófobos, nós somos xenófobos, nós temos medo do novo. (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

Quando perguntado sobre sua concepção de História, ele salienta que “a nossa história maranhense” “pode ser melhor contada” e que é necessário cultivar “o estrangeiro”. Não somente o português, mas valorizar também outros estrangeiros, que teriam trazido “o tesouro para a gente”:

Eu prego que a gente tem que se abrir, a gente tem que parar de falar mal de quem trouxe o tesouro para a gente, que é o estrangeiro. (...). E eu digo esse tesouro, o francês, o inglês, o alemão, todos eles trouxeram, como o português também trouxe, mas a maior parte foram estes outros que trouxeram. (...) então a História pode ser melhor contada. No dia que a gente contar melhor a História de quem participou daqui, da nossa vida, de outros tempos, nós vamos ser mais ricos. Quando nós eramos abertos para o estrangeiro a gente era rico, quando cortaram nosso caminho para o estrangeiro, nós empobrecemos, a regra é essa e aceito o contraditório, mas não vejo ninguém falando alguma coisa lúcida. Até hoje eu nunca vi. (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

Em entrevista ele enfatiza que “a universidade fala que São Luís não foi fundada por franceses”, pois não reconhecem o peso dos franceses na fundação de São Luís, no entanto, ele se contrapõe à essa versão, tendo em vista que ele

comprova em seu livro “França Equinocial” que os franceses já habitavam em São Luís antes da chegada dos portugueses:

A universidade fala que a São Luís não foi fundada por Franceses, porque demorou pouco tempo, porque não sei o quê, não sei o quê, tudo é uma conversa que não procede. Primeiro porque, os franceses já moravam aqui desde os anos 1500. E eu mostro esse DNA no quadro São Luís antes da fundação, no meu livro França Equinocial, ninguém nunca provou, me provou que existia uma fundação melhor do que a de São Luís naquele período, não existe. (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

A partir disso, nota-se que os artigos que ele publicou no periódico, entre os anos de 2011 a 2012, seguem um mesmo alinhamento com seu posicionamento acerca da história Maranhense. O período em que ele teve maior assiduidade de publicações foi aquele em que o periódico só existia em formato eletrônico e seu editor e realizador era Leopoldo Gil Dulcio Vaz.

Sobre o idealizador e editor da revista eletrônica, Antônio Noberto o elogia no trecho abaixo, afirmando que se assemelhava a ele no sentido de trabalho árduo e pesquisas densas.

Antonio Noberto sinaliza uma crítica ao ex-presidente Euges Lima, afirmando que este “esvaziou” Leopoldo Gil Dulcio Vaz das atividades como editor e realizador do periódico eletrônico e, em razão do atrito do ex-presidente com seu amigo Leopoldo Vaz, também se afastou do IHGM e não publicou mais artigos.

A revista online era realizada pelo Leopoldo Vaz. Leopoldo é um louco. No sentido positivo do termo. Ele escreve livros de mil páginas. Ele é um louco do bem. É o louco que o mundo precisa. O mundo precisa dos loucos. Eu me considero entre esses loucos. É, mas foi a partir do Euges que esvaziou o Leopoldo. Ele praticamente tirou o Leopoldo da Revista sobre pretexto disso daquilo, e eu acabei me afastando também. (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

Ainda sobre essa tensão interna da entidade, Antônio Noberto se contrapõe à forma de condução do desenvolvimento do periódico por parte da gestão, desde àquela do ex-presidente Euges Lima. Ademais, pontua que “muita gente faz

política” dentro da entidade e isso modifica os critérios de prestígio e mérito dos membros da entidade:

Olha, me parece que eu estou como editor, olha só, para você ver como eu não estou tão ligado. Mas eu estou como um dos membros da comissão da revista. Mas assim, eu entrei porque colocaram meu nome, mas não eu chegando lá “eu quero participar”, entendeu? Porque eu não gosto da maneira, desde a presidência da gestão do Euges Lima. Foi o Euges Lima que começou, eu acho um equívoco dele muito grande de começar a cercear, porque as vezes existe um culto a burocracia, primeiro, para mim é isso, um culto a burocracia. Você sobre o pretexto que tem qualidade, todo mundo que está no Instituto Histórico Geográfico tem qualidade, quer balizar texto, na verdade tem muita gente que faz política, aí acaba tirando o mérito de um, esvaziando um lado para prestigiar outro, eu acho errado, eu acho que a gente tem que cultivar, e quando a gente cultiva o conhecimento da confraria, nós estamos cultivando as flores do jardim, e todas elas têm a sua beleza a apresentar (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

No que diz respeito ao periódico eletrônico e à sua não continuidade, Antônio Noberto se posiciona afirmando que não compreende por que o periódico eletrônico está desativado. Pois, segundo ele, a revista eletrônica alcança um público gigantesco; comenta que a Academia Ludovicense de Letras também possui o seu periódico eletrônico, alcançando milhões leitores em outros países.

Assim, a partir disso, percebe-se que há divergências internas, sobretudo ligado à gestão da entidade e à condução do desenvolvimento do periódico. Além disso, a razão para ele estar “afastado” da entidade está ligada a essas tensões. Entretanto, mantém uma presença ativa nas atividades da entidade, como será verificado no último capítulo deste trabalho.

No que se refere ao exercício da escrita, ele é autor de quatro livros entre os quais estão: “Influência Francesa em São Luís: uma oportunidade e segmentação do mercado turístico local”, publicado em 2004, que foi o seu trabalho de monografia; “França Equinocial: uma história de 400 anos”, publicado em 2012 e uma segunda edição publicada em 2019; e, por fim, o livro intitulado “Caveirinha Missioneira”, um livro de contos, publicado em 2019, segundo ele, esse livro fala sobre o Rio Grande do Sul, mais especificamente, de São Borja. Publicou, ainda, o livro intitulado “Só por uma estação, uma viagem ao Brasil”, em 2006, que ganhou

um concurso literário em São Luís. Além disso, possui coletâneas publicadas e também escreveu prefácios de livros.

Ao ser questionado sobre a origem da inspiração para ser escritor, Antônio Noberto afirma que isso foi uma “coisa inata” e que sempre esteve envolvido com a vida literária.

Olha parece uma coisa inata, assim. Uma coisa nata. Uma coisa que sempre escrevi alguma coisa, li, e aí na década de 90 eu já comecei a escrever publicando em jornal (Entrevista concedida por Antonio Noberto, 9/10/2019).

Ele também se envolveu com jornais locais, como o Jornal O Imparcial, no qual, com a ajuda de um amigo, conseguiu publicar um artigo. Escreveu por dez anos no Jornal Cazumbá⁴⁹ no qual tinha uma coluna intitulada “No cerne da questão”. Escrevia, também, para o Jornal Pequeno, por três ou quatro anos na coluna de seu amigo, José Ribamar Sousa dos Reis. E com o falecimento do amigo permaneceu escrevendo na coluna do Jornal Pequeno. E como forma de homenageá-lo indicou o seu nome como patrono da cadeira 40 da Academia Ludovicense de Letras (ALL), sinalizando que “imortalizou” José Ribamar Sousa dos Reis.

Acerca das preferências em torna das temáticas, Antônio Noberto enfatiza que a História é palco principal de seus livros, e se dedica a pesquisar “a presença estrangeira”, como assinala no trecho abaixo.

Meus estudos sempre, quase sempre giram em torno da História. Por exemplo, duas temáticas mais fortes. É a França Equinocial ou Estrangeiro no Brasil, que eu dedico na questão da presença estrangeira, que é o tesouro, o filé que a gente joga fora toda dia, por causa dos interesses que não são os interesses coletivos. A gente fala mal do estrangeiro, quando a gente devia cultuá-lo ou aplaudi-lo. Porque foi ele quem trouxe o tesouro, a educação e a ética. Não adianta o Brasil ter um monte de leis, se não tem ética. Pode até ter 10x mais leis. Se não tiver ética não vai seguir. Não adianta. Entendeu? A ética é aquilo que nos deixa mais humano, nos torna mais civilizado. E é exatamente isso que o nosso colonizador português não trouxe para a gente. Ele trouxe a força das armas, ele trouxe alguma coisa interessante, mas ele não trouxe, não

⁴⁹ O Jornal Cazumbá é um jornal que aborda temáticas acerca do turismo e cultura maranhense. Fontes: <https://pt-br.facebook.com/jornalcazumba/about/>; https://www.instagram.com/jornal_cazumba/.

permitia a educação nem ética (Entrevista concedida por Antônio Noberto, 9/10/2019).

Os relatos demonstram que há uma pretensão do agente entrevistado em definir e estabelecer limites regionais, caracterizando a cidade de São Luís como excepcional no sentido de distingui-la como a única cidade brasileira fundada por franceses, e do mesmo modo integrar as discussões erguidas por historiadores maranhenses acerca dessa temática ligada à formação e à gênese da capital do Estado. Isso, em certa medida, revela o interesse em colaborar com a demarcação das fronteiras regionais e disputar legitimidade nesse universo intelectual. Tendo em vista que produziu um estudo acerca disso, materializado em seu livro intitulado “França Equinocial”, no qual justifica, através de dados históricos, a fundação francesa em São Luís.

E, assim, mediante a sua posição de intérprete da cultura e da história maranhenses demonstra o seu posicionamento no que se refere à fundação de São Luís, bem como recorre às suas vinculações em instâncias culturais para legitimar seus estudos, pesquisas e, também, o próprio discurso de historiador, turismólogo, etc.

4.2 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE LEOPOLDO GIL DULCIO VAZ

Leopoldo Gil Dulcio Vaz é oriundo de Curitiba (PR) e nasceu em 1952. Seus avós paternos são Leopoldo Maçom Vaz e Alice Vaz. Segundo ele, seu avô paterno era filho de Êmile, inglesa, com um índio, denominado por ele de “vovô bugre”. Ele era soldado na base aérea do Bacacheri (PR) e exercia o ofício de mecânico de avião. Depois, ele subiu na hierarquia militar e tornou-se suboficial.

Quanto aos seus avós maternos, ele afirma que seu avô era português e a sua avó era descendente de italianos. O avô materno era comerciante industrial. As suas avós, tanto materna quanto paterna, eram donas de casa. E todos os avós, maternos e paternos, eram residentes em Curitiba (PR).

Quanto à ocupação exercida pelos seus progenitores, a mãe, Raquel Dulce Vaz, era professora de ensino primário em Curitiba, e o pai, Luís Vaz, era advogado e, depois, tornou-se Juiz de Direito. Ele também era economista e contador. Após

a separação dos pais, a mãe deslocou-se de Curitiba para São Luís para morar com o filho, Leopoldo Gil Dulcio Vaz.

Ele enfatiza na entrevista que sempre “foi um empregado para seu pai”, pois trabalhou com ele no escritório de advocacia e de contabilidade.

Ainda, de acordo com Leopoldo, o pai, Luís Vaz, era “metido a político” e “sindicalista”. Devido à mudança da família de Curitiba para o interior do Paraná, em razão do trabalho do pai, e ele sendo funcionário “da alta cúpula da empresa Kablin” (uma empresa de papéis, localizada no povoado denominado Lagoa - PR), se envolveu com a política sindical e fundou o sindicato dentro desse povoado. Em razão dos movimentos sindicais, a família se deslocou para outro povoado, chamado Harmonia (PR).

Ao fim da estadia da família no interior do Paraná, eles retornaram à Curitiba e começam a frequentar o Clube Duque de Caxias, onde o pai tinha direito sobre a propriedade como sócio do clube, como relatado pelo entrevistado:

Meu pai foi atleta por muito tempo, quando voltamos a morar em Curitiba, nós frequentávamos muito o Clube Duque de Caxias, papai era sócio de lá. O nome desse clube antes era Sociedade Cultura-Física Duque de Caxias, antes disso, era o “Teuto Brasilianischer Turnverein”, Clube alemão. Nós frequentávamos esse clube porquê? Eles tinham a sede e tinha a sede campestre, a sede campestre foi doado para uns parentes do meu pai para eles colocarem o clube, então a gente tinha direito a frequentar o Duque de Caxias (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Neste mesmo período, Leopoldo inicia o envolvimento com o esporte, possivelmente, por influência do pai, que naquela época era “jogador profissional” e conhecia muita gente do âmbito esportivo, possivelmente, foi a razão da opção pelo curso de Educação Física.

Perguntado sobre em qual partido político o pai era vinculado, ele diz que o pai era envolvido com a política desde a década de 1950. Ele era filiado ao PTB e tinha como inimigo político Ney Braga:

Ele era envolvido com politicagem desde a década de 50. Ele morreu há mais de 10 anos, quase morreu indigente. Ele era filiado ao PTB. Ele perdeu tudo, tudo, tudo. Tudo que ele ganhava ele gastava na política. Três vezes ele foi indicado para ser Ministro. Na primeira vez, o inimigo

político dele era o Ney Braga, você já deve ter ouvido falar desse político curitibano. O inimigo dele. Eles eram inimigos políticos de um querendo matar o outro. Na revolução, Ney Braga mandou matar ele, mas foi só no papel. Mas acabou com a carreira dele, só que o Ney Braga quando foi Ministro da Educação, chamou ele para ser Chefe de Gabinete do Ministério da Educação. Porque ele confiava no meu pai. Mas ele não aceitou porque a condição dele para aceitar esse cargo só aconteceria se eu voltasse do Maranhão para trabalhar com ele no Ministério. Ele me ligou, e eu disse não. Aí ele não foi Chefe de nada (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Relata o envolvimento do seu pai na campanha política do avô de Affonso Alves de Camargo Netto, conhecido como Afonso Camargo, ex-governador do Paraná.

A segunda vez que meu pai é indicado à Ministro em Curitiba foi a convite de Affonso Camargo Netto, a gente chamava ele de Afonsinho. Também um político muito importante em Curitiba, meu pai sempre, desde a época do velho Afonso, o pai de Afonsinho, que meu pai coordenava campanha política, elegeu o pai dele todas as vezes, foi ele que tomou conta da campanha do velho Afonso, campanha de vereador, pra prefeito, pra deputado, deputado federal, pra senador, pra tudo (risos). E quando o Afonsinho foi pro senado ele colocou que o meu pai teria que ser o 1º Suplente dele. Aí meu pai foi ser o primeiro suplente dele. Aí Afonsinho assumiu o Ministério do Trabalho. O meu pai assumiu o Senado. De noite foi a posse do Afonsinho como Ministro e no dia seguinte a posse do meu pai como Senador. À noite ele teve um derrame (risos). E assume o outro no lugar dele, e ele não foi nada de novo (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Conforme mencionado, o pai de Leopoldo estava envolvido com famílias de políticos importantes na cidade de Curitiba. Affonso Alves de Camargo Netto, de acordo com a plataforma do CPDOC, advinha de uma família paterna formada por pecuaristas, donos de frigoríficos e envolvidos com Partido Republicano Paranaense. E o avô dele, Afonso de Camargo, também era político em Curitiba. Embora tivesse ligação com essas figuras políticas, em razão do infortúnio de saúde que o acometeu, não foi possível assumir o cargo destinado para ele na época do Afonso Netto.

Luiz Vaz também foi coordenador de campanha do político Rafael Greca (atual prefeito de Curitiba), amigo de Leopoldo Vaz desde a época do Ginásio, como relatado por ele:

Papai também coordenou a campanha de Rafael Greca, ele é o atual prefeito de Curitiba, foi a mesma coisa com o Rafael, tal, tal. A indicação de juiz para ele, foi do Greca. Meu pai foi juiz por indicação do Greca. Meu pai elegeu ele Senador, mesma condição, queria que ele fosse suplente de Greca. Aí o Greca virou ministro de turismo. Meu pai foi à Brasília para assumir a cadeira, e na saída do hotel para ir para o Senado, o segundo derrame. E de novo não assumiu o cargo. O Greca foi meu colega de ginásio, aí eu brincava com ele, chamava ele, com aquele jeitinho dele, todo margarida, você olha pra ele e você pensa, esse cara é um viado, mas não é. Ele tem mulher. Eu chamava ele de "Ministro Saltitante", ele ficava puto da vida comigo (risos). Até hoje eu brinco com ele quando a gente se fala (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Assim, a partir dos trechos transcritos, percebe-se que a família de Leopoldo Vaz tinha condições financeiras e possuía influência no contexto em que eles viviam e mantinha um envolvimento com a política curitibana.

Além disso, nota-se que eles participavam de espaços de reconhecimento social, como o Clube Duque de Caxias⁵⁰, frequentado por "tradicionais famílias curitibanas", segundo o site da entidade. Isso expressa a posição social da família e a proximidade com outras famílias semelhantes.

Leopoldo, quando menciona seu trajeto escolar, assegura que estudou o Ginásio na segunda melhor escola particular de Curitiba, o Colégio Bom Jesus. Após o Ginásio, ele ingressou no Colégio Novo Ateneu, escola particular e também localizada em Curitiba. Nesse colégio, ele se formou em Contabilidade, contrário aos desejos do pai.

No relato da entrevista reproduzido a seguir, ele descreve uma situação ocorrida no passado, no qual os pais de seus amigos, muitos deles políticos, se engajaram para que o curso de Contabilidade oferecido pelo Colégio Novo Ateneu continuasse existindo:

⁵⁰ No ano de 1890, nascia mais um clube alemão, dentre muitos existentes no centro da cidade de Curitiba: o Teuto Brasilianischer Turnverein. Com o passar dos anos, o clube sofreu diversas modificações, incluindo mudanças de sede e até de nome, chamando-se hoje Clube Duque de Caxias - um dos mais bem frequentados por tradicionais famílias curitibanas. O Clube, atualmente, encontra-se no bairro Bacacheri, com uma área total de 110.000,00 m², tem em suas proximidades o Segundo Centro Integrado de Defesa Aérea e Controle de Tráfego Aéreo (Cindacta II), o 27^º. Batalhão Logístico, o terminal de ônibus do Boa Vista, o parque Bacacheri, a sede da Ordem Rosa Cruz, dentre tantos outros. Idealizado para oferecer uma infraestrutura de qualidade para diversos segmentos esportivos, atividades culturais e de lazer. Fonte: <https://www.clubeducedecaxias.com.br/>

Nos erámos dezesseis alunos no curso de Contabilidade. Mas resolveram fechar os cursos noturnos, e inclusive o curso de Contabilidade. Meu pai era advogado, e também era advogado do dono da faculdade. E tinha o Roberto Crioulo, o pai era desembargador. Aí tinha o outro Roberto, Roberto Rocha, o pai era Senador, o avô era Senador e o pai era Deputado Federal e a mãe era Deputada Estadual. Aí todo mundo se mexeu e fizemos reclamação na diretoria do Ateneu, os pais dos meus amigos era importantes e caso eles fechassem o curso, a gente entraria com mandato de segurança contra a escola. Nessa história, nós ficamos em dez, e seis saíram. Os professores só viam fazer prova. Nós fizemos os três anos de Contabilidade, terminamos em 1972. Desse pessoal, dos colegas, nós fizemos o vestibular pra Direito, passamos e ficamos na mesma sala na faculdade de direito (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Como podemos perceber a partir do trecho acima, Leopoldo Vaz convivia com amigos que advinham de famílias socialmente próximas à sua, tendo em vista que os pais de seus amigos estavam ligados à política curitibana assim como o seu pai.

Mediante isso, referente ao percurso escolar e acadêmico, nota-se que a família possuía condições econômicas para enviar o filho para escolas particulares e tradicionais de Curitiba. Isso é verificado nos próprios sites das escolas que afirmam seu prestígio na sociedade curitibana. Além disso, percebe-se a relação paterna conflituosa que ele mantinha com o pai. De um lado, os desejos do progenitor para que o filho ingressasse no âmbito jurídico e, do outro lado, o filho contrário ao pai, optando por outro caminho profissional.

Assim, além de sua graduação em Educação Física, ele possui duas especializações em áreas correlatas ao curso de graduação, concluídas pela UFMA, “Lazer e Recreação” e “Metodologia em Ensino”. Bem como possui o título de mestre em Ciência da Informação, pela UFMG, concluído em 1993. Também iniciou o curso de Doutorado, mas optou por não concluir.

Dessa forma, conforme os relatos, percebe-se que o agente percorre o espaço universitário público e privado fora de seu Estado de origem. Em decorrência da hostilidade com o pai, se afasta do âmbito jurídico, área de atuação de seu pai, e percorre outro âmbito profissional.

Nesse sentido, Leopoldo em entrevista descreve algumas de suas ocupações durante o tempo que viveu em Curitiba, antes dele percorrer a docência. Entre elas, o ofício de arquivista no Banco Bamerindus (PR) e a atuação em uma corretora,

chamada JC Carvalho de Mesquita. Nesse período viajou duas vezes aos EUA à trabalho:

Eu trabalhei no Banco Bamerindus com 17 anos, fui subordinado do pai de um amigo meu do curso de Contabilidade que era Diretor no Banco. A gente estudava às vezes na minha casa ou dele, né. A gente se juntava para fazer os trabalhos do curso de contabilidade, tal, tal. E nas nossas casas sempre tiveram bibliotecas, né. Nessa época, um dos gerentes do Banco Bamerindus me convidou para ir trabalhar numa corretora chamada Corretora JC Carvalho de Mesquita, uma corretora de títulos imobiliários. Aí peço demissão do Bamerindus e vou pra JC, fazer a mesma função de arquivista. Pelo Bamerindus eu viajei duas vezes para os EUA a trabalho. Eu fazia o trabalho de todo mundo. Eu conheci sem querer o senhor Avelino Antônio Vieira, o fundador do banqueiro do Bamerindus. Naquela época eu era metido, eu tinha sítio, só andava de sapato de couro alemão, só calça de veludo inglesa ou francesa (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Já na condição de estudante de Educação Física, no final de seu curso, ele trabalhava como coordenador de esportes. Nesse período, recebeu o convite de trabalho para ser professor de Educação Física, com contrato pela prefeitura de Maringá e com a prefeitura de Paranavaí, ambos municípios do Paraná, em razão de acordos políticos do pai, como relatado:

Quando eu tava no último ano de Educação Física, eu trabalhava em jogos escolares, aí tem os jogos abertos do Paraná, e eu fui para coordenar o atletismo e o ciclismo, que eu já trabalhava com essas modalidades, uma série de coisa, né. Aí quando eu chego em casa, tava lá papai com o prefeito de Maringá e o prefeito de Paranavaí na minha sala, “Leopoldo, senta aqui”, meu pai me apresentou e perguntou se eu conhecia. Eu disse que sabia quem era. E ele disse “você vai ser professor em Maringá, já tem um contrato na prefeitura de lá em andamento, e outro contrato na prefeitura de Paranavaí, ta tudo arranjado”. Eu fiquei abismado. E ele disse que tinha que ser assim porque ele ia apoiar os dois nas eleições para prefeito, deputado não recordo o que era, de Maringá e também prefeito de Paranavaí (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Como alegado a seguir, o pai possuía muita “força política” no Estado do Paraná, e, contrariando ele, Leopoldo não aceitou o cargo de professor nestes municípios (Maringá e Paranavaí). Concluiu o curso de Educação Física e foi de Curitiba (PR) para Imperatriz (MA):

Meu pai tinha um prestígio político tão grande que ele elegia todo ano três, quatro, cinco, às vezes, mais deputados estaduais, dois, três deputados federais, um senador no Paraná. Ele tinha essa força política. Aí eu disse, “vou não”. Me formei e vim para Imperatriz para ser professor a convite de um colega. Não fui fazer os desejos de papai, eu não queria ficar em um cargo segurado por ele, não queria depender dele, aí eu não fui nem pra Maringá nem pra Paranaíba, eu vim para o Maranhão (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Evidencia, ainda, que esse convite para residir em Imperatriz (MA) surgiu a partir de um “colega da família”, o professor Alberto Milleo Filho, que esteve vinculado ao projeto Rondon e recrutava recentes acadêmicos curitibanos para atuarem como professores em Imperatriz:

Aí um amigo da família, né na época da formatura foi fazer uma visita na turma que ele precisava de uma equipe de acadêmicos e professores para virem fazer uma colônia de férias em Imperatriz no Maranhão. E, eu vim como professor, eu e mais quatro colegas da turma viemos como professor acompanhando um grupo de colegas da faculdade como acadêmicos né para colônia de férias. Era terceira colônia de férias que ele organizava na cidade, professor Alberto Milleo Filho. Eu não sei se você sabe... Em Imperatriz teve um campus avançado da Universidade Federal do Maranhão, projeto RONDON. Algumas universidades do Sul e do Sudeste tinham um campus avançado e algumas cidades do Norte e do Nordeste. Tinha uma Universidade Federal do Paraná que tinha um campus avançado em Imperatriz, funcionou durante dez anos, então todos os meses vinham uma equipe universitária, geralmente entre vinte e cinco e trinta universitários faziam algum trabalho (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

A partir dessa estada em Imperatriz, ele conhece a sua atual esposa, advinda de uma família com muito recurso financeiro, e continua o seu percurso como professor.

A família da minha esposa foi muito rica, como a minha, mas quando a mãe dela morreu, os irmãos sumiram com tudo, ela tinha seis anos quando a mãe dela faleceu. Nós nos conhecemos em 1976, ela era minha chefe na Secretária da Educação lá em Imperatriz. Eu fui professor titular da Faculdade de Educação de Imperatriz nos três cursos. E depois lá em setenta e nove (1979) a FESM, Federação das Escolas Superiores do Maranhão, que hoje é a UEMA, incorporou a Faculdade de Educação de

Imperatriz. Aí eu já tinha saído da Faculdade de Educação de Imperatriz, mas só que meu nome ainda estava ligado para conhecimento dos cursos. Aí em vez de começar todo o processo de novo, eles me chamaram para reassumir a minha cadeira, e me transferiram pra São Luís, eu já estava em São Luís em 79, eu já tinha vindo pra São Luís. Já tinha reconhecimento por falta e professor, eu já tinha pareceres do MEC como professor de ensino superior, então eu acabei sendo titular de três cursos da UEMA aqui, sou titular de três cursos da UEMA (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Ele também trabalhou na Secretária de Esportes e Lazer, na época do Governo de João Castelo, e também lecionou no Liceu Maranhense, nesse mesmo período. Além disso, mantinha amizade com José Ribamar Fiquene, na época, presidente da FESM, que convida Leopoldo para ingressar no quadro de professores da FESM, atualmente UEMA.

Paralelo à docência, atuou em cargos administrativos acadêmicos, foi pró-reitor de pesquisa e ensino do IFMA, também lecionou na mesma instituição, da qual é, atualmente, professor aposentado.

Também foi professor convidado na UFMA, e conforme relatado em entrevista, ele foi um dos fundadores do curso de Turismo na UFMA. Além de ter sido professor na UEMA, entre os anos de 1977 a 1989.

Nota-se que Leopoldo construiu um percurso no âmbito da docência através de oportunidades favoráveis advindas, especialmente, de laços pessoalizados. Tendo em vista que ele ocupou determinados postos, tanto na sua cidade natal como no Maranhão, em razão de sua rede de relações, sobretudo de amizades, já estabelecidas lá e aqui.

A exemplo disso, o convite advindo do então “amigo da família”, Alberto Milleo Filho, para ingressar como jovem professor no Projeto Rondon, em Imperatriz (MA), situação favorável para se distanciar da relação paterna e construir uma carreira profissional longe do Estado de origem. No entanto, consciente ou inconscientemente, ele acaba agindo de forma semelhante a do pai, no sentido de construir uma rede de relações pessoais e também políticas no Maranhão.

Quanto ao ingresso de Leopoldo no Instituto Histórico, ele relata que foi convidado pela professora Thelma Bonifácio Santos Reinaldo, a sua “madrinha” – termo usado por eles para designar os seus proponentes de ingresso na entidade –, e também colega no curso de doutorado, assim como Dilercy Aragão Adler.

No IHGM e na revista da entidade, ele era o editor no formato eletrônico durante a existência da revista online. Assegura que o ingresso no Instituto Histórico foi “única e exclusivamente para fazer a revista do Instituto Histórico”. Segundo ele, Thelma e Dilercy o convidaram somente para isso, e ressalta que não queria ser vinculado como sócio-efetivo.

No entanto, ao conhecer a professora Eneida Canedo, presidente naquela época, ele teria ficado “com pena” dela, em razão de sua idade avançada, e de muitas responsabilidades referentes à gestão. Além disso, Padre Meireles, amigo de Leopoldo, também participava do instituto, e foi quem também teria influenciado a participar na entidade. Assim, esses foram fatores que o motivaram a ingressar no Instituto Histórico:

Dilercy me levou para conversar com a professora Eneida que era Presidente. Aí eu fui conversar com a professora Eneida, aí a professora Eneida quase com 80 anos de idade, sozinha, ninguém para ajudar, passava a tarde inteira lá no Instituto, no terceiro andar, com aquela idade, com aquelas escadas, aí eu fiquei com pena. Aí eu “tá, tudo bem, vou fazer a revista”. Aí o Meireles, o padre Meireles, entrou no Instituto Histórico por convite da professora Eneida, ele era o padre daqui da paróquia do bairro, vinha todo domingo almoçar aqui em casa, meu amigo, e ele me convenceu a participar mais do Instituto Histórico. Aí eu fui para o Instituto com o objetivo de editar a Revista (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

É importante ressaltar que, além do IHGM, Leopoldo também é vinculado à Academia Ludovicense de Letras (ALL). De acordo com ele, esta Academia foi idealizada e fundada por Dilercy Aragão Adler, motivada pelo seu gosto por poesias, como mostrado no trecho seguinte:

Ela foi para o Chile, para um evento chamado Mil poemas para Pablo Neruda. Aí quis fazer a mesma coisa aqui em São Luís. Aí ela, com a minha ajuda, fez Mil Poemas para Gonçalves Dias. Esse livro é o quarto publicado no mundo. Aí, ela queria publicar no periódico do instituto, eu disse “espera lá, isso aqui é Instituto Histórico e Geográfico, não é pra publicar poesia”. Você quer publicar poesia? Vai então pra Academia. Aí na Academia Maranhense você só publica lá se for sócio. E ela não tinha convite de nada. E eu disse que era pra ela fundar então uma academia pra ela publicar as poesias dela. Aí que surge a Academia Ludovicense de Letras. Em São Luís não tinha uma academia de letras. Agora assim, escrever sobre a vida e obra de Gonçalves Dias isso sim é conteúdo de revista do Instituto Histórico. E eu fiquei responsável por essa parte de

Gonçalves Dias, pesquisar sobre a vida dele (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Entre os agentes envolvidos na construção da ALL estão: Dilercy Aragão Adler, Ana Luiza Almeida Ferro, Vavá Mello, Roque Macatrão e Batalha, assim como todos os outros sócios do Instituto Histórico. Eles se organizaram e definiram o melhor momento da fundação da Academia. Além disso, Leopoldo afirma que o projeto de construção da ALL foi apoiado pelo IHGM:

Aí a Ana Luiza Almeida Ferro que também é do Instituto Histórico, disse que o sonho do pai dela é fundar uma academia de São Luís, e que inclusive ele tinha dois artigos sobre isso. Ela me disse que São Luís precisava de uma Academia. Aí ela trouxe os artigos do pai e veio conversar conosco. E o Roque Macatrão, Batalha e o Vavá Mello estavam fundando a Federação das Acadamias de Letras do Maranhão também tinha uma vontade, então todos do Instituto Histórico nos reunimos, sentamos e montamos o projeto da Academia Ludovicense de Letras. Qual a melhor ocasião? Os 400 anos de São Luís, aniversário de Gonçalves Dias e no lançamento do projeto de Gonçalves Dias. Apoiado pelo Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

No periódico eletrônico, ele era o editor. Em entrevista, ele relata que havia interesses na época do editor José Fernandes e que não gostou quando Leopoldo assumiu a revista. Pois José Fernandes possuía uma gráfica e a revista era publicada lá, ele ganhava em cima disso:

Na época o editor da revista era Zé Fernandes, ele já tava com a revista pronta para publicar, mas não tinha dinheiro pra publicar. E eu comentei com ele que existia uma revista eletrônica, assim, assim, tal, tal. O ISSU ainda era a versão beta, não era uma plataforma. (...) Aí em 2008 eu entrei, aí eu disse, “quer saber de uma coisa vou experimentar” o ISSU. Aí o Zé Fernandes não gostou na ideia. O Zé Fernandes tinha interesse, porque? Porque ele tinha uma gráfica, ele publicava na gráfica dele. Mas mesmo assim ele me deu o material da revista, passou pro PDF, fiz a editoração e joguei no ISSU. Tanto que o primeiro número não tem nada assinado por mim. Aí agora eu vou fazer o segundo número, e eu me interessei muito pela revista no ano que eu me aposentei. Eu me comprometi com a professora Eneida que eu ia toda tarde lá para o Instituto ajudar (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Assim, no momento que ele se torna responsável pela editoração da revista *online*, ela novamente torna-se trimestral, algo incomum nas administrações passadas.

Ele também conta que, o IHGM passou por dificuldades financeiras no período que ele estava mais ativo. Pois, a maior parte do quadro de sócios não pagava as suas respectivas mensalidades. Em consequência disso, ele, Eneida e Thelma retiravam de suas finanças particulares para manter o instituto funcionando.

E com o intuito de angariar recursos financeiros, ele salienta que se recorria ao Estado. Contudo, existia uma disputa para a publicação das revistas das entidades de São Luís. Sendo assim, seria necessário estar em uma “panelinha” ou ter influência política para se obter os recursos do governo estadual, pois o Estado “não pagava duas revistas” e o que pesava nesta escolha eram as relações pessoais.

Nesse contexto, houve divergências internas com o vice-presidente da época, o Euges Lima. Conforme diz Leopoldo, ele fez um acordo com o governo de Roseana Sarney, mas Euges Lima se contrapôs a isso com a justificativa de que a Revista era científica. Com isso, Leopoldo e ele entraram em discordância, pois para o agente entrevistado, o periódico era cultural e não científico. E por causa desse conflito, o vice-presidente afasta Leopoldo da direção da Revista, como relatado abaixo:

Eu fiz um acordo com o governo Roseana, só que a Thelma viajou, e o vice-presidente que era o Euges disse que não queria dinheiro nenhum do governo Roseana. Poxa, tinha 450 mil. Duzentos mil que uma das construtoras iria doar para o Instituto, e 250 mil da outra para poder publicar, pra poder fazer tudo. E ele me diz que não ia aceitar dinheiro da Roseana. Ele não deixou, e eu perdi a oportunidade. Aí ele pegou e disse que a Revista tem que ser científica. E eu não concordei por que a revista não é científica, a revista é cultural. Eu não posso pegar, por exemplo, Zé Fernandes que escreve memórias, nunca ele vai fazer um artigo científico com regra de ABNT. O Aymoré tem condição? Tem, mas ele escreve as memórias dele de criança em Pinheiro. Me diz, Karol, como é que eu vou escrever lembranças em cima de normas de ABNT? Nessa história ele me afastou da direção da Revista (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Assegura que Euges Lima “sindicalizou” o Instituto Histórico, pois após a sua saída da função que ele exercia, como Diretor da Revista, ele só conseguiu publicar dois números do periódico. Um deles financiado pelo sindicato e o outro pela UEMA.

Relata, ainda, que em razão dessa “sindicalização” a entidade perdeu credibilidade. Além disso, novos sócios ingressaram ligados ao sindicato que Euges participava e, como ressalta Leopoldo, ele “tirava os velhos” da entidade sob o pretexto de não pagamento de mensalidades para que novos entrassem. Reitera que Euges Lima modificou as regras de admissão de novos membros, devido questões políticas. Dessa forma, Leopoldo finaliza confirmando que por isso, Euges Lima “acabou com o Instituto”, já que muitos se afastaram, incluindo ele:

Tudo o que a gente levou oito anos pra fazer, ter respeitabilidade, pra ter tudo, pro Instituto ser respeitado, pro Instituto ser ouvido, pro Instituto ser tudo, o cara em seis meses destruiu. Aí começou a entrar, entrava seis pessoas de uma vez, todos ligados ao sindicato pra dentro do IHGM. Aí ele tirava os velhos, “ah, fulano não ta pagando? Vamos tirar pra colocar outro”. Ele emprenhava as atas, você ia pra reunião, não tinha proposta nenhuma. Quando você ia ler três meses depois a ata daquela reunião tava lá que fulano foi a prova. Como assim? Eu tenho todos as atas ninguém foi aprovado. Ele meteu seis de uma vez às vésperas de uma eleição. E todos que entraram ficaram logo na diretoria. Aí conseguiram ficar treze pessoas na diretoria e elegeram ele com treze votos. Todo mundo abandonou o Instituto Histórico. O que eu vou fazer lá, né? Ser filial de sindicato e meter pau em governo e coisa e tal? Ele acabou com o Instituto (Entrevista concedida por Leopoldo Gil Dulcio Vaz, 25/09/2019).

Conforme os relatos em entrevista, nota-se que embora houvesse conflitos internos, sobretudo, com o então presidente na época Euges Lima, verifica-se o engajamento ativo do agente em questão na manutenção tanto do periódico, do qual ele era diretor na época, quanto da entidade. Segundo relato, ele “tirou do bolso” para fazer o Instituto Histórico funcionar como também aministrou acordos políticos no governo de Roseana Sarney.

Isso demonstra que, embora ele não quisesse se vincular a entidade, ao longo de suas convivências, em virtude das relações de amizade estabelecidas no instituto, acumulou inspirações que contribuíram na construção de sentidos para a permanência dele junto à entidade. O que deixou de ocorrer quando do “afastamento” por consequência das discordâncias ocorridas.

No que concerne ao exercício da escrita, Leopoldo possui livros publicados e também escreve para jornais de São Luís (MA).

Entre os livros publicados estão: “Manual de Atletismo” (1982); “Ensaio No Tempo: memória (s) do esporte, lazer e educação física no Maranhão” (2009); Criança e Natação (1994); “Psicologia do Esporte” (1990).

Em seus artigos em jornais, nota-se também a prevalência sobre essas temáticas. Em seu currículo lattes há registros de artigos publicados em jornais como *O Imparcial*, o *Estado do Maranhão*. Entre os artigos publicados estão: “A história do Atletismo maranhense”, publicado no Jornal O Imparcial (1991); “Desporto com identidade cultural publicado no Jornal O Estado do Maranhão (1994); “O 1º Campeonato de futebol do Maranhão” publicado no Jornal o Imparcial (2005); “São Luís - francesa ou portuguesa? ”, publicado no Jornal O Imparcial (1999), entre outros.

Assim, as temáticas de seus livros e artigos publicados em jornais são correspondentes ao seu percurso acadêmico e profissional, pois eles tratam, sobretudo, de esporte, cultura do esporte, esporte e lazer, e/ou mesmo sobre a história maranhense e educação.

4.3 INSCRIÇÕES SOCIAIS, POLÍTICAS E CULTURAIS DE JOSÉ MÁRCIO SOARES LEITE

José Márcio Soares Leite nasceu em São Luís (MA), no dia 24 de março de 1949. É filho de Orlando da Silveira Leite e Maria da Conceição Soares Leite. No trecho abaixo, ele descreve acerca de seus progenitores:

Meu pai era Orlando da Silveira Leite, procurador do estado, professor da cadeira de Direito Constitucional da Faculdade de Direito, foi deputado, chefe da Casa Civil (...). E a minha mãe... Ele era da cidade do Brejo, Baixo Parnaíba. E a minha mãe é de Pinheiro, veio para estudar em São Luís, morava na casa de um tio, aí ele a conheceu no Colégio da senhora Zélia Campos, uma educadora do colégio, ensinava Português e lá a conheceu. O professor conhecendo a aluna. É por isso que eu escrevi sobre a biografia dele. Minha mãe era doméstica, mas ela é que era... meu pai, pela própria natureza da atividade, né? Principalmente política. Ela é que ficava tomando conta da gente, botando toda a meninada para estudar (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Quanto aos avós paternos do agente, o avô chamava-se Flávio Borges Leite e ele era comerciante na cidade do Brejo (MA) e a avó, Francisca da Silveira Leite, “falava fluentemente francês”, em razão de seus estudos no colégio de freiras, possuindo, segundo ele, uma “vasta cultura”. Os avós tiveram doze filhos, onze ingressaram e se formaram no curso de Direito e um fez carreira militar, ingressando no Exército e conquistando o título de General.

No relato a seguir, o agente afirma que o seu avô, Flávio Borges Leite, “se meteu na luta política” e, possivelmente, nas disputas entre as duas alas daquela época, os magalhansistas e marcilinistas, e isso gerou o deslocamento de seu avô de Brejo para São Luís:

Porque vovô... Aqui o Maranhão se dividia no fim do século passado entre os magalhansistas, que acompanhavam o governador Magalhães de Almeida que era genro do Dr. Urbano Santos, grande maranhense que também chegou a vice-presidência da República. E a outra ala, a ala marcilinista, que era genro do Dr. Benedito Leite, também governador e senador, essas duas. Tanto os marcilinistas com o Dr. Marcelino e o Vitorino Machado, Dr. Marcelino inclusive é médico e patrono aqui da Academia Maranhense de Medicina que eu sou presidente. Então, o vovô meteu-se na política em razão disso. Lá não era uma política só de bate-papo não, era perseguição mesmo, era política de fechar comércio, loteria, embarcação que entrava pelo rio Parnaíba eles mandavam afundar, até que vovô e vovó pegaram os filhos e partiram com eles do Brejo pra São Luís, essa viagem que durou mais de trinta dias. A ponte nova que hoje é Urbano Santos, daí rumaram pra Morros, até atravessar o rio Una, todo aquele riacho, ali tem muitos rios naquela região. Aí chegaram no [incompreensível], já tinha o trem desde 1921 e alcançaram aqui São Luís. E se empregaram por aí. Meu pai se empregou aqui numa mercearia que tinha aqui chamava Mercearia Neves. Era ele que lavava as garrafinhas que iam ser aproveitadas (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Sobre os avós maternos, José Márcio relata serem pessoas muito simples na cidade de Pinheiro (MA). O avô, Nodilino Jesus Soares, era sapateiro e a avó era doméstica. O casal teve quatro filhos, três homens e uma mulher, e esta era a sua mãe.

Em entrevista, situa que a família Soares é muito grande e que alguns de seus parentes maternos residem em São Luís, e atuam no ramo empresarial e vinculados à política regional:

A família de minha mãe, a família Soares é uma família imensa. Nós temos aqui em São Luís a Maria Izabel, que é dona do Dom Bosco, é a prima dela. Do mesmo tronco familiar, tem a Mirtes Paiva que era mulher do prefeito Maneco Paiva, que foi umas quatro ou cinco vezes prefeito de Pinheiro, era nossa prima. A família é muito grande (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Ainda sobre o círculo familiar, ele expõe as respectivas ocupações dos seis irmãos. Dos irmãos falecidos, cinco exerciam a advocacia. E a única irmã viva é a advogada aposentada Maria Zélia, que atuava como chefe do setor jurídico da Companhia Energética do Maranhão (CEMAR). Somente ele atuava na área médica.

Relativo à esposa, ela estudou no Colégio Santa Teresa, escola particular e tradicional em São Luís. E, atualmente, é professora da UFMA. Formada em Letras e Direito, além de professora universitária, atua como advogada na área do Direito Civil.

Dessa relação, nasceram três filhos. A mais velha, Cristiane, defensora pública, casada com Breno Coutinho, juiz e filho de Nair Portela Coutinho, ex-reitora da UFMA. A segunda filha do casal é Flávia, também formada em Direito, que atua como procuradora de contas do Tribunal de Contas do Estado. De acordo com seu pai, seu primeiro casamento foi com o juiz de direito, Dr. Figueiredo. Mas separou-se e casou-se novamente, desta vez com o médico Dr. Marques, oftalmologista, colega de profissão de José Márcio Soares Leite. O último filho, Márcio, é tabelião de cartório em Pernambuco, também advogado:

Aí em 1968 comecei a namorar a minha atual esposa, fui seu primeiro namorado, ela tinha 15 anos. Ela estava cursando no Colégio Santa Teresa. E aí quando eu terminei o curso no dia 20 de dezembro e no dia 31 de dezembro eu casei e fui pra Brasília fazer a residência médica. Ficamos em Brasília três anos. Fiz dois anos de Clínica Médica e mais um de Nefrologia no Hospital de Base de Brasília. Dessa relação nós temos três filhos. Nós temos a Cristiane, que é a mais velha, ela hoje mora em Roraima, Boa Vista, é defensora pública e casada com um juiz que é o Dr. Breno Coutinho e você com certeza conhece a mãe dele que é a professora Nair, a reitora. A segunda, a Flávia, também Direito. Ela é procuradora de contas do Tribunal de Contas do Estado. No primeiro casamento casou com um juiz de direito, Dr. Figueiredo. Mas ela separou-se e entrou num segundo casamento com um colega nosso, médico, Dr. Marques, oftalmologista. O terceiro é o Márcio, que atualmente é tabelião

de cartório em Pernambuco (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Nota-se, a partir desses relatos, que a origem de José Márcio Soares Leite é marcada por envolvimento político por parte da família paterna e referências destacadas aos avós paternos (melhor situado socialmente). O avô, comerciante, envolvido com a política local, e a avó que, embora morasse no interior do Maranhão, diferenciava-se por ser fluente na língua francesa.

Isso demonstra que a condição financeira da família da avó era privilegiada, tendo em vista que o ingresso em escolas católicas e tradicionais naquela época demonstra certa distinção do grupo familiar. Ao mesmo tempo, no Brasil, durante os séculos XIX e XX, o ensino do francês era obrigatório em determinadas escolas, época em que a língua francesa era considerada “universal”, devido à consolidação da França e de sua função civilizadora (CANDIDO, 1977; PIETRARÓIA & DELLATORRE, 2012).

Além disso, o pai, Orlando da Silveira Leite, participou de domínios políticos e conquistou posições bem alocadas nos segmentos jurídico e acadêmico. José Márcio Soares Leite escreveu e publicou a biografia do seu progenitor, intitulada “A saga de um lutador: do Paranaíba ao Pericumã”.

A respeito da família materna, observa-se que, pela menção aos parentes indicados na entrevista, há também inserção desta em posições bem alocadas na sociedade maranhense, seja pelo viés político ou pela inserção empresarial.

Em relação aos seus filhos, percebe-se que todos sofreram influência dos caminhos percorridos pelo avô paterno, tios paternos ou da própria mãe, também advogada, ou seja, uma família vinculada aos domínios jurídicos. Além disso, há um entrelaçamento desta família com outras famílias semelhantes socialmente, tendo em vista que as filhas de José Márcio Soares Leite se casaram com pares equivalentes, advindos de grupos familiares de extração social próxima.

No que se refere ao percurso escolar e acadêmico, ele assinala que iniciou seus estudos na cidade de Pinheiro (MA) e os concluiu no Instituto Raimundo Cerveira, em São Luís, uma escola privada que tinha como proprietária Zoé Cerveira. Após a passagem por essa escola, ingressou, em 1949, no Colégio Marista, no qual permaneceu até a conclusão da quarta série do ensino básico.

Depois do Marista, ingressou no Liceu Maranhense para iniciar o ensino científico, retornando ao Colégio Marista para concluir o nível médio.

Sobre o ingresso no curso de Medicina e o seu interesse em adentrar na área da saúde, diferente do restante da família que estava vinculada a área jurídica, assinala que ninguém o influenciou e tomou essa “decisão sozinho”, desde a época do ensino médio-científico, pois sempre gostou e teve paixão pela ciência exata, como a matemática; e considerava o Direito muito “dialético”, como pontua a seguir:

Foi nessa época do ensino médio que eu decidi. No Direito todos, a minha família, todos, certo? O primeiro que foi para a Medicina foi eu numa família enorme, não só a própria de casa como na família do meu pai, então lá em casa era uma espécie de um fórum certo? (...) E, aí quando eles estavam lá em casa, os três, com elas mais os genros era só Direito, na casa do meu pai era a mesma coisa. Mas eu sempre discuti com eles que eu achava o direito dialético, a minha paixão era mais pela ciência exata, a matemática. A medicina você tem que ver é: câncer ou, não é? É pneumonia ou, não é? Né? Eu acho graça é quando dizem por aí... Seu fulano... Não são os médicos que dizem, né, mas os leigos... “Seu fulano teve princípio de pneumonia, um princípio de infarto”. Isso não existe! Ou tem, ou não tem, é uma ciência muito exata, né, isso me atraiu pela medicina (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Assim, concluiu o curso de graduação em Medicina pela Universidade Federal do Maranhão, em 1973, e ingressou na residência em Brasília (DF), no Hospital de Base de Brasília, permanecendo três anos no Distrito Federal: dois anos de clínica médica e mais um ano de Nefrologia.

De forma mais detalhada, encontrou-se no currículo lattes de José Márcio Soares Leite⁵¹ que ele iniciou a residência médica em 1974 e concluiu em 1975, na Fundação Hospitalar do Distrito Federal (FHDF). Em 1978, ingressou no curso de Especialização em Saúde Pública pela Fundação Oswaldo Cruz e concluiu em 1980. Também possui aperfeiçoamento em Planejamento de Sistemas Integrados de Saúde pelo Instituto Nacional de Assistência Médica da Previdência Social, concluído em 1987. Em 1993, ingressou no curso de Especialização em Medicina

51 Link do currículo lattes de José Márcio Soares Leite: <http://lattes.cnpq.br/6255338499785352>

do Trabalho pela Universidade São Francisco de Bragança Paulista (USFBP) e concluiu em 1994.

Além dessas especializações, possui o título de mestrado e doutorado. De acordo com o currículo lattes, em 1999, ingressou no curso de Mestrado em Ciências da Saúde e concluiu em 2001, pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), tendo como orientador acadêmico Natalino Salgado Filho, que, além de médico e professor universitário, é seu amigo e sócio efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM). Quanto ao curso de doutorado, em 2006, ingressou em Ciências da Saúde e concluiu pela Universidade de Brasília (UnB), em 2010.

A partir disso, nota-se que, embora seja oriundo de uma cidade do interior do Maranhão, deslocou-se para a capital para estudar em escola privada e pública muito tradicionais do Estado, como o Colégio Marista e o Liceu Maranhense, fatos que evidenciam boa condição financeira da família para que ele ingressasse no curso de medicina da UFMA. Além disso, no seu percurso acadêmico, ingressa no curso de Medicina na Universidade Federal do Maranhão e continua seus estudos em Brasília. Os deslocamentos efetuados indicam recursos econômicos necessários para a conquista de títulos fora do estado.

No que diz respeito às ocupações exercidas por José Márcio Soares Leite, além dos dados recolhidos da entrevista, foi necessário também verificar o currículo lattes do agente. A partir dessas duas fontes, verificou-se que ele foi professor universitário na Universidade Federal do Maranhão (UFMA), desde 1983, e aposentou-se pela instituição em 2014. Durante esses anos vinculado à UFMA, além de professor universitário sempre ligado ao Centro de Ciências Biológicas e da Saúde (CCBS), ministrando aulas para as turmas de medicina, também atuou, entre 2003 a 2006, como diretor adjunto de planejamento do Hospital Universitário Presidente Dutra.

Paralelo à carreira de docência, vinculada ao serviço público federal, José Márcio Leite Soares percorreu outros cargos vinculados às instâncias públicas municipais e estaduais. No governo do Estado do Maranhão, atuou como médico e servidor público de 1974 a 1983. Nesse período, também ocupou o cargo de secretário adjunto de Estado da saúde, de 1979 a 1983, a convite de João Castelo, governador do Maranhão naquele período. Nos anos 2000, ocupou cargos no

governo do Estado do Maranhão, como subsecretário de Estado da Saúde, de 2001 a 2004; foi membro titular do Conselho Estadual de Saúde, de 2003 a 2004; ocupou o cargo de Secretário Adjunto de Regionalização dos Serviços de Saúde, de 2009 a 2010; e, como último registro de cargo ocupado, foi Secretário de Estado da Saúde, entre 2010 e 2011, período em que Roseana Sarney era governadora do Maranhão.

Na década de 1990, ele esteve vinculado à prefeitura municipal de São Luís, ocupando o cargo de Secretário Municipal de Saúde do município, de 1993 a 1996.

Ainda acerca de suas ocupações, embora não descrevesse detalhadamente sua ocupação no Governo do Distrito Federal, assinala, mais uma vez, a sua vinculação às instâncias governamentais, no caso a Secretaria de Saúde:

Estava já há dois anos dando aula na pós-graduação e novamente fui requisitado para duas missões. A primeira, para Secretária de Saúde do Distrito Federal para chefiar a assessoria especial, um desafio grande na área das endemias (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

De acordo com o currículo lattes, ele ocupou cargo de natureza especial no Governo do Distrito Federal, dentro da Secretaria de Saúde, como servidor público, e exercendo atividades diversas, entre as quais estão: Chefe da Assessoria Especial do Gabinete da Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal, em 2015; Membro da Câmara Técnica de Atenção Primária em Saúde, em 2015; Chefe da Assessoria de Gestão Estratégica de Projetos do Gabinete da Secretaria de Estado da Saúde do Distrito Federal, de 2015 a 2016; Coordenador do Grupo de Trabalho Especial (GTE) da Secretaria de Saúde do Distrito Federal (SESDF), em 2016; Integrante do Grupo de Trabalho da Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências Sociais (FEPECS), em 2016; Representante da SESD/DF junto à Fundação de Ensino e Pesquisa em Ciências da Saúde (FEPECS), como integrante da Comissão de Implantação dos Contratos Organizativos de Ação Pública de Ensino-Saúde (COAPES), em 2016.

Nesse período, em Brasília, também atuou na universidade, vinculando-se ao Centro Universitário Euroamericano (UNIEURO), com sede em Brasília, no Distrito Federal, no qual ocupou o cargo de coordenador do curso de Medicina, desde 2016

até o presente momento. Ao lado de outros professores de Brasília, construiu o projeto pedagógico do Curso de Medicina:

Em razão dessa ligação com Brasília, a diretoria do grupo CEUMA me pediu que... O grupo CEUMA tem São Luís, Teresina, tem Brasília e chama Centro Universitário Euro-Americano, Unieuro, e tem a Faculdade Metropolitana da Amazônia que também já era um centro universitário de Belém, todos os cursos da área da saúde, área social e Direito, né que desde 2004 estavam tentando implantar o curso de medicina. E para isso nós fomos pra lá... Um grupo de professores da própria Brasília, nós montamos o projeto pedagógico do curso de medicina, enfim, preenchemos todos os requisitos legais, ele em 2018 em outubro, ele foi avaliado pelo MEC, nos quinze indicadores ele tirou nota máxima em todos os indicadores porque nós tínhamos um prédio só pra medicina com tudo que se tem direito, e atualmente eu sou o coordenador lá do curso de medicina (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

É importante ressaltar que essa instituição, UNIEURO, é vinculada ao UniCEUMA, a primeira universidade particular do Maranhão e a qual José Márcio Soares Leite também é vinculado, desde 2015. Nela, foi professor de mestrado, e, desde 2019, é o coordenador do curso de medicina da instituição, que é propriedade de um dos principais aliados da “família Sarney” no estado, Mauro Fecury.

Como atuante em sua profissão de médico, exerceu-a em hospitais e clínicas médicas. Enfatiza que exerceu a clínica médica apenas durante três anos de seu trajeto profissional e ingressou mais ativamente na gestão e no âmbito do ensino superior.

A partir do que foi descrito, nota-se certa vinculação com figuras políticas no Maranhão, em governos diferentes, e o acúmulo de amizades no meio. Em acordo com os achados de Coradini (2005) sobre a “profissão” médica, nota-se que há uma preponderância desse agente em atividades que não são a medicina clínica. Há uma tendência ao ensino da medicina, como professor universitário (graduação, mestrado, especialização, etc.) e como coordenador do curso de medicina, e principalmente à ocupação de cargos públicos de gestão, como subsecretário ou secretário de saúde, entre outros.

Ele é sócio-efetivo IHGM há vinte anos. Citou o nome de Edomir Martins que o convidou para integrar o instituto, como se observa abaixo:

Não terei como te dizer aqui precisamente, você vai ter que recorrer para o nosso secretário do IHGM, tu sabes onde é? É o Jailton, né? Eu ocupo a cadeira 15 há mais de vinte anos. Eu fui a convite do Dr. Edomir Oliveira que era o presidente na época. O Dr. Edomir é um professor da faculdade de Direito, aposentado já. Ele é muito inteligente, ele que me convidou (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Quando perguntado acerca de sua relação com os demais membros e com as atividades do IHGM, acentua que está ausente em razão do trabalho em Brasília. Salienta, ainda, que o período em que mais se envolveu com a entidade foi naquele em que Edomir Martins de Oliveira era presidente:

Não, eu tenho até que me penitenciar com Instituto Histórico, porque nesse governo passado nós estávamos em Brasília, e agora Brasília de novo, e isso puxa, né. É cansativo. Por isso eu tenho participado pouco das atividades do Instituto. Na época do Edomir eu participava muito, mas agora não. Também participava muito com Nivaldo Macieira no Instituto, que ele era da faculdade de Direito (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Quando perguntado sobre suas publicações na revista do IHGM, acentua que foram poucos artigos no periódico e que escreve no intuito de registrar a história da medicina no Maranhão:

Eu já escrevi na Revista, no máximo, acredito eu, quatro artigos publicados na Revista do Instituto Histórico. E sempre abordando a temática de saúde coletiva, né? Porque isso? Porque olha o hiato de César Augusto Marques em 1870 para 2021, um hiato enorme com as coisas muito espaçadas, exigindo rebuscar que são os candidatos secundários que se chamam em pesquisa, né? Ir para o arquivo público, para pesquisar em Jornais, para dar notícias do Dr. Tarquinio Lopes Filho que Salgado lançou um livro dele, sobre Dr. Tarquinio Lopes Filho. O Dr. Tarquinio foi governador, foi político, e tinha muitas notícias nesses jornais, porque naquela época não se fazia livro. Então eu escrevo sobre saúde coletiva para deixar registrado a história da medicina no Maranhão, para facilitar a busca dos pesquisadores interessados nisso (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Em entrevista, sinaliza que escreve, também, para o periódico da Academia Maranhense de Medicina (AMM), da qual é sócio efetivo e ocupa a presidência. Salaria que está “em falta” com a Revista do Instituto Histórico, demonstrando certa falta de conhecimento sobre a revista impressa e a eletrônica, enfatizando que nunca acessou o portal. Também não soube dizer qual presidente iniciou o desenvolvimento do periódico eletrônico:

Não, eu não conheço. Nunca acessei. Acho que foi o presidente antes do Zé Augusto, né? O Euges desenvolveu muito essa parte cibernética, né (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

No trecho abaixo, expõe a sua perspectiva acerca da Revista Eletrônica do IHGM e enfatiza que a sua geração ainda não se “educou” devidamente para isso, mas que a rede eletrônica proporciona contatos internacionais:

Então são dois ângulos como eu vejo. O ângulo internacional, o nosso site da AML nós respondemos comunicação da França, da Academia Francesa de Medicina, da Academia de Medicina de Roma, há um elo de cadeias nesse ponto. Do ponto de vista interno, acho que essa nossa geração, né. Ainda não se educou nesse sistema virtual, né. Resumindo, dou muita importância a biblioteca virtual, agora nós, no geral, ainda não estamos reeducados para o uso virtual, né (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Não tinha conhecimento das informações acerca dos financiamentos direcionados ao periódico, igualmente, mas enfatizou que, possivelmente, a gestão passa por dificuldades financeiras em relação a recursos, patrocínios, etc.:

Não tenho conhecimento sobre que tipo de recurso a revista recebe, mas posso te assegurar que eles devem ter muitas dificuldades. Porque eu particularmente, todos os meus livros são custeados por mim mesmo. Eu nunca achei nenhum patrocinador para meus livros (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Embora não tenha conhecimentos sobre vários fatores que englobam o periódico, o enaltece afirmando a excelência de seu conteúdo:

Mas eu gostei da nossa Revista do Instituto Histórico, a revista impressa, porque a online eu ainda não consultei, mas a revista impressa, desde o modelo de impressão, as folhas, de tudo, eu gostei, de conteúdo, até onde pude acompanhar é uma excelente revista (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Além disso, quando perguntado a respeito da relevância da Revista IHGM, enaltece o periódico e a entidade, salientando que são fundamentais para o resgate histórico:

Uma resposta para isso, o ontem, o hoje e o sempre. Pois, quando eu lhe disse que eu tive que sair, pesquisar em várias fontes, ouvir depoimentos, etc. Se tivesse publicações sobre o que se passou aqui, quem foram os secretários, o que cada um fez, isso é importantíssimo para o resgate histórico, quais as crises vividas pela saúde? Então, aonde eu vou encontrar isso? Na revista do Instituto Histórico. Eu estou falando para o futuro (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019)

A partir desses relatos, nota-se que a participação do agente vinculado ao IHGM é, em certa medida, insatisfatória, como relatado em entrevista. Isso também se refere à colaboração junto ao periódico e às participações na entidade, pois, embora esteja vinculado há muitos anos à instituição, ele possui apenas 15 artigos publicados, entre os anos de 2002 a 2011.

Quanto à sua atividade de escrita e à participação em veículos midiáticos, José Márcio Soares Leite é autor dos livros “Na Contramão da Doença” (2004); “A Situação do Câncer no Maranhão” (2006) e “A Saga de um Lutador” (2007); “Na Direção da Saúde” (2012); e “A medicina no Maranhão: da Colônia à República” (2018). Da mesma forma, publicou ensaios literários: “Bacelar Portela, o Médico, o Matemático, o Humanista, o Intelectual” e sobre as Academias Maranhense de Medicina e Pinheirense de Letras, Artes e Ciências.

Em 2007, publicou o livro “A Saga de um Lutador”, enaltecendo a biografia de seu genitor:

Sobre a biografia dele eu escrevi “A saga de um lutador”: do Paranaíba – por causa do rio Paranaíba em Brejo – ao Pericumã – que é o rio que banha a cidade de Pinheiro. Tem toda a trajetória dele. E aproveitei para publicar, porque quando ele ingressou na Faculdade de Direito, ele foi

para o concurso defendendo uma tese. E ele era uma pessoa muito, apesar da vastíssima cultura, mas era uma pessoa muito simples (Entrevista concedida por José Márcio Soares Leite, 01/11/2019).

Além dos livros publicados, também escreve para o Jornal do Estado do Maranhão. De acordo com seu currículo lattes, constam mais de setenta artigos publicados nesse jornal e alguns artigos publicados para o Jornal O Imparcial, outro jornal da capital maranhense. Entre os títulos e datas de publicações no Jornal do Estado do Maranhão, há registros de artigos de 1994 a 2019, e os títulos desses artigos possuem uma preponderância da área da saúde, como, por exemplo, “O Médico e a Política” (2019); “Para onde caminha o SUS” (2019); “Um novo médico para o Brasil” (2018); “O SUS sem leitos!” (2018); “Criança cidadã” (1994); “Saúde da Família” (1994); “Privatizar para quem pagar?” (1994).

Mediante isso, percebemos que os temas principais desses artigos (jornais, periódico IHGM) são ligados à área da saúde, entre os títulos publicados na revista estão, “Paradigmas da doença” publicado no periódico nº 26, em 2002; “Judicialização da Saúde” publicado no nº 28, em 2008; “Doenças Crônicas, o desafio deste século” publicado no periódico nº 39, em 2011, entre outros.

Dessa forma, evidencia-se que o um dos principais objetivos de suas produções escritas em certa medida está ligada à promoção da área da saúde, especialmente a medicina, que se torna o foco de seus trabalhos publicados.

CAPÍTULO V – ONDE AS PRÁTICAS ACONTECEM: A DINÂMICA DO IHGM E O PERIÓDICO DE BAIXA CIRCULAÇÃO SOCIAL

O foco deste capítulo recai sobre a análise da dinâmica do universo empírico estudado, no que refere às características deste domínio social, relacionado ao prédio da entidade como referência aos eventos, solenidades, palestras etc. ocorridos nos anos de 2018 e 2019. Para tanto, foram necessários alguns instrumentos metodológicos de pesquisa importantes para alcançar a apreensão dos variados atributos sociais que caracterizam esse espaço. Dentre as abordagens trabalhadas estão a observação, as anotações *in loco* e o diário de campo.

A partir do diário de campo, das anotações *in loco* e das observações, descrevemos as visitas feitas no prédio da entidade, tendo em vista que só foi possível o acesso ao periódico físico a partir da entrada no acervo da Biblioteca que existe no prédio. O mesmo pode ser dito da relação com os *aliados* (BEAUD & WEBER, 2007), que proporcionou boa parte dos contatos com os entrevistados. Além disso, foram observadas as interações desse grupo no que se refere às atividades que giram em torno do instituto, entre as quais estão participações em feiras de livros de São Luís, palestras, lançamento de livros, solenidade de posse, sessões comemorativas, e outros. E, por fim, através dessas ações da entidade, apreender qual o espaço que o periódico ocupa no seio da dinâmica desse Instituto Histórico.

A pesquisa empírica na qual se baseia este trabalho aconteceu na cidade de São Luís do Maranhão, durante os anos de 2018 a janeiro de 2020, e foram efetuadas visitas regulares à sede do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), com tempo de permanência no local de três a cinco horas diárias. Isso foi necessário para o estudo, pois mediante as visitas foi possível observar as dependências da sede, acessar o acervo dos periódicos da entidade, apreender quais atividades eram recorrentes por parte dos envolvidos na manutenção do espaço e, por fim, observar o comportamento e envolvimento dos funcionários e sócios-efetivos com as atividades que a entidade se propõe.

Como o IHGM se apresenta como uma Casa Cultura, um espaço coletivo e aberto ao público, apresentado em suas mídias sociais (blogspot, facebook e instagram) como Casa Cultural Antônio Lopes, não foi necessário pagar nenhum

tipo de tarifa para adentrar o prédio. Mas como toda casa cultural estabelecida em São Luís, o IHGM não é diferente, ele possui um horário de funcionamento fixo e regular, de segunda-feira a sexta-feira, das 13:00 às 18:00 horas, e fica fechado aos finais de semana. Quanto à biblioteca, seu horário de funcionamento se estendia das 14:00 às 18:00 horas. Ou seja, o prédio mantinha suas atividades apenas no período vespertino.

Algo interessante de ser observado é que, embora a entidade se apresente como uma Casa Cultural de São Luís, não é reconhecida pela Secretaria de Estado da Cultura (SECMA) como tal, pois em uma visita na página oficial da secretaria, o IHGM não está presente na lista referida a “Casas de Cultura” pelo site do SECMA⁵². Neste constam na lista trinta lugares intitulados “*Espaços de Cultura e Memória do Maranhão*”, dentre eles estão igrejas, capelas, museus, centros de arte, centro de atividade cultural, como o Ceprama, teatros e bibliotecas.

A descrição abaixo, retirada do site do SECMA, enfatiza a importância desses espaços para a manutenção da cultura maranhense e para o turismo do Estado:

Estruturada para fomentar, divulgar e incentivar a produção cultural e artística do estado, a Secretaria de Cultura do Maranhão mantém sob a sua coordenação espaços cuidadosamente pensados para oferecer uma visão, o mais completa possível, da produção maranhense no campo da sua arte, cultura e história. São museus, teatros, centros de arte e produção artesanal que oferecem, em regime de atividades constantes, oficinas, cursos de pintura e fotografia, festivais de teatro, festas populares. Além, é claro, de exposições e mostras permanentes idealizadas para oferecer ao expectador um amplo cenário da produção dos maranhenses nas suas formas peculiares de criar, de comer, de festejar e sonhar. Mais que um simples passeio, visitar nossas casas de cultura é um mergulho no universo rico das nossas tradições. Espaços que temos o prazer de apresentar, e que você terá mais prazer ainda em conhecer. (Casa de Cultura. SECMA. cSEATI, [s.d.]. Disponível em:<<https://cultura.ma.gov.br/casas-de-cultura/>>)

Ao mesmo tempo, se observa que a SECMA, embora não reconheça o IHGM como uma de suas principais Casas Culturais, o reconhece como “parceiro da Cultura”, como se observa no convite direcionado ao Instituto (Imagem 8).

52 <https://cultura.ma.gov.br/casas-de-cultura/#.XqGmcWhKjIU>



Imagem 8. Convite da BPBL destinado ao IHGM para recebimento de homenagem do "Amigo da Biblioteca"

Este convite faz referência à celebração de 188 anos da Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL), instituição vinculada à SECMA, ocorrida no dia 31 de maio de 2019. Naquela ocasião, a BPBL realizava a 1ª edição do "Amigo da Biblioteca" que visava entregar 27 homenagens a gestores públicos, servidores e ex-servidores, instituições, entre outros. De acordo com site do SECMA, a então diretora, Aline Nascimento, evidenciou a importância dos parceiros na promoção da Cultura no Maranhão:

Sem os parceiros, a biblioteca não conseguiria alcançar os seus objetivos de promover a leitura, formar leitores, valorizar a cultura e preservar e difundir a memória bibliográfica do Maranhão, por isso estamos reconhecendo essas pessoas e instituições que tanto nos ajudam (Aline Nascimento, diretora da BPBL. Biblioteca Pública Benedito Leite celebra 188 anos homenageando parceiros. SECMA. cSEATI,[s.d.].Disponívelem:<<https://cultura.ma.gov.br/2019/05/29/biblioteca-publica-benedito-leite-celebra-188-anos-homenageando-parceiros/#.XqWlsmhKjIU>)

Refletimos, a partir disso, que a SECMA, por ser uma secretaria vinculada ao Estado, de certo modo, atua como uma definidora de representações. Tendo em vista que o Estado autoriza, classifica e divide os setores culturais com o intuito de propagar definições de cultura, costumes, história, etc. Além disso, constrói significados, políticas públicas e reconhece aqueles que se destacam quanto às representações ou visões mais completas do que seria a Cultura Maranhense. O IHGM, se pensado dessa forma, estaria à margem dos demais centros culturais em relação ao peso que o Estado institui e reverencia. No entanto, este não está fora do jogo e das disputas por legitimidade, mas angariando reconhecimento e conquistando posições em um lugar de mais privilégio e prestígio (BOURDIEU, 2011).

Uma amostra disso foi observada durante à 12ª Feira do Livro de São Luís (FeliS), ocorrida no Multicenter Sebrae, no bairro Cohafuma, na capital, entre os dias 16 a 25 de novembro de 2018.

A visita ao *stand* do IHGM ocorreu no dia 22 de novembro, no período vespertino. E, naquele momento, o instituto estava presente com seu stand de livros e seus periódicos à venda. No stand era possível encontrar folders gratuitos que continham informações sobre a missão do IHGM, quadro de sócios-efetivos, fundadores, objetivos, etc. Além disso, era nítida a parceria entre as entidades, IHGM e ALL, pois existia um único stand para as duas entidades, o logotipo do instituto IHGM estava unido ao da Academia Ludovicense de Letras (ALL), o que evidenciava, esforços conjuntos de demarcar espaço em um evento cultural e intelectual na capital. Além de sugerir os mesmos interesses no processo de afirmação, enquanto porta-vozes da cultura, história, etc. (Imagem 9).



Imagem 9. Karolline Garces, 22/11/2018. Stand do IHGM e ALL na 12ª FELIS em São Luís – MA



Imagem 10. Folder do IHGM disponível no Stand IHGM na 12ª FELIS.

Em relação aos livros expostos à venda, majoritariamente eram de autores maranhenses, como Mário Meireles, Edomir Martins de Oliveira, Antônio Guimarães, Antônio Noberto, entre outros. E os livros expostos eram de autores vinculados, primordialmente, ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM) e à Academia Ludovicense de Letras (ALL) ou à Academia Maranhense de Letras (AML).

Quanto aos periódicos disponíveis, o que estava em destaque no stand era o último número lançado, nº 45, que estava à venda no valor de R\$40,00. Outros números estavam disponíveis, no valor de R\$20,00. Os livros na exposição possuíam um valor acima dos periódicos, alguns custavam em torno de R\$40 (quarenta) a R\$50 (cinquenta) reais ou mais, principalmente, os livros que estavam sendo lançados no Café Literário, espaço da FeliS destinado às rodas de conversas, bate-papos e lançamentos de livros.

Por meio da visita ao stand das entidades e, a partir das conversas informais tanto com o funcionário do IHGM quanto às pessoas que circularam por lá, observou-se que este público de visitantes era composto, em sua grande maioria, por estudantes universitários e professores, muitas vezes, estes últimos admiradores da entidade. Além disso, o tempo de permanência do público no stand era breve e a maior parte do tempo ele se encontrava vazio.

No dia 23 de novembro de 2018, o stand foi visitado pelo ex-prefeito de São Luís, *Edivaldo de Holanda Braga Júnior*. Como se observa na Fotografia 2, estão presentes o prefeito de São Luís, ao meio, segurando a obra intitulada “Becos e Telhados”, que reúne 177 capítulos, e conta a História de São Luís desde o século XIX até a reforma da Praia Grande, produzida pelo Professor Antônio Guimarães, membro efetivo do IHGM, também presente na foto, à esquerda; e à direita, de blusa social manga comprida, o atual presidente do IHGM, professor José Augusto Silva Oliveira.



Imagem 11. A. Beta, 2018. Disponível em Agência de Notícias - <http://agenciasaoluis.com.br/>

De acordo com o funcionário presente no stand da entidade, no dia anterior (22) a esta foto, quando questionado da presença do Instituto nesse tipo de evento em São Luís, este informou que desde o início da Feira de Livros (FeliS), o IHGM tem seu espaço cativo.

Acerca da veracidade dessa informação, dada pelo funcionário da entidade, não podemos ter a certeza de que a entidade de fato possua este “espaço cativo” desde o início da Feira de Livros (FeliS), pois seria necessário um levantamento de dados dos stands presentes nas edições passadas à FeliS.

No entanto, o stand de livros do IHGM esteve presente também no ano seguinte, na 13ª FeliS ocorrida em 2019. Como se observa na Fotografia 3, estão presentes Dilercy Aragão Adler, sócia-efetiva do IHGM, à esquerda; o atual presidente do IHGM, professor José Augusto Silva Oliveira, ao lado de Dilercy Adler; Maria Goretti, sócia-efetiva do IHGM; e à direita o vice-presidente do IHGM, Euges Lima.



Imagem 12. Stand do IHGM na 13ª FeliS, 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/ihgm1925>

É importante salientar que muitos representantes do IHGM, ALL e AML também conquistaram um espaço na programação do evento ocorrido em 2018, pois participaram do espaço intitulado Café Literário. Prioritariamente, os encontros, rodas de conversa, bate-papos, palestras envolviam diversas entidades culturais que prestigiavam nomes consagrados da literatura nacional e regional. Além disso, houve lançamentos de livros, um exemplo foi o livro de Antonio Noberto, membro-efetivo do IHGM, intitulado “França Equinocial: uma colonização diferenciada no Brasil setentrional” (Imagem 14).



Imagem 13. Capa do livro de programação

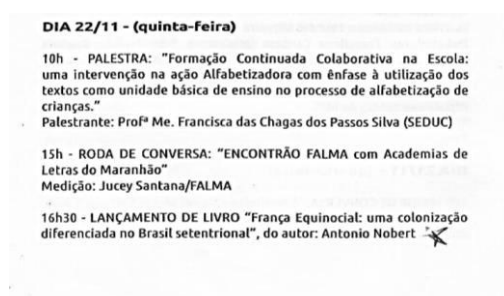


Imagem 14. Programação do dia 22/11/18

Na 13ª FeliS não foi diferente, pois no dia 13 de outubro de 2019, o presidente do IHGM, José Augusto coordenou a palestra intitulada "A saga Histórica dos Escritores maranhenses no cenário nacional", ocorrida no auditório Aluísio Azevedo, como se observa na Imagem 15.



Imagem 15. Palestra intitulada "A saga Histórica dos Escritores maranhenses no cenário nacional" na 13ª FeliS, 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/ihgm1925>

Houve também o lançamento do livro de Cristiano de Lima Vaz Sardinha, empossado como membro do IHGM na cadeira de nº 32, ocorrido no dia 26 de julho de 2019. E, de acordo com o blog do IHGM, a sócia-efetiva da entidade, que propôs o nome dele para o ingresso na entidade, foi Maria Hélia Cruz, sua avó, empossada desde 2012 na cadeira de nº 26. Isso evidencia mais uma vez a preferência por laços familiares e de amizade na estruturação da entidade no que se refere aos novos (as) sócios (as).

Cristiano de Lima Vaz Sardinha, na 13ª FeliS, lançava o livro intitulado “Deus à luz da razão humana” no valor de R\$ 27,00. E disponível para compra no dia 15 de outubro de 2019. Como se observa na Fotografia 5, estão presentes Cristiano Sardinha, à esquerda, e ao seu lado, o vice-presidente do IHGM, Euges Lima – não foi possível identificar o nome do homem à direita vice-presidente –, na ocasião, o autor estava presente para autógrafo dos livros.



Imagem 16. Lançamento do livro de Cristiano de Lima Vaz Sardinha na 13ª FeliS, 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/ihgm1925>

Assim, podemos refletir que a participação dessas entidades culturais e de seus representantes – vinculados às múltiplas inscrições e posições sociais conectados em um espaço intelectualizado e político, e autorizado a falar incansavelmente sobre literatura, cultura, história, política, artes, dentre outros assuntos, que a FeliS apresenta – concretiza o lugar de intelectuais e porta-vozes de causas.

Além disso, a própria Feira do Livro em diferentes anos, homenageia um panteão nacional ou regional e escolhe um tema principal. No caso da 12ª edição, o tema foi intitulado “A Brasilidade na Cultura Contemporânea”, tendo como patrono o maranhense, Graça Aranha. E na 13ª edição, o tema foi “O encontro de grandes escritores e leitores: O Brasil Atemporal na Obra de Aluísio Azevedo”.

Não por acaso, a canonização e celebração de intérpretes e vultos maranhenses fica a cargo, também, de instituições legítimas do Estado, considerando que a 12ª Feira do Livro de São Luís foi promovida pela Prefeitura de

São Luís, as Secretarias de Cultura (Secult) e educação (Semed), bem como entidades privadas, como o Serviço Social do Comércio (Sesc) e o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae), que possuem interesses diversos em construir e valorizar a identidade e cultura regional.

Dessa forma, essas instituições, constituídas por determinados agentes, que estão sob o guarda-chuva do Estado impõem uma visão legítima, *um ponto de vista oficial* sobre o que é cultura, identidade, costumes e tradição no Maranhão (BOURDIEU, 2002).

Outro exemplo das atividades exercidas por alguns dos sócios-efetivos está ligado às sessões comemorativas e solenes que a entidade realiza. No mesmo período que acontecia a 12ª FeliS, no dia 24 de novembro de 2018, o IHGM comemorava uma sessão magna aos 93 anos de fundação do instituto.

Na mesma ocasião houve uma palestra intitulada “O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e a Memória da Balaiada”, tendo como palestrante a Prof.^a Dra. Sandra Regina, vinculada ao Departamento de História e Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, a convite do Presidente José Augusto Silva Oliveira para compor a mesa.

Este evento aconteceu em um espaço chamado “Espaço Cultural” da Livraria AMEI, auditório localizado no shopping São Luís. A mesa foi composta pelo presidente do IHGM, José Augusto, pelo Dr. Diogo Guagliardo Neves, membro-efetivo do IHGM e coordenador da mesa, por Antônio Noberto, presidente da ALL e membro efetivo do IHGM e, por fim, pela Prof.^a Dra. Sandra Regina, palestrante convidada. Como se observa no trecho retirado do diário de campo:

Dando início a sessão, o atual presidente do IHGM, José Augusto Silva Oliveira, saúda a todos (as) presentes, elenca os objetivos do instituto, sua missão enquanto presidente, e sobretudo, felicita e elogia os confrades e confeitras presentes. Reforçando a importância do IHGM para o Estado nos 93 anos de instituto. Após isso, convida para se juntar à mesa Antonio Noberto, membro do IHGM e presidente da ALL. Noberto toma a palavra e agradece ao presidente do IHGM e comenta que todos os componentes da ALL são do IHGM e vice-versa. Além disso, Antonio Noberto elogia os novos membros do IHGM presentes na sessão, sem falar seus nomes, e também elogia o trabalho que o presidente vem construindo ao longo de sua gestão. Após isso, o presidente convida Diogo Gualharo Neves a se juntar a mesa. Diogo agradece e pede que os dois voltem para os seus lugares para iniciar os trabalhos da mesa. Ele inicia a mesa evidenciando o currículo da professora convidada, reforça mais uma vez a missão do IHGM e a luta dos membros da entidade para com a difusão da história e cultura maranhense. Após isso, ele convida a professora doutora Sandra Regina a compor a mesa para dar início a palestra (Trecho do diário de campo

escrito pela autora Karolline Cristine Reis Garces no dia 24 de novembro de 2018).

Esse trecho nos faz pensar que a entidade reforça a sua existência, encampa a sua posição enquanto porta-voz da cultura e história regional e, também, refina a sua *coesão interna* (QUINTELLA, 1984), enquanto grupo. Além disso, como evidencia Wagner (2008), os repetitivos rituais são marca registrada dessas entidades, dado que essas solenidades são palco de elogios direcionados ao presidente, aos demais confrades e congreiras, como também de demonstrações de parceria entre eles. Esses são artifícios comuns já observados em outras ocasiões.



Imagem 17. Karolline Garces, 24/11/2018. Sessão Magana realizada na Livraria AMEI em São Luís – MA. Na foto estão o público da palestra, a Prof.^a Dra. Sandra Regina, vinculada ao Departamento de História e Geografia da UEMA, à esquerda, e o coordenador da mesa, Dr. Diogo Neves, à direita.



Imagem 18. Certificado recebido após a conclusão da sessão magna comemorativa dos 93 anos de fundação e da palestra intitulada "O IHGM e a Memória da Balaiada", realizadas no dia 24 de novembro de 2018

Além disso, nessa ocasião a Prof.^a Dra. Sandra Regina inicia a palestra, evidenciando que seu título, "O Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão e a Memória da Balaiada", tem o intuito de referenciar os intelectuais maranhenses vinculados ao IHGM que abordaram a Balaiada em diferentes períodos históricos e publicaram artigos, sobretudo na Revista IHGM, e livros sobre esse fato histórico, vinculado ao Maranhão.

Ela também os indica como os autores clássicos do estudo da Balaiada, isto é, para compreender esse evento histórico no Maranhão é necessário estudá-los e tê-los como referência. Entre os nomes referenciados estão: Ribeiro do Amaral e Astolfo Henrique de Barros *Serra*, ambos patronos de cadeiras do IHGM.

Isso converge com o que Almeida (2008) evidencia acerca dos patronos e clássicos, pois estes intérpretes da historiografia maranhense instituíram uma visão legítima acerca do Maranhão e isso é reverberado até hoje, como assinala o autor:

O padrão de explicação que os mencionados *patronos* e *clássicos* articulam institui, assim, uma modalidade tida como legítima para se pensar o Maranhão transcendendo o tempo em que foi elaborado e se mantendo contemporaneamente nos meandros do pensamento erudito a nível regional (ALMEIDA, 2008, p.58.).

No ano seguinte, em 20 de novembro de 2019, houve a Sessão Magna comemorativa dos 94 anos de fundação do IHGM, como se observa no convite (Imagem 19). Fui convidada para esta solenidade, no entanto, em razão de determinadas adversidades ocorridas, não pude comparecer. Porém, a partir de uma conversa com o “bibliotecário”, que esteve presente na sessão magna, foi constatado que diferente da anterior não houve palestra. Todavia, o presidente celebrou através dos ritos tradicionais de elogios e tributo aos patronos, e enfatizou a importância do IHGM para a sociedade maranhense e, conjuntamente, com as confradeiras e confrades presentes a fundação da entidade celebrou os 94 anos.

Das informações recolhidas com o funcionário na entidade, o perfil dessa sessão magna foi mais festivo, pois havia à disposição dos convidados música ao vivo, comidas e bebidas, além do caráter de sociabilidade, levando em consideração que as famílias dos sócios-efetivos e amigos também estavam presentes e dispostos nas mesas, cada qual com a marcação específica do confrade e confradeira, e respectivas famílias.

Embora o convite fosse destinado ao público em geral, tendo em vista que o convite foi publicado no perfil social do *Instagram* da entidade, para adentrar no evento era necessário possuir uma senha e trajar determinado tipo de roupa. Nesta ocasião, o evento ocorreu no salão de festas do Hotel Blue Tree Towers, localizado no Calhau, em São Luís.



Imagem 19. Convite da Sessão Magna Comemorativa dos 94 anos de fundação do IHGM, 2019.

Outro exemplo desse tipo de solenidade está ligado ao Dia do Historiador. A Imagem 20 faz referência a um convite direcionado ao público em geral e organizado pelo IHGM, pelo Dia Nacional do Historiador.



Imagem 20. Convite da Sessão Comemorativa do Dia do Historiador

Naquela ocasião, a sessão comemorativa ocorreu no Auditório do Liceu Maranhense, localizado no Centro, no dia 22 de agosto de 2019.

A entidade participava do projeto História Viva, e naquele momento, ocorreu em uma roda de conversa “Os 40 anos da greve da meia passagem na voz de três de seus protagonistas”, que tinha como coordenador de mesa o professor e sócio-efetivo do IHGM, Iran de Jesus Rodrigues dos Passos. Esta foi composta por Agenor Gomes, Juiz de Direito; Renato Dionísio de Oliveira, Historiador; Raimundo Marques Vieira, Filósofo; e, por fim, o presidente do IHGM. Os convidados ligados a um fato histórico referente ao movimento estudantil no Estado, no qual estes eram importantes protagonistas, na época do movimento, como se observa da Imagem 21 e Imagem 22. Ao final da sessão comemorativa foi destinado aos convidados e familiares um *coffee break*, no qual se observou a socialização dos convidados participantes da mesa.



Imagem 21. Sessão comemorativa intitulada “40 anos da greve da meia passagem na voz de três de seus protagonistas ocorrida no Auditório do Liceu Maranhense, 22 de agosto de 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/ihgm1925>



Imagem 22. O presidente José Augusto dando início à sessão comemorativa intitulada “40 anos da greve da meia passagem na voz de três de seus protagonistas ocorrida no Auditório do Liceu Maranhense, 22 de agosto de 2019. Disponível em <https://www.instagram.com/ihgm1925>

É notório, diante desses dois exemplos, da sessão magna os 93 anos de fundação o instituto e do Dia Nacional do Historiador, que as solenidades comemorativas têm o intuito de, além de cumprir com as finalidades estatutárias do estatuto, conferir reconhecimento aos membros do IHGM como fomentadores e intérpretes da História do Maranhão, pois constroem os palcos de mediação sobre a História, sobretudo a regional. Além de reunir determinadas autoridades, na condição de especialistas do saber legítimo, a conduzir discussões sobre determinados aspectos regionais e impõe, dessa forma, uma visão sobre determinado registro histórico ou cultural (REIS, 2017 apud SILVERMAN, 1977).

No que se refere ao primeiro contato com o funcionário representante do IHGM é importante situar que este só foi possível através da visita à Feira do Livro em 2018, que proporcionou maior proximidade da dinâmica do universo em questão.

Nas acepções de Beaud e Weber (2007) acerca das pesquisas que são vistas, por um determinado grupo ou entidade, como oportunas para a promoção, reconhecimento e valorização de suas atividades, o acesso aos seus espaços torna-se mais fácil, mais acolhedor, como os autores sinalizam:

Certos meios irão acolhê-lo de braços abertos porque sua pesquisa será vista como capaz de legitimar ou valorizar sua existência e suas atividades (...) seu trabalho será uma ferramenta possível de promoção da associação ou do grupo. Nesse caso, a largada é imediata, muito fácil; você será acolhido de braços abertos, as portas se lhe abrem, escancaradas, etc. (BEAUD E WEBER, 2007, p. 80.).

Esse fato foi constatado nesta pesquisa empírica, pois em muitos momentos, por meio de uma simples apresentação sobre a natureza da pesquisa ou de qual instituição a pesquisa estava vinculada, foi possível obter, em primeiro momento, informações privilegiadas. Um exemplo disso, está ligado ao funcionário que trabalhava no stand do IHGM.

Segundo as informações recolhidas, ele era aluno de graduação do curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão, sobrinho do vice-presidente do IHGM, Euges Lima e atuava no Instituto como uma espécie de bibliotecário, embora este não fosse bibliotecário por formação, era responsável pelo acervo da Biblioteca do IHGM. Pode-se pensar, a partir disso, que prevalece no interior da dinâmica da entidade os laços de apadrinhamento, sejam eles de natureza familiar ou política.

A partir desse primeiro contato informal foi agendada uma visita à sede do Instituto. Embora o IHGM se apresente como um espaço “aberto ao público”, o contato feito anteriormente engendrou uma entrada na sede de uma forma mais autorizada e facilitada, pois o contato com alguém de dentro da entidade auxiliou nas relações posteriores.

Além disso, em relação aos agentes entrevistados, muitos contatos foram captados por intermédio dos funcionários, da secretaria do IHGM, bem como a partir dos próprios agentes que foram sendo entrevistados ao longo da pesquisa, ou seja, a condução do trabalho de campo foi positiva através das conexões feitas no prédio da entidade e da convivência com os funcionários.

No que se refere à sede do IHGM, o prédio possuía problemas físicos e sua localização não proporcionava o reconhecimento do público, algo cobiçado pela diretoria da entidade. A seguir, um trecho do diário de campo evidencia essa questão:

A primeira visita ao instituto não foi fácil. Não sabia muito bem onde encontrar o IHGM no endereço que o João (bibliotecário) me repassou. Tive que perguntar pra algumas pessoas que estavam em frente às lojas americanas se conheciam onde ficava essa rua. Nenhuma deles soube me responder. Mas tinha uma senhora que explicou que a rua de Santa Rita praticamente era dominada pelos camelôs e que se o endereço estava correto, a rua de santa rita ficava ao lado das Lojas Americanas. Chegando nessa rua que parecia mais um beco com vários buracos tive que pedir informação com um dos camelôs. O primeiro nunca tinha ouvido falar no IHGM, mas uma senhora apontou a direção. À primeira vista parecia um prédio comprometido, com uma pintura antiga, sem

sinalização, e a porta praticamente fechada, mas entrei mesmo assim e pra minha surpresa não encontrei ninguém recepcionando a entrada (...). (Diário de campo escrito pela autora Karolline Cristine Reis Garces no dia 4 de abril de 2019).

Esse trecho possibilita algumas reflexões a respeito das condições que a entidade se apresenta e a falta de patrocínio ao instituto e até mesmo a ausência de assistência do Governo do Estado. Se comparado às outras Casas Culturais de São Luís, também alocadas no Centro, e abertas à visita do público, o IHGM aparenta certo abandono, não apenas em relação ao prédio, mas à ausência de uma recepção, pois, em todas as visitas realizadas durante o período de um ano ao IHGM, o portão do prédio sempre estava entreaberto e nunca havia alguém de prontidão para receber o público.

Durante esse período, constatou-se que só existiam dois funcionários exercendo atividades administrativas na sede e ambos com cargos diferentes. O primeiro era responsável pela secretaria e o segundo, responsável pelo acervo documental da biblioteca. No entanto, era comum a troca destes cargos entre eles quando um dos funcionários não estava presente na sede.

Dessa forma, o Instituto, se pensado como uma *instituição* aos moldes de Weber (2004), não seria suficiente para contemplar toda a dinâmica dessa entidade. Pois, embora considerado em muitos espaços sociais como uma “instituição tradicional” do Estado, não possui parâmetros característicos de uma instituição na acepção weberiana. A exemplo disso, está o recrutamento dos funcionários que constituem o quadro administrativo dessa entidade, pois o que pesa no recrutamento desses funcionários não são as suas competências técnicas/especializadas a partir de um diploma, por exemplo, mas, sim, trata-se de uma escolha vinculada às razões de caráter pessoal. Mesmo que o instituto possua uma secretaria, um quadro de diretoria, um presidente, a entidade conflui muito com relações de parentelas. Logo, colocar o instituto dentro de uma denominação de *instituição weberiana* seria equivocado, quando este mais se aproxima, e com diferenças, de uma *organização partidária* (Weber, 2004).

Assim, de acordo com Grill e Seidl (2013), é necessário olhar para essas dinâmicas sociais, em que há uma baixa institucionalização e, até mesmo, ausência delas, como um espaço em que possuem barreiras flutuantes, práticas simbólicas

diversas, parentelas políticas e intervenções majoritariamente pessoalizadas. Como grifam ambos os autores:

Em tais espaços *híbridos*, a inexistência de um processo de autonomização e relativa diferenciação entre as diversas esferas sociais, com suas regras de funcionamento, *éthos* e princípios de hierarquização próprios, delinea contornos altamente fluidos e de uma esfera política que tende a ser atravessada por múltiplas lógicas ou racionalidades (GRILL e SEIDL, 2013, p. 13).

Além disso, foi possível observar nas visitas regulares à entidade que a circulação de pessoas era escassa, tanto dos próprios sócios-efetivos quanto de eventuais pesquisadores da história, geografia, e demais públicos.

Destaca-se que durante o período de um ano de pesquisa e visitas recorrentes à sede do IHGM, constatou-se a presença do presidente, José Augusto, nas dependências do prédio uma única vez. Nesta ocasião, o “bibliotecário” apresentou-me para o presidente e brevemente conversamos.

Este por sua vez ficou entusiasmado com a presença de uma jovem pesquisadora e interessada na Revista da entidade, e disponibilizou o seu contato para que eu pudesse perguntar eventuais dúvidas. Conquanto, o mesmo sempre estava muito ocupado para conceder uma entrevista.

Em relação ao vice-presidente, Euges Lima, semelhante ao presidente pude constatar a presença dele nas dependências do prédio também apenas uma vez. Da mesma forma, o “bibliotecário” apresentou-me para ele e ao contrário do presidente que brevemente conversou, Euges Lima conduziu-me pelas salas, salões, biblioteca da entidade. Esse *tour*, quase que turístico pela sede, durou em torno de trinta minutos, e o entusiasmo do vice-presidente ao falar do IHGM era evidente. Ao final do *tour*, sinalizou ao “bibliotecário” que eu poderia acessar todo o material do acervo bibliográfico e documental presente na entidade e, caso fosse preciso, poderia levar o material para pesquisar em casa. Também me presenteou com o periódico nº 45 e vários jornais que continham os seus artigos publicados, em especial, sobre a história do IHGM.

No que corresponde aos demais sócios-efetivos, em nenhum momento verifiquei a presença dos mesmos no dia a dia das atividades da sede do Instituto.

Embora a sede possua um salão com a finalidade de realizar as solenidades comemorativas, assembleias, palestras, entre outras atividades; segundo os funcionários, ela era pouco utilizada devido à localização do prédio, haja vista que grande parte de sócios é composta por pessoas idosas com pouca mobilidade.

Das informações recolhidas quanto à essa questão, a maior parte dos encontros aconteciam em outros espaços, como já observado ao longo do trabalho de campo, como a Livraria AMEI, localizada no shopping São Luís, conhecida por ser um lugar em que determinados autores maranhenses independentes se reúnem para lançamentos de livros, fazem eventos literários com mediações em mesas redondas, produzem palestras, bate-papos, entre outros. O outro lugar também preferido para esses encontros é o *Empório Casa Real*, um café localizado no Centro da cidade, tendo como proprietário um dos sócios-efetivos do IHGM, o Dr. Diogo Neves⁵³.

Ademais, em relação ao acervo bibliográfico e documental da sede, muito se assemelha ao certo descaso do prédio como um todo. Embora houvesse um “bibliotecário”, em nenhum momento foi necessário assinar um livro de visitas e tampouco observou-se rigor com a entrada de bolsas, canetas, papéis, etc. Também não havia guarda-volumes no local.

Esses aspectos são singulares, se comparados às outras instâncias de pesquisas dispostas pela cidade de São Luís, pois estas possuem certo rigor adotado quanto ao acesso aos seus acervos, como no Arquivo Público do Estado e na Biblioteca Pública Benedito Leite.

Em relação ao acesso aos periódicos, igualmente não foram observados mecanismos de organização que ofereçam segurança quanto ao acesso, todas as revistas impressas estavam acessíveis a consultas somente no âmbito da biblioteca. No entanto, o acervo considerado raro, referente aos primeiros números do periódico, não era levado à risca as regras que conduzem a preservação e conservação desse tipo de documento.

⁵³ É bacharel em Direito pela Universidade Ceuma (2005) e bacharel em História pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2005). Advogado (2006). Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2010). Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Maranhão - UFMA (2016). Sócio-efetivo do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (2018).

Quanto à biblioteca, o local não era adequado, por não possuir a estrutura necessária, considerando que não haviam aparelhos de ar-condicionado tão pouco ventiladores, e a ventilação que circulava na sala se fazia através apenas das janelas abertas dispostas no prédio, além do cheiro de mofo constante que para muitos tornava-se uma barreira para manter-se no local de pesquisa.

Além disso, no andar que se localizava a biblioteca também havia uma sala museológica intitulada “*Sala Museológica Professora Eneida Canedo*”, em homenagem à falecida ex-presidente e sócia-efetiva do IHGM. Nessa sala, havia um acervo de livros de José Ribamar Caldeira, falecido em 2003, doado pela família do sociólogo para a entidade.

Dessa forma, o que se observou a partir disso é que a circulação desta revista é mais expressiva nas feiras de livros que acontecem uma vez ao ano na capital do que em qualquer outro local. Apenas constatou-se que o último número do periódico, nº 45, estava à venda na Livraria AMEI em São Luís, que se mostrou parceira da entidade em vários momentos. Os demais números são encontrados exclusivamente na biblioteca da entidade e alguns números estão disponíveis para pesquisa no *Arquivo Público* do Estado do *Maranhão* (APEM) e na Biblioteca Pública Benedito Leite (BPBL).

Nos eventos solenes, nas festividades ou palestras assistidas, não se via a presença dos periódicos em stands e/ou compondo as mesas de apresentações, ou até mesmo à venda. Somente, na solenidade comemorativa de 93 anos de fundação o periódico foi assinalado no contexto da palestra da professora doutora Sandra Regina. Fora disso, o que se percebe é a ausência do periódico simbolicamente e fisicamente, como se existisse apenas para consulta no acervo bibliográfico.

Diante disso, observa-se alguns aspectos acerca desse tipo de periódico produzido pela entidade. O primeiro refere-se à finalidade estatutária que ele possui, o caráter de obrigação, pois está ligado a uma tradição interna desse grupo, que vem desde seus fundadores, àqueles que a sustentavam, tanto simbolicamente quanto materialmente, a entidade e o periódico. E, embora, exista a ausência de publicações durante alguns anos, como sinalizado nos primeiros capítulos, verifica-se que havia um esforço de manutenção do periódico, principalmente, por parte da diretoria do instituto, em conquistar recursos, patrocínios e parcerias para a

manutenção necessária da sede e da revista. E isso conflui com a crença na preservação dessa entidade.

O segundo aspecto está ligado ao periódico em desempenhar um papel de divulgação do trabalho intelectual de seus membros, embora eles impulsionem e exponham o periódico para que ele alcance outros públicos, como é o exemplo da Feira do Livro em São Luís (FeliS) o que prevalece é a difusão dessa revista dentro do próprio grupo, ou seja, há uma predominância da disseminação da revista entre eles mesmos, uma circulação intimista, isto é, somente entre os seus pares, os seus familiares e amigos.

Além disso, como verificado, as temáticas presentes no periódico não abordam apenas temas relacionados à história e geografia, os quais o IHGM carrega o título, mas a outras temáticas de artigos que se referem aos *gostos e preferências* pessoais de seus sócios-efetivos, do que efetivamente artigos científicos destinados a tratar sobre os temas principais que norteiam a entidade. Evidenciando a condição do periódico regido por elementos culturais mais do que componentes científicos.

Entre as temáticas presentes, como observado, contém artigos sobre literatura, educação, religião, ciências médicas, esporte, entre outros; bem como homenagens e discursos de posses, marca registrada da tradição de elogios, reconhecimentos ou tributos deste tipo de entidade cultural.

Logo, à vista disso, notamos que esse tipo de periódico vinculado às entidades culturais que, embora tenha baixa circulação em espaços sociais mais plurais, evidencia o que Quintella (1984) norteia acerca da *autoculturação* considerando que isso é uma característica evidente nesses tipos de entidades culturais, que conduzem uma dinâmica endógena, ou seja, “voltam-se para si mesmas” (QUINTELLA, 1984, p.116.).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo dessa dissertação pretendeu-se ampliar a discussão sobre os intérpretes e notáveis regionais que se empenharam em construir representações acerca dos “panteões” e da “história” e “cultura” maranhenses e que ocupam ou ocuparam postos de relevo em diferentes domínios sociais.

No caso explanado neste trabalho, buscou-se objetivar o periódico centenário elaborado pelos titulares do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão que também se tornou a fonte de grande parcela dos dados apresentados no decurso da pesquisa.

Dessa forma, através da investigação acerca desse empreendimento, o estudo demonstrou as especificidades do processo de constituição de uma revista vinculada ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão desde o século XX até a atualidade, por intermédio da análise dos 45 números publicados. Procurou-se, então, revelar a dinâmica de investimentos, alianças e rivalidades empreendidos por agentes que se dedicaram à manutenção da entidade e da revista.

Conforme a exposição do primeiro capítulo verifica-se que a entidade foi desenvolvida por um grupo de agentes interessados em fundar uma associação voltada à produção, debate e divulgação de questões sobre História, Geografia e afins, referente ao Brasil e, sobretudo, ao Maranhão. Nesse contexto, produziu-se uma revista com objetivos específicos pautados no Estatuto da entidade que priorizavam inicialmente edificar uma representação oficial do Estado.

Importante ressaltar ainda que o exame demonstra que o interesse dos agentes nessas questões oficiais era inspirado no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB), unidade nacional importada de instituições europeias e estabelecida no Brasil em 1838, constituída pela elite brasileira daquele período com o propósito de instituir interpretações sobre a historiografia brasileira, produzir mitos nacionais e difundir os seus moldes para outras regiões brasileiras.

Nessa perspectiva, percebe-se que o início do periódico examinado, referente ao primeiro e segundo números publicados respectivamente em 1926 e 1948, compõe-se de produções que privilegiavam temáticas vinculadas às questões mais tradicionais, no sentido de construir as fronteiras do Estado, aludindo aos temas

principais (História e Geografia) que na época eram urgentes serem estabelecidos com o propósito de arquitetar uma identidade regional acerca do Maranhão.

No entanto, a prevalência das temáticas começa a se diferenciar temporalmente conforme apresentado nos números - n.º 3, n.º 4 e n.º 5 - publicados na década de 1950. Neste período, nota-se que há mudanças significativas no que tange à emergência de questões relativas à “cultura geral”, “cultura popular”, questões étnicas e raciais, bem como a atuação de novas gestões responsáveis pelo andamento das atividades da entidade.

É importante ressaltar que essas mudanças ocorridas também são consequências das modificações do contexto sócio histórico e da transformação da própria entidade, no sentido de captação de novos agentes para compor o quadro de titulares no Instituto Histórico. Pois, como foi demonstrado, a primeira geração, constituída pelos fundadores, formava-se majoritariamente por homens vinculados à Academia Maranhense de Letras (AML), protagonistas-fundadores de outras entidades como a Faculdade de Direito de São Luís, alocados em cargos de relevo em órgãos oficiais do Estado, envolvidos com o cenário jornalístico e político, e advindos de ofícios mais tradicionais, como o sacerdócio, a docência, o Direito e a Medicina. Enquanto a geração da década de 1950 era organizada por um quadro mais diversificado e, embora houvesse uma manutenção de atributos semelhantes entre os sócios efetivos, verifica-se a presença de figuras distintas, como Domingos Vieira Filho, o responsável pela “institucionalização” da “cultura popular maranhense”, e por incluir esta temática no periódico.

Ademais, nesse contexto aparecem os discursos de posse, os elogios, as produções honoríficas, entre outros. Um exemplo disso é a homenagem póstuma de Vieira Filho à Antônio Lopes, no qual Vieira enaltece Lopes como um importante intelectual maranhense.

No segundo capítulo, tratamos de sublinhar o perfil do periódico nas décadas de 1980 e 1990, ressaltando as novidades no *script* de produções, das temáticas, e também em relação aos titulares e às gestões que passaram a responder pelo IHGM.

Nessa fase, os elogios verificados na década anterior se destacam muito mais, e notamos que isso torna-se uma prática de consolidação e afirmação de laços bem como parcerias. Um exemplo disso ocorreu no período da gestão de

Seguins, com destaque às parcerias estabelecidas com o governo do Estado do Maranhão e com o diretor do Serviço de Imprensa e Obras Gráficas do Estado (*SIOGE*) que contribuíram para a publicação do periódico e, conseqüentemente, serviu como uma ponte para a entrada destes agentes no quadro de titulares do IHGM a convite do então presidente da época, o que resultou em uma solenidade de posse e elogios dos confrades bem como da manutenção desta parceria por alguns anos. Essas modalidades de parcerias foram verificadas em boa parte das fases do periódico, como foi evidenciado na década de 1990 e no século XXI.

Percebe-se também que isso é reformatado conforme a transição de uma gestão para outra, pois o presidente da entidade torna-se uma liderança, no sentido de captar patrocínios para o funcionamento da entidade, e o que reflete também na publicação do periódico. Ou seja, o reconhecimento social do presidente torna-se relevante nessa perspectiva porque ele (a) é o (a) responsável por estabelecer e cuidar das alianças estratégicas, dos laços de amizade e manter o apoio/respeito dos seus confrades, bem como de grupos políticos dominantes, resultando em oportunidades e benefícios à entidade.

Por sua vez, no terceiro capítulo é analisado o período que abrange o século XXI. Logo, abarcando até o último número publicado em 2017. Neste ponto, verificamos alguns aspectos importantes para a condução dessa reflexão.

O primeiro aspecto está ligado às modificações acerca das questões da História e Geografia antes usadas como definição de fronteiras regionais erguida pelos fundadores. Tendo em vista que tanto nas fases anteriores, de 1980 e 1990, quanto nos anos 2000, percebeu-se que os discursos de posses e de recepção de novos membros que são publicados no periódico ganham relevo - o que conflui como valorização de membros ou mesmo sedimentação dos laços, distinguindo quem ingressa e quem recebe. Quer dizer, nota-se pelo perfil de revista que ela se transforma cada vez mais em mecanismo de aferição de excelência social.

O segundo aspecto condiz com o deslocamento dos usos referentes às questões da historiografia maranhense antes usadas como edificadores de uma identidade regional, convertendo-se, agora, em uma afirmação erudita ou intelectual para os agentes que portam títulos acadêmicos e debatem essas questões nos espaços de reconhecimento social.

Nessa linha de pensamento, dando continuidade à fase do periódico no século XXI, notamos outros fatores importantes e que se diferem dos períodos passados. Entre esses fatores estão: a presidência da entidade representada pela primeira vez por uma mulher; novas temáticas que surgem com a entrada de mulheres protagonistas para o quadro de titulares; e a produção da revista eletrônica.

Esses elementos são relevantes porque demonstram o processo desse empreendimento e o esforço de manutenção do periódico por parte dos protagonistas vinculados à entidade, apesar dos obstáculos financeiros.

Independentemente de todas as adversidades e obstáculos para a produção do periódico, além dos lapsos de ausência da revista em diferentes fases, identifica-se que há protagonistas que validam um sentido para a revista e se empenham na veiculação da mesma. Muitas vezes mobilizando finanças próprias para o funcionamento da entidade e seu periódico. Isso demonstra o perfil de engajamento ativo desses agentes em inscrever-se em uma instituição que consideram positivamente como “tradicional”, do ponto de vista social e intelectual; o que os move e motiva.

Isso é verificado no quarto e quinto capítulos deste trabalho, em que destacamos as entrevistas realizadas com alguns integrantes do quadro de protagonistas do século XXI. O que se constatou é que alguns deles dedicaram-se à produção da revista eletrônica. No quinto capítulo demonstramos a dinâmica das práticas dos agentes mais envolvidos com a produção de solenidades, palestras, Feira do Livro de São Luís, eventos do governo, etc., reconhecidos como espaços de legitimação social do IHGM e da revista.

Ressaltamos também nessa observação final a fundamental importância das pesquisas que fazem parte da agenda de pesquisa do LEEPOC, pois, foram essenciais para a compreensão desse universo investigado.

Nesse sentido, alguns estudos contribuíram para a apreensão de aspectos comuns ao Instituto Histórico e foram relevantes para a reflexão da dinâmica desse domínio cultural.

Conforme demonstrou Barroso (2017) através do estudo acerca da Academia Maranhense de Ciências (AMC), inserida em um contexto periférico e de país importador, que a forma de recrutamento desta Academia possui um caráter pessoalizado no ingresso de agentes sociais, embora tenha um respaldo de regime

estatutário, relativo às regras de admissão, estas últimas sofrem modificações e dá lugar às afinidades sociais, ligações de amizade, etc.

Estas características são semelhantes ao Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão (IHGM), tendo em vista que também prevalece os laços familiares e de amizade como ingresso de novos membros. Isso foi verificado no caso de Antônio Noberto e Leopoldo Vaz, por exemplo. Considerando que ambos foram convidados a ingressar na entidade através de relações de amizade como foi demonstrado no capítulo 4.

Outro aspecto que pode ser destacado no que se refere às práticas de imortalização de “vultos” está ligada aos elogios e à produção do livro dos fundadores da AMC, que de modo semelhante ao IHGM, também possui objetivo de reunir personalidades e celebrar os seus fundadores/patronos e novos membros com o intuito de notabilizá-los.

Igualmente foi verificado na investigação realizada por Grill e Reis (2017), relativo à Academia Maranhense de Letras (AML), que ocupa um lugar central na contribuição da edificação da “cultura regional”, e de formato semelhante produziu um livro intitulado *Perfis Acadêmicos* que tem a finalidade principal construir uma galeria de panteões da cultura no Estado.

Além disso, em todas as entidades apresentadas, verifica-se o trânsito de agentes em diferentes domínios sociais que se inter cruzam, bem como envolvidos com várias entidades culturais. Muitos de seus integrantes estão vinculados a estas Academias e outras, a exemplo de Natalino Salgado Filho, médico e atual reitor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA) e José Augusto Silva, atual presidente do IHGM, ex-reitor da Universidade Estadual do Maranhão (UEMA), que ocupam cadeiras nessas entidades culturais e científica (AMC) e assumem posições bem alocadas no universo social.

Tratando-se das diferenças entre as entidades indicadas (AMC, AML) e o IHGM, percebe-se que a particularidade do Instituto Histórico está ligada ao investimento na produção do periódico investigado, que embora não tenha alto grau de estabilidade ou mesmo consolidação social, apresenta uma característica de perenidade por seu atributo centenário. Ademais, demonstra uma composição relativamente singular, referente ao volume de publicações, às temáticas erguidas

e o engajamento de seus protagonistas em continuar fabricando uma galeria de notáveis da cultura regional.

Dessa forma, esses aspectos nos ajudaram a perceber as múltiplas dimensões analíticas acerca do processo relacional de construção de intérpretes regionais e a complexidade desse domínio cultural.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Alfredo Wagner Berno de. **A Ideologia da Decadência: leitura antropológica a uma história da agricultura do Maranhão**. Rio de Janeiro: Editora Casa 8/ Fundação Universidade do Amazonas, 2008.

BADIE, B.; HERMET, G. **Política Comparada**. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.

BARROSO, Dandara Azevedo Saraiva. **Porta-vozes da Ciência no Maranhão: trajetórias, redes e spoil system**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís – MA. 2017.

BEAUD, Stéphane; WEBER, Florence. **Guia para a pesquisa de campo: Produzir e analisar dados** etnográficos. Petrópolis, Rio de Janeiro: Editora Vozes Ltda., 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Os Ritos de Instituição**. In: Economia das trocas linguísticas. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, P. **A força da representação**. In: A Economia das trocas linguísticas. São Paulo: EDUSP, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **A distinção: crítica social do julgamento**. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Uma Imagem Ampliada**. In: BOURDIEU, Pierre. A Dominação Masculina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 11º ed., p. 15 – 67, 2012.

BOURDIEU, Pierre. **A identidade e a representação: elementos para uma reflexão crítica sobre a ideia de região**. In: BOURDIEU, Pierre. O Poder Simbólico. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 15º ed., p. 108 – 132, 2011.

BOURDIEU, Pierre. **O mercado dos bens simbólicos**. In: BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 6º ed., p. 99 – 154, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Estrutura, Habitus e Prática**. In: BOURDIEU, Pierre. A Economia das Trocas Simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 6º ed., p. 337, 2007.

CORADINI, Odaci Luiz. A formação da elite médica, a Academia Nacional de Medicina e a França como centro de importação. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 35, p.3-22, janeiro-junho de 2005.

CORADINI, Odaci Luiz. Grandes Famílias e Elite ‘Profissional’ na Medicina no Brasil. **Manguinhos**. Vol. III. Nov. 1996 – fev.1997.

CRUZ, Mariléia dos Santos. **A produção da invisibilidade intelectual do professor negro Nascimento Moraes na história literária maranhense, no início do século XX**. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 36, nº 73, 2016

DOS ANJOS, José Carlos Gomes. **Elites Intelectuais e a conformação da identidade Nacional em Cabo Verde**. Estudos Afro-Asiáticos, Ano 25, no 3, 2003, pp. 579-596.

GARCES, Karolline Cristine Reis. **Perfis Sociais, Produção Cultural e Atuação Política dos membros do Instituto Histórico e Geográfico do Maranhão**. Monografia (Graduação em Ciências Sociais). – Universidade Federal do Maranhão. São Luís – MA. 2017.

GUIMARÃES, Manoel Luís Salgado. Nação e Civilização nos Trópicos: o IHGB e o projeto de uma História Nacional. In **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, FGV, 1998.

GRILL. I. G. **Processos, condicionantes e bases sociais da especialização política no Rio Grande do Sul e no Maranhão: Rio Grande do Sul et Maranhão**. Revista de Sociologia Política. 2008, vol.16, n.30, p.65-87.

GRILL. I. G. Efeitos da ‘redescobertas das instituições’ na sociologia política francesa. **Revista Política e Sociedade**, n. 27, 2014.

GRILL, Igor Gastal. **As múltiplas notabilidades de Afonso Arinos: biografias, memórias e a condição de elite no Brasil do século XX**. Revista de Sociologia e Política, v. 23, p. 21-42, 2015.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos. **Dos Campos aos Domínios das “Elites” no Brasil**. Revista TOMO, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 32, p. 163-210, jan. /jun. 2018.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos (Org.). **O trabalho de construção de um “perfil cultural e artístico no Maranhão”**. In: GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos (Org.). Estudos sobre Elites Políticas e Culturais. São Luís: EDUFMA, p. 185 – 224, 2014.

GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos. **Interpretes e notáveis da literatura e da cultura popular do Maranhão**. Revista Ciências Sociais Unissinos, São Leopoldo, vol. 53, N. 2, p. 363-377, mai/ago 2017.

MATOS, Elisene Castro. **Intérpretes da “Cultura Popular” e a Produção De Memórias no Maranhão**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís – MA. 2019.

MATOS, Elisene Castro. EDIFICAÇÃO DA “CULTURA POPULAR MARANHENSE”: redes, perfis biográficos e investimentos na publicação de livros.

In: GRILL, Igor Gastal; REIS, Eliana Tavares dos (Orgs). **Estudos sobre elites políticas culturais**. São Leopoldo: Oikos, 2020.

MARTIN, Monique De Saint. **Coesão e Diversificação: Os descendentes da Nobreza na França, no final do século XX**. Revista Mana, 2002.

MILLS, C. Wright. As altas rodas. In: MILLS, C. Wright. **A Elite do Poder**. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 1981. p. (11-40).

NERIS, Wheriston Silva; SEIDL, Ernesto. **Crise e recomposição do *habitus* religioso na periferia do espaço católico**. Revista Pro-Posições, 2017, vol.28, n.3, pp.204-241.

PÉCAUT, Daniel. **Os intelectuais e a política no Brasil: entre o povo e a nação**. São Paulo: Editora Ática, 1990.

PEREIRA, Ariel Tavares. **Imbricamentos entre domínios jornalístico e político no Maranhão**. In: Encontro Anual da ANPOCS, 41^o, 2017, Caxambu/MG.

PEREIRA, Ariel Tavares. **Disputas Faccionais e Construções de “Ismos”: inscrições político-jornalísticas no Maranhão (1930-1960)**. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Maranhão. São Luís – MA. 2018.

PIETRARÓIA, Cristina Moerbeck Casadei; DELLATORRE, Sahsha Kiyoko Watanabe. **O ensino do francês no Brasil**. Revista *Odisseia*, Natal, RN, n. 09, p. 97-124, jul. - dez. 2012.

QUINTELLA, M. M. D. “Cultura e poder ou espelho, espelho meu: existe alguém mais culto do que eu? ”. In: Miceli, Sérgio. (Org.). **Estado e Cultura no Brasil**. São Paulo: Difel, 1984.

REIS, Eliana Tavares dos. **Em nome da “cultura”: porta-vozes, mediação, referenciais de políticas públicas no Maranhão**. Revista Sociedade e Estado, v. 25, n^o 3, setembro/dezembro 2010.

REIS, Eliana Tavares dos. **Um tipo diferente de diferença na elite política: perfis políticos e inserções culturais de parlamentares brasileiras**. Cadernos Pagu, julho-dezembro 2014.

REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor G. “Mirada reflexiva e esforços propositivos aos estudos de elites”. In: REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor G. (Orgs.) **Estudos sobre elites políticas e culturais. Reflexões e aplicações não canônicas**. São Luís: EDUFMA, 2016.

REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor G. **Estudos de elites políticas e as bases das multinotabilidades no Brasil**. Revista Tempo Social, pp. 137-159, v. 29, nº 3, 2017.

REIS, Eliana Tavares dos. Saberes em movimento: transações entre “intelectuais”, definições de ciências sociais e a “política”. In: GRILL, SEIDL (Orgs). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

REIS, Eliana Tavares dos. “Geração”, “Memória” e Homenagem aos mortos. In: REIS, Eliana Tavares dos. **Trajetórias, espaços e repertórios de Intervenção Política**. Porto Alegre (RS): EDUFMA; Zouk, 2015.

REIS, Eliana Tavares dos. Apropriações da gramática democrática, perfis militantes e concepções de gestão pública (RS e MA). In: MARENCO, André (Org.). **Os eleitos: representação e carreiras políticas em democracias**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2013.

REIS, Eliana Tavares dos; MACHADO, A. de C.; GARCES, K. C. R. Produtoras, gestoras e porta-vozes: perfis de mulheres que atuam na “cultura maranhense”. In: REIS, Eliana Tavares dos; GRILL, Igor Gastal (Org.). **Estudos sobre elites políticas e culturais**. São Leopoldo/RS: Oikos, 2020. p. (149)-(186).

ROCHA, André Gusmão da. **Os Novos Atenienses: Apropriação do imaginário da Atenas Brasileira na Primeira República**. In: III Simpósio de História do Maranhão Oitocentista: Impressos no Brasil do século XIX, 2013, São Luís.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. Os Institutos Históricos e Geográficos. In: SCHWARCZ, Lilia Moritz. **O Espetáculo das Raças: Cientistas, Instituições e Questão Racial no Brasil 1870 -1930**. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor Gastal (Org.). **As ciências sociais e os espaços da política no Brasil**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2013.

SEIDL, Ernesto. **Espaços de Politização e Processos de Engajamento em Sergipe**. Revista TOMO, São Cristóvão, Sergipe, Brasil, n. 32, p. 211-242, jan./jun. 2018.

SEIDL, Ernesto. **Lógicas cruzadas: carreiras religiosas e política**. Revista Pós Ciências Sociais, vol. 6, nº11, 2009.

VAZ, Leopoldo Gil Dulcio. **O “Sportman” Antonio Lopes da Cunha**. Revista de História do Esporte. Vol. 2, nº 2, 2009.

WEBER, Marx. **Sociologia da Dominação**. In: WEBER, Marx. Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva. Brasília, DF: Editora Universidade de Brasília: São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, p. 517 – 568, 2004.